

PAISAGEM CULTURAL do CAFÉ



Ribeirão Preto

PAISAGEM
CULTURAL
do **CAFÉ**

Ribeirão Preto

PAISAGEM
CULTURAL
do **CAFÉ**

Ribeirão Preto

Copyright © Instituto Paulista de Cidades Criativas de Identidades Culturais - IPCCIC

Rosa, Lilian Rodrigues de Oliveira; Silva, Adriana; Molina, Sandra Rita, organizadoras.
Paisagem Cultural do Café - Ribeirão Preto. São Paulo, 2023. IPCCIC - Instituto Paulista de
Cidades Criativas e Identidades Culturais - 2ª edição revisada.

184 páginas
ISBN 978 85 67042 01 5

CD 981

1. Ribeirão Preto

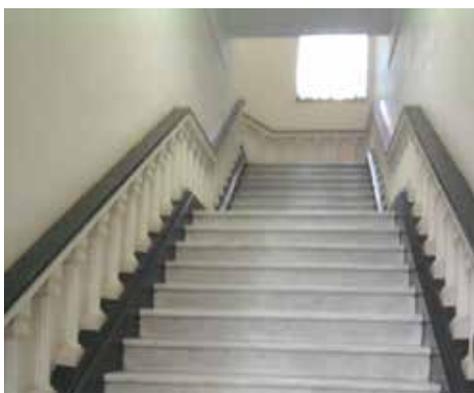
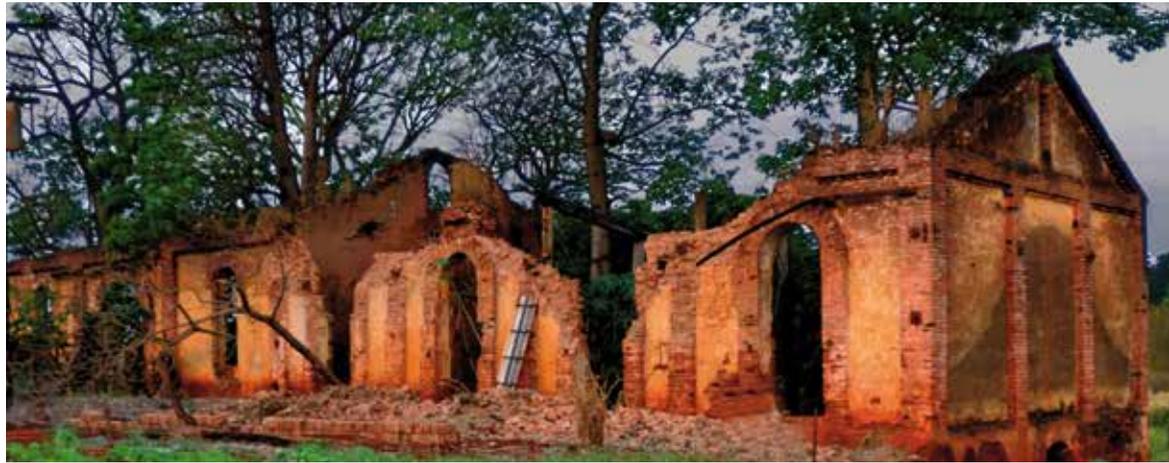
2. Patrimônio Cultural

3. História



Patrocínio







RIBEIRÃO PRETO



Equipe de 2013

Organizadores

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa
Adriana Silva

Textos e pesquisa

Adriana Cristina de Godoy
Adriana Silva
Ana Carolina Gleria
Aurélio Manoel Corrêa Guazzelli
Carolina Margarido Moreira
Delson Ferreira
Domingos J. L. Guimarães
Juscélia Vitória Teixeira Fiuza
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa
Luís A. Moretti
Marcelo Carlucci
Marcos Câmara de Castro
Michelle Cartolano de Castro Ribeiro
Mônica Jaqueline de Oliveira
Nainôra Maria Barbosa de Freitas
Sandra Regina Firmino Abdala
Sandra Rita Molina

Fotografia

Guilherme A. B. C. Ishie

Projeto Gráfico Livro

Adriana Silva

Projeto Gráfico Mapa

Ana Carolina Gleria

Assistente de pesquisa

Daniela Maria de Souza
Maira Picinato de Bortoli
Matheus Inácio Borges

Videodocumentário

Adriana Silva
Antônio Bernardo Torres

**REDE DE COOPERAÇÃO
IDENTIDADES CULTURAIS**

Equipe de 2023

Organizadores

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa
Adriana Silva
Sandra Rita Molina

Membros do IPCCIC

Adriana Silva
Amanda Maria Bonini
Ana Falcão
Ana Laura Pantoni
Antonio Bernardo Torres
Edgard de Castro
Helena de Oliveira Rosa
Laura Abbad
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa
Marcela Cury Petenusci
Maria de Fátima Costa Mattos
Mariah Leandro Campos
Marília Migliorini de Oliveira Lima
Marlene de Cássia Trivellato Ferreira
Maurício Martins Ferreira
Mônica Jaqueline de Oliveira
Nainôra Maria Barbosa de Freitas
Sandra Rita Molina
Vera Lúcia Blat Migliorini

Fotografia

Ibraim Leão

Projeto Gráfico

Adriana Silva

Projeto Educativo

Mônica Jaqueline de Oliveira
Adriana Silva

Sumário

Apresentação	10
Introdução	14
1. Paisagem cultural do café de Ribeirão Preto	18
2. Moradias e comércios do Centro	35
3. Os Edifícios da fé	44
4. Café pelos trilhos do trem	51
5. Bonfim Paulista: o Distrito das memórias	59
6. Roteiro da Paisagem Cultural do Café	64

CIRCUITO A

1. Casa da Caramuru	68
2. Museus Histórico e do Café (Fazenda Monte Alegre)	70
3. Estação Barracão	74
4. Avenida Jerônimo Gonçalves	75
5. Cervejaria Antarctica	77
6. Estúdio Kaiser de Cinema/ Cervejaria Paulista	79
7. Praça Francisco Schmidt e Maria Fumaça	80
8. Hotel Brasil	81
9. Rua José Bonifácio	82
10. Mercado Municipal	84
11. Quarteirão Paulista	86
12. Edifício Antônio Diederichsen	89
13. Praça XV de Novembro	91
14. Praça Carlos Gomes	94
15. Museu de Arte de Ribeirão Preto / Antigo Prédio da Sociedade Recreativa	95
16. Palácio do Rio Branco	96
17. Catedral Metropolitana	97
18. Avenida Nove de Julho	100
19. Cemitério da Saudade	101
20. Matriz Santo Antônio de Pádua	104
21. Parque Municipal do Morro de São Bento	106
O Bosque Municipal Fábio Barreto	107
Complexo Cultural Antônio Palocci	108
Mosteiro de São Bento e Santuário das Sete Capelas	110

A close-up photograph of a hand holding a lit candle. The candle is white with a bright yellow flame. The hand is positioned in the upper center of the frame, with fingers slightly curled around the candle. The background is dark and out of focus, showing some indistinct shapes and colors, possibly a book or a piece of fabric. The lighting is warm and focused on the candle, creating a soft glow on the hand and the surrounding area.

CIRCUITO B

22.	Biblioteca Altino Arantes	114
23.	Palacete Camilo de Mattos	115
24.	Palacete Albino de Camargo	116
25.	Solar Francisco Murdocco	117
26.	Palacete Joaquim Firmino	118
27.	Palacete Jorge Lobato	119

CIRCUITO C

28.	Cemitério de Bonfim Paulista	122
29.	Rua Felisberto Almada	123
30.	Paróquia Senhor Bom Jesus do Bonfim	124
31.	Prédio da CPFL	125

CIRCUITO D

32.	Cruz do Pedro	130
33.	Venda do Zé Goleiro	132
34.	Fazenda Boa Vista	134

Patrimônio Cultural na Cidade Humana	138
Educativo Paisagem Cultural do Café	142
Referências	167

Apresentação

Nascido da experiência de um grupo de pesquisadores oriundo da Rede de Cooperação Identidades Culturais que, à época, propunha mapear o patrimônio cultural que integra a cidade de Ribeirão Preto, o Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC) celebra, com a reedição desta obra, dez anos de existência resiliente na luta pela produção da ciência que auxilia na construção da cidade humana.

Nesse período, o grupo tornou-se múltiplo em sua formação e conhecimento, constituindo a diversidade na pesquisa, tão esperada para o século XXI. O cotidiano de estudo e investigação forjou um núcleo duro de integrantes, composto por um universo de saberes multidisciplinares. Contudo, seus parceiros ainda se movimentam. Ora se aproximam, em





função de projetos específicos, ora se afastam, movidos pela busca de qualificação e as oportunidades que a vida, generosa, apresenta. Mas todos continuam ligados ao que é fundamental e que os une, a ideia de uma cidade digna e possível para todos.

Em um momento em que o conceito era relativamente novo e recente, no Brasil, a Economia Criativa deu fundamento para as discussões desenvolvidas. Posicionamento que se explica, uma vez que essa linha de análise, dos cenários nacional e internacional, pressupõe o pensar para além do crescimento econômico, com foco no desenvolvimento social construído a partir do diálogo entre cultura, criatividade, tecnologia e sustentabilidade. Tais variáveis, que propõem gerar riqueza e bem-estar, associadas ao capital intelectual e aos valores simbólicos, podem garantir a superação de desigualdades estruturais.

Ou seja, mais um pilar do desenvolvimento sustentável tão necessário e desenhado pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) defendidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), em especial no contexto pós-pandêmico em curso.

Nesse tempo de existência, a Economia Criativa já não é mais um tema novo e desconhecido, mas ainda carece estar presente nas agendas do poder executivo das cidades e Estados deste país, a fim de que políticas públicas possam ser construídas coletivamente, entre atores políticos e cidadãos.

Entretanto, essa linha de reflexão, que uniu o grupo e permanece como bandeira, não é mais suficiente. Não basta mais que a cidade seja entendida como criativa. Ela precisa ser Humana, em primeiro lugar! Dessa forma, necessita ser pensada em seis tempos. Seis passos alinhados e simultâneos, que contemplem: o humano, em primeiro lugar; o cidadão como cocriador do espaço em que habita; o sentido de comunidade; o religar entre o Homem e o meio ambiente; a economia, que seja cocriadora, fundamentada na colaboração, no circuito curto, no modelo circular e criativa; e que possa, sempre, educar em suas múltiplas formas. Permeando tais passos, está o amor como atitude pedagógica.

A construção desse ideal de cidade exigiu que a coerência fosse a pedra de toque para o grupo. A união entre teoria e prática, que era um sonho, transformou-se, progressivamente, em realidade, evidenciada nas publicações; no desenvolvimento de uma Tecnologia Social própria; em diagnósticos sobre municípios; nas consultorias sobre educação, meio ambiente, segurança e implantação de projetos, na área de educação, em determinadas cidades. Assim, a vocação inicial de democratizar o pensar o conhecimento e disseminá-lo, é fato, dez anos depois.

Em sua primeira edição, esta obra, que inaugurava as atividades deste Instituto, propunha uma conexão entre a cidade, construída pelos grãos de café; sua paisagem

cultural; e seu povo. Aceno que se mantém, nesta nova edição. Trata-se de uma proposta pedagógica que convida o morador desta cidade, mundialmente reconhecida pela trajetória cafeeira e de modernização, a olhar com acolhimento para o que foi e ainda pode ser. E, uma vez apropriado desse conhecimento, entenda de que forma tamanho patrimônio cultural pode ser a base para a economia criativa local.

Nesse sentido, este livro pode ser entendido como uma trilha de alfabetização sobre nosso patrimônio, que possibilita o aprendizado factual e incentiva o amor pela cidade. Ao apresentar as referências culturais de Ribeirão Preto, promove um exercício de pertencimento com a cidade que passa a ser amada e, portanto, cuidada. Entendendo, aqui, daquele amor que desenvolve a autoestima de um cidadão, que passa a proteger uma praça, mas que também aprende que ninguém é feliz, em

uma cidade, se ela convive e persiste com os cinturões de pobreza. Nesse processo de aprendizagem, constrói-se a cidadania, que exige, fiscaliza e participa da construção de novas formas de viver em uma cidade.

Compõe, este livro, um videodocumentário, que objetiva difundir as riquezas apresentadas nestas páginas e, muitas vezes, ocultas aos olhos dos passantes e, de forma inédita, nesta segunda edição, um trabalho educativo voltado para o público estudantil.

Por último, mas não menos importante, importa mencionar que se trata da finalização de uma pesquisa iniciada pela Rede de Cooperação mencionada, incorporada e apoiada pelo IPCCIC. Este livro é um projeto aprovado pelo Programa de Apoio à Cultura (Proac), do Estado de São Paulo, e conta com a parceria da Usina Alta Mogiana, que acredita na importância de registros como este para a difusão da cultura.



Sandra Rita Molina
Presidente do IPCCIC

Introdução

Ribeirão Preto é um município do interior do estado de São Paulo conhecido por estar no centro do agronegócio nacional; por apresentar excelentes indicadores de qualidade de vida; e pelo grande número de instituições de nível superior. Quantos ribeirão-pretanos já não viveram a experiência de viajar para outras regiões do país e serem questionados com curiosidade sobre o chope, o café e a cana? Os menos inibidos perguntam, ainda, como é viver em uma “cidade tão rica”.

Quem mora, faz negócios, ou passa mais demoradamente por aqui, reconhece o dinamismo da economia local, mas também percebe que essa prosperidade oculta problemas sociais por trás dos slogans



Califórnia Brasileira; Capital do Chope; Capital do Café; Capital do Agronegócio. Favelização, custo de vida alto, problemas com transporte e sistema de saúde estão entre os dilemas de uma cidade que cresceu rápido e que não teve instrumentos para questionar sobre e em quais bases o seu desenvolvimento ocorreu, ou deveria ocorrer. Principalmente, faltou aparato para se perguntar o que é realmente importante para os sujeitos envolvidos nesse processo: os moradores do município.

Pesquisadores com múltiplas formações, ligados a várias instituições de ensino superior, reuniram-se num grupo de pesquisa chamado Rede de Cooperação Identidades Culturais. Entre 2010 e 2012, seus membros levaram a cabo o projeto Paisagem Cultural do Café. A experiência de pesquisa tinha como objetivo compreender as variadas identidades culturais de Ribeirão Preto a partir da produção de sentidos, dos significados atribu-

ídos pelos próprios ribeirão-pretanos. Além disso, o grupo identificou os elementos que davam especificidade ao município, características que, juntas, constituíram a paisagem cultural de Ribeirão Preto.

A pesquisa foi pautada no conceito de Paisagem Cultural, como definido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), por meio da Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009, artigo 1º: “porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”.

O grupo foi a campo estudar a influência da cafeicultura, entre o final do século XIX e a primeira metade do XX, na constituição da paisagem cultural de Ribeirão Preto. Os pesquisadores pretenderam compreender o que fazia sentido para a população; as identidades mais importantes; aquelas consideradas





como ícones representativos da cidade; as que todos têm orgulho de mostrar aos visitantes do município. Ou seja, identificar as referências culturais representativas do período do café. Como resultado de três anos de pesquisa, foram publicados 14 livros, muitos artigos científicos, e realizadas várias participações em congressos nacionais e internacionais. Além disso, três relatórios extensos deram conhecimento ao público sobre os resultados desses estudos.

De posse dessas informações, a equipe entendeu que era necessário produzir uma obra de caráter mais didático e que atingisse um público mais amplo. Como resultado, foi lançada, em 17 de agosto de 2013, a primeira edição do livro Paisagem Cultural do Café. Dez anos depois, em 17 de agosto de 2023, esse mesmo grupo de pesquisadores, reunidos no Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC), lançam a segunda edição da obra, revisada e ampliada.



Pelas lentes do fotógrafo Ibraim Leão, os bens culturais foram revisitados. Os novos registros foram inseridos nas páginas do livro, com o objetivo de motivar um olhar crítico e comparativo do leitor para as transformações ocorridas na última década.

Adiantamos, ao leitor, que as referências culturais permanecem. Contudo, como em 2012, ainda são praticamente invisíveis aos olhos dos habitantes e visitantes. Monumentais ou não, elas resistem silenciosas, em praças e ruas cada vez mais movimentadas pela crescente população do município.

Diante dessa realidade, o IPCCIC mantém o convite feito há uma década. Chama a todos para erguerem seu olhar acima da linha do horizonte e descobrirem camadas de um tempo que ainda não passou. Acima de tudo, chama, à descoberta aqueles que não conheciam; à lembrança, aqueles que esqueceram; e, ao planejamento do futuro, aqueles que sonham com uma Ribeirão Preto humana, que olha para os seus bens culturais como a base para o desenvolvimento do sentido de pertencimento de uma comunidade.

1. Paisagem Cultural do café de Ribeirão Preto: Um conceito em construção

O termo paisagem cultural emergiu no campo da Geografia. Franz Boas (1858-1942) desenvolveu o conceito partindo do pressuposto de que cada povo/cultura se expressa, de uma forma diferente, em ambientes semelhantes. Cada cultura e lugar têm especificidades que influenciam na compreensão dos fatores culturais e na percepção das transformações da paisagem. Ao longo dos anos, a ideia de paisagem cultural gerou múltiplas interpretações. No final dos anos 1980, foi possível reunir três grupos de entendimento sobre o conceito de cultural landscape: a) como paisagem modificada ou influenciada pela atividade humana; b) como elementos com valor na

paisagem humanizada, ameaçados por mudanças ou em risco de desaparecimento; c) como elementos na paisagem com significado para um determinado grupo em determinado contexto cultural.

No início dos anos 1990, o tema ganhou interesse, dentro da comunidade científica de preservação do patrimônio cultural. Como resultado desses debates, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) adotou o conceito de paisagem cultural, em 1992, como uma nova tipologia de reconhecimento dos bens culturais. Em consonância com o órgão internacional, o Iphan regulamentou a paisagem cultural como instrumento de



Ao lado, um conjunto escultórico representando os imigrantes italianos em exposição permanente no Museu do Café Francisco Schmidt. Abaixo, uma capela rural da Fazenda São Joaquim. No campo e na cidade a mão de obra imigrante e a religiosidade católica foram elementos marcantes na conformação identitária ribeirão-pretana no final do século XIX e no início do século XX. Em decorrência disto ainda são importantes referências culturais desse período cujas marcas materiais e intangíveis ainda podem ser percebidas no município.



preservação do patrimônio cultural brasileiro, em 2009, por meio da Portaria nº 127. À época, os sítios que recebiam essa chancela eram, principalmente, áreas rurais, sistemas agrícolas tradicionais, jardins históricos, e outros locais de cunho simbólico, que destacavam a relação entre o homem e a natureza. O Iphan apresentava, como exemplos da paisagem cultural, as relações entre o sertanejo e a caatinga; o candango e o cerrado; o boiadeiro e o pantanal; o gaúcho e os pampas; o pescador e os contextos navais tradicionais; o seringueiro e a floresta amazônica.

Duas décadas depois, em 2012, o Rio de Janeiro foi reconhecido como a primeira paisagem urbana do mundo. O título baseou-se em um conjunto formado por locais como o Pão de Açúcar; o Corcovado; a Floresta da Tijuca; o Aterro do Flamengo; o Jardim Botânico; a praia de Copacabana; e a entrada da Baía de Guanabara. A paisagem carioca foi considerada única, no mundo, reconhecida como exemplo excepcional da relação entre a paisagem natural e a intervenção do homem, incluindo o uso e as práticas em seu espaço e suas manifestações culturais. O foco do reconhecimento foi a interação entre cultura e natureza, em uma metrópole intensamente povoada.

A pesquisa que originou este livro se desenvolveu justamente entre 2010 e 2012, quando o conceito de paisagem cultural passava por amplo debate nos âmbitos nacional e internacional. Inspirados pela

chancela do Rio de Janeiro e pelos debates sobre o tema, a proposta era (e ainda é) olhar para o município de Ribeirão Preto aplicando o conceito de maneira mais ampla, identificando lugares e edificações que representam um processo de desenvolvimento cultural, ao longo dos séculos XIX e XX, que testemunhem as experiências resultantes do modo de vida relacionado à produção cafeeira,



especialmente na área urbana. Foram selecionados e agrupados elementos que compõem um sistema complexo, construído por inter-relações entre a comunidade e o território, responsáveis por expressar valores materiais e imateriais que constituem a(s) identidade(s) do ribeirão-pretano, construída em suas relações com o café, no período entre o ano de 1876 e meados do século XX.



Rua General Osório, vista a partir da Estação Ribeirão Preto da Cia. Mogiana. No centro da foto, ponte sobre o ribeirão do Preto e, no canto esquerdo, luminária a gás. A Rua General Osório era conhecida como a Rua da Estação, representando o segundo eixo de expansão urbana do município que seguia até o local da Praça XV de Novembro. Data: 1899. Fotógrafo: João Passig. APHRP, Fundo JPM.

Ribeirão Preto: café, prestação de serviços e transformação urbana

Localizada no nordeste do estado de São Paulo que, por sua vez, compõe a Região Sudeste do Brasil, Ribeirão Preto organizou-se administrativamente na segunda metade do século XIX. Já no período da sua emancipação de São Simão, em 1871, o município entrou na zona de expansão cafeeira. A partir de 1876, a qualidade da sua terra vermelha foi divulgada em periódicos nacionais por pessoas como Luiz Pereira Barreto (responsável pela introdução do café tipo Bourbon em Ribeirão Preto). Sua família tornou-se uma das maiores produtoras de café, nessa região, e o seu cultivo foi a primeira atividade econômica intensiva da cidade, associando solo fértil, investimentos externos e tecnologia moderna (inclusive de transportes, como a ferrovia). Os excelentes índices de produção e produtividade alcançados foram defi-

nidos pela relação entre o meio ambiente adequado à sua adaptação e o perfil capitalista do agricultor dessa região. A conjugação desses fatores resultou no sucesso da cultura do café.

Entre 1889 e 1930, Ribeirão Preto foi caracterizada pelo poder político-econômico dos cafeicultores ligados ao Partido Republicano Paulista (PRP). Os coronéis do café marcaram época, por colocarem a cidade numa posição de destaque na política nacional, durante a fase da “Política do café com leite”.

Como elites política e econômica, os cafeicultores influenciavam na gestão municipal. A cidade era conduzida de acordo com as demandas de lazer, abastecimento e racionalização do espaço urbano. No final do século XIX, a área urbana foi ampliada,

Praça 13 de Maio, atual Praça das Bandeiras, onde foi construída a Catedral Metropolitana de São Sebastião e próximo, o Palácio Episcopal. APHRP.



com a expansão do arruamento num tabuleiro linear, no qual predominavam as residências e comércios. A cidade cresceu em duas vertentes.

A primeira vertente de crescimento ocorreu entre 1874 e 1883, nas proximidades do córrego do Retiro, aquele que corre na atual Avenida Francisco Junqueira. Nessa fase, a atual Rua Mariana Junqueira, então Rua do Comércio, era o principal eixo comercial. Num contexto no qual o café tornava o município um centro de atração populacional, o aumento do número de habitantes demandava novos serviços urbanos e de infraestrutura, como iluminação, água, esgoto, implantação de jardins públicos e calçamento.

Aos poucos, essas obras, executadas pelo poder público municipal, na área do Largo da Matriz, foram constituindo a ideia de centro da cidade, dentro dos limites geográficos definidos pelos córregos do Retiro e do Preto (atualmente conhecido como Ribeirão Preto). Nas proximidades da Igreja, consolidava-se o território de sociabilidade da comunidade, caracterizado, principalmente, por festividades de caráter religioso, que promoviam a integração por meio de celebrações, que representavam uma das únicas formas de lazer.

Com a chegada do trem, em 1883, e a inauguração da Estação Ferroviária, o crescimento da cidade foi direcionado para outra área. O novo prédio ficava de frente para a Rua General Osório, instalado nas margens do curso d'água que deu nome ao município.

Catedral de São Sebastião e Praça das Bandeiras. Ao fundo o alto do bairro Higienópolis. Data: 1950. Fotógrafo. Foto Esporte. APHRP, FJPM.







Esse se tornou o novo eixo comercial da cidade. O córrego transformou-se na nova vertente da expansão urbana. A zona central, até então definida pelo entorno do Largo da Matriz, foi estendida até a Estação Mogiana.

Nessa região, localizava-se a Rua José Bonifácio, que abrigava edificações comerciais e residenciais criadas em função do fluxo condicionado pela Estação Ferroviária. Possuía pequenos comércios de secos e molhados; ofertas de serviço; e barracões destinados ao armazenamento e à negociação de café. Os prédios de uso misto, residencial e comercial eram característicos dessa rua, e podem ser observados até os dias de hoje: nos sobrados, sem recuo lateral, a residência do proprietário ficava na parte superior e, o comércio, no térreo.

Também na Rua José Bonifácio, encontra-se o Mercado Municipal, cuja construção, original de 1900, foi substituída, na metade do século XX, após um incêndio. Mesmo com a nova edificação, mantiveram-se as características da comercialização de produtos perecíveis originários do meio rural: queijos, embutidos, grãos, como

Palacete Innecchi, prédio à esquerda e a sede social da Sociedade Recreativa (atualmente este prédio abriga o Marp - Museu de Arte de Ribeirão Preto), localizados na esquina da Rua Barão do Amazonas com a Rua Duque de Caxias. O Palacete Innecchi foi demolido e no local foi construída uma agência bancária. Data: 1930. Fotografia: não Identificado. APHRP.



também utensílios de uso cotidiano, como chapéus, fumo de corda, enxadas, etc. Essa rua, em especial, é, até hoje, um exemplo do processo de acumulação e integração, na paisagem urbana, de elementos de períodos históricos diversos.

Os dois eixos de expansão descritos auxiliam a compreender a constituição de uma paisagem urbana, de Ribeirão Preto, entre o final do século XIX e o início do século XX. Nesse processo, a edificação do Theatro Carlos Gomes, que se localizava no centro da Praça que, atualmente, leva o seu nome, tornou-se o marco mais significativo da imagem que a sociedade ribeirão-preтана desejava evidenciar por meio da “construção de uma nova Ribeirão Preto”: a Capital d’Oeste.

Theatro Carlos Gomes, ou teatro conforme grafia original. Vista do prédio a partir da Praça XV de Novembro e Rua Duque de Caxias. Ao fundo, prédios da Rua Barão do Amazonas. Data: 1933. Fotógrafo: Não Identificado. APHRP.

A inauguração do teatro, em 1897, levou para um espaço, anteriormente consagrado quase exclusivamente às vivências religiosas (foi construído em frente à Igreja da cidade), um edifício representativo de uma arquitetura monumental, que tinha como objetivo evidenciar o poderio econômico da elite cafeeira. Era a representação física de um desejo de mostrar-se como uma sociedade moderna.

Com a demolição da Igreja Matriz, em 1905, esse lugar transformou-se, constituindo outro território cultural, dedicado ao

lazer mundano. O espaço religioso foi deslocado para fora do eixo da Rua General Osório, com a construção da nova Matriz, entre as atuais Ruas Tibiriçá; Visconde de Inhaúma; Florêncio de Abreu; e Lafaiete. A elite ligada, direta ou indiretamente, ao café, ocupava o centro, em todos os sentidos. Um exemplo foi a inauguração do Paço Municipal, com uma edificação que abrigou a sede do poder político local, a Câmara e a Prefeitura, em 26 de maio de 1917. Em 1948, por meio da Lei nº 24, o prédio passou a ser chamado de Palácio Rio Branco.

Nas duas primeiras décadas do século XX, a Praça XV consolidou-se como um espaço dedicado ao convívio das classes abastadas e interdito às classes de menor poder econômico, que viviam para além dos córregos. Um dos edifícios representativos desse período é o da Sociedade Recreativa, atual Museu de Arte de Ribeirão Preto (Marp).

Os investimentos em embelezamento urbano, que davam forma à “estética da modernização”; a edificação de “belas construções”; e a constituição do polo de lazer da classe alta, em torno do Teatro Carlos Gomes; bem como as obras de saneamento, definiram os limites entre o que era considerado o perímetro urbano do município; o que é hoje o centro. O restante da cidade, na área “extra-rios” tornava-se a “periferia”, habitada pela população mais pobre e fora da prioridade no recebimento de melhorias na sua infraestrutura.

Na década de 1920, as ações de embelezamento também ocorreram em praças públicas, como a XV de Novembro; Treze de Maio; Aureliano de Gusmão; e Praça da Estação, que foram ajardinadas e arborizadas. A paisagem urbana passou a conter novas representações arquitetônicas que estivessem à altura do status político-econômico conquistado pelos cafeicultores. Embora importantes construções já tivessem sido erigidas, a nova elite cafeeira não se reconhecia em meio àquela arquitetura de influências coloniais, feita com materiais locais e sem o luxo que revestia a capital da Província. A cidade passou por uma verdadeira remodelação arquitetônica, recebendo novos edifícios em estilo eclético, construídos com sofisticados materiais importados pelos capomastri - mestres-de-obras italianos -, que assinavam os pedidos de licenças para construções e assumiam até mesmo as funções do arquiteto (SILVA, 2006). As edificações ecléticas representavam a ideia de progresso e modernidade.

O marco arquitetônico que definiu o final desse período de urbanização foi o Quarteirão Paulista. Constituído pelo Teatro Pedro II; o Edifício Meira Júnior; e o Palace Hotel, esse “conjunto arquitetônico monumental”, construído com o capital da indústria cervejeira, completou o cenário da cidade que desejava ser vista e consolidada como moderna.

A partir de meados dos anos 1930, a produção cafeeira entrou em declínio, no



Quarteirão Paulista. Da esquerda para a direita: Edifício Meira Júnior (onde hoje está instalada a Choperia Pinguim), o Theatro Pedro II e o atual Centro Cultural Palace, à época um hotel que foi adquirido pela Cia. Paulista e cuja fachada foi reformada com o objetivo de constituir um conjunto harmônico com os demais edifícios. Data: anos 1930. Fotógrafo: Maggiori. APHRP.

município. Paulatinamente, foi substituída pela predominância da policultura, principalmente o algodão e, posteriormente, pelo plantio de cana-de-açúcar. Enquanto na zona rural viam-se os terreiros de café serem abandonados, na área urbana, também se observavam transformações profundas.

Ribeirão Preto apresentava um crescimento populacional de 15,5%, passando de 79.771 habitantes, em 1940, para 92.160, em 1950. Esse aumento foi acompanhado por uma urbanização que fez deslocar parte da população rural para a cidade. Como consequência desse crescimento, entre 1940 e 1970, foram aprovados 185 loteamentos, representando significativa expansão da área urbana. Dois deles, criados na década de 1940, Higienópolis e Jardim Sumaré, indicavam a expansão da cidade para a zona sul, como área destinada às classes mais

abastadas. A Avenida Nove de Julho, que, em 1955, teve finalizada sua abertura, passou a representar a artéria da cidade, recebendo residências projetadas com padrão arquitetônico evidentemente superior às demais áreas residenciais.

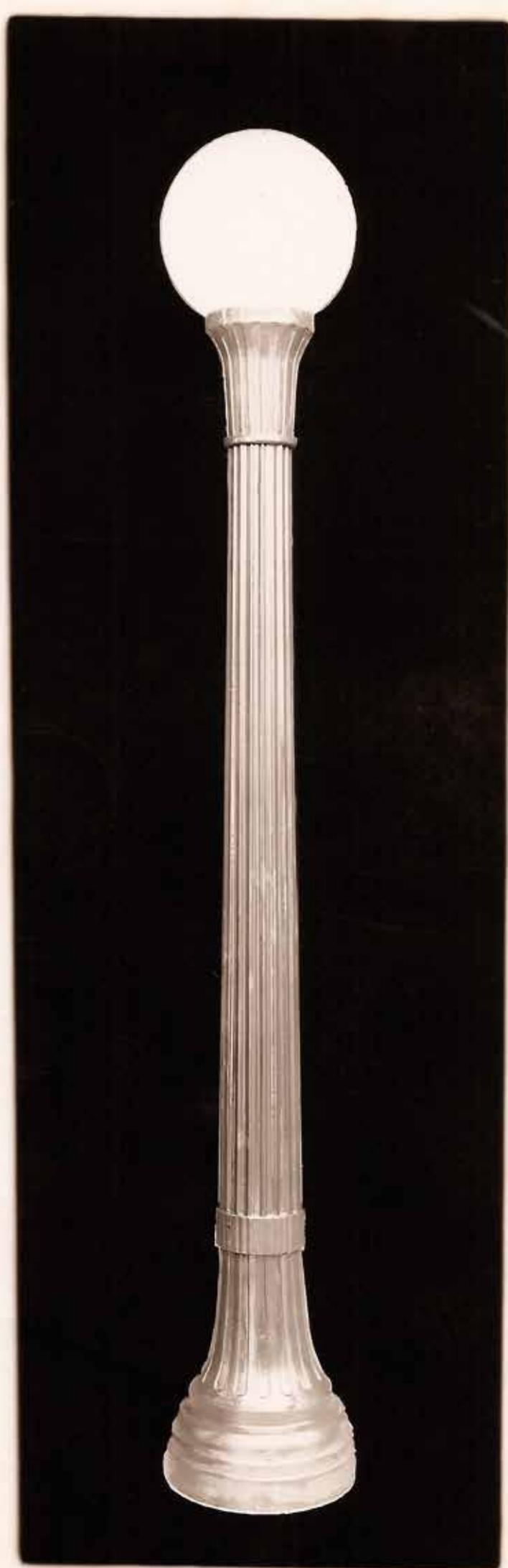
Seguindo os ventos dessa mudança, o jornal Diário da Manhã, de 6 de janeiro de 1955, anunciou que a prefeitura do município, com a cooperação de particulares, instalaria 43 postes ornamentais com ligação subterrânea, ao longo de toda a Avenida Nove de Julho, fabricados pela oficina Bianchi, de propriedade de Adolpho Bianchi. Os mesmos postes foram instalados no centro, em ruas como: General Osório, Barão do Amazonas, Álvares Cabral e São Sebastião.

Como resultado das rápidas transformações urbanas pelas quais a cidade passou, em novembro de 1978, os postes

Modelo de poste em ferro fundido fabricado pela Oficina Bianchi. Além deste, outros com duas tocheiras foram instalados na Avenida Nove de Julho. Data: primeira metade do Século XX. Fotógrafo: não Identificado. APHRP.

ornamentais, que, duas ou três décadas antes, tinham sido o símbolo do embelezamento e modernidade do centro da Avenida Nove de Julho, foram retirados. Atualmente, podem ser vistos em alguns pontos da cidade, entre eles, em frente ao Palácio Rio Branco e nos arredores da Casa da Cultura, no Morro de São Bento.

Fenômenos urbanos contemporâneos, como o deslocamento das classes altas para a zona sul e a implantação de shoppings centers em outras áreas, a partir dos anos de 1980, acarretaram o início do “abandono” do Centro Histórico pela elite e, especialmente, pelo poder público, que passou a investir na implantação da infraestrutura ainda inexistente em áreas periféricas, especialmente na zona sul. Esse abandono ganhou relevância com a saída do poder executivo municipal do Palácio Rio Branco, em 2022. Mesmo o prédio passando por restauração e vindo a ser sede da Secretaria da Cultura e Turismo, descumpra a função para o qual foi construído e tem o seu prestígio reposicionado.



Paisagem Cultural do Café de Ribeirão Preto

O breve relato sobre a história de Ribeirão Preto evidencia que os bens culturais remanescentes do período do café (1876 até meados do século XX) resistiram às intensas transformações urbanas. Os elementos, ainda existentes, deixam entrever uma paisagem cultural urbana constituída por uma sociedade simultaneamente baseada no empreendimento agroindustrial e na prestação de serviços, perfil que, até os dias atuais, define economicamente o município.

As paisagens urbanas refletem as formas de fazer, viver e se relacionar; guardam o “DNA” da comunidade e, por isso, são únicas; não existem duas iguais. São fruto das apropriações do meio natural que esculpiram a atual paisagem cultural. Lugares que materializam o esforço humano de interação com o meio. No período do café, tornaram-se presenças marcantes, verdadeiros testemunhos do espaço compartilhado.

Marcas do dinâmico desenvolvimento das sociedades, definidas pela acumulação, transformação e substituição constante de elementos que constituem e caracterizam as paisagens culturais. Nesse caminho, os bens culturais dão o sentido de continuidade e diversidade, contidas no esforço da experiência humana, ao longo de períodos históricos diferentes.

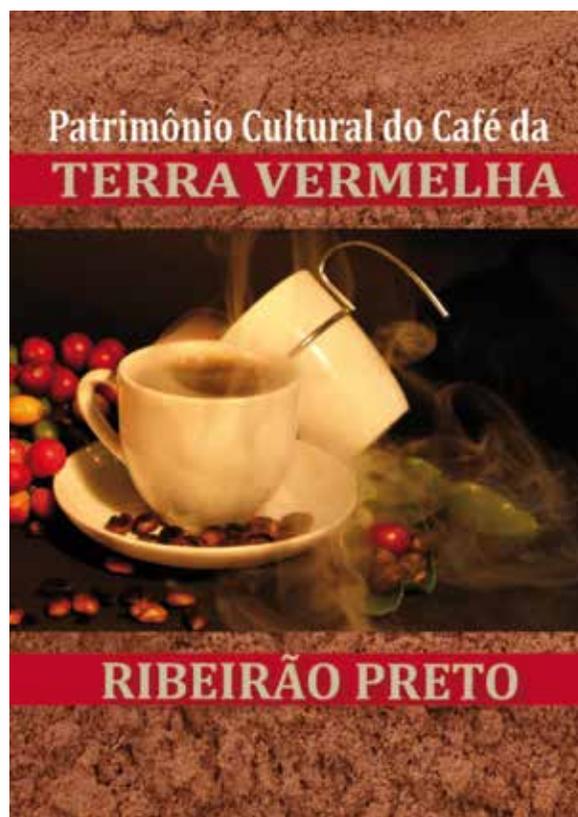
Nos dias atuais, mesmo com uma das mais altas taxas de urbanização do país, Ribeirão Preto ainda mantém referências culturais fortes com as suas raízes rurais. É perceptível que há um limite tênue entre campo e cidade. Essa condição justifica a escolha do conceito de paisagem cultural para o conjunto de bens apresentados neste livro, como representativos das referências culturais que são fruto das relações entre homem e meio.

Os bens selecionados para compor a obra Paisagem Cultural do Café de Ribeirão Preto são fruto de intensa pesquisa de campo, realizada entre 2010 e 2012. Nesse período, foi firmado um termo de cooperação entre a Secretaria Municipal da Cultura de Ribeirão Preto e o Iphan, autorizando o uso da metodologia Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e o acompanhamento de dois profissionais técnicos da 9ª regional do Iphan-SP. Para a aplicação do inventário no município, foi criada uma rede composta por pesquisadores oriundos de instituições de ensino e com o patrocínio de empresas privadas. O recorte territorial para o inventário dos bens culturais foi definido a partir da evolução urbana do município. Foram incluídos o quadrilátero central e os bairros mais antigos: Campos Elíseos; Vila Tibério; Vila Virgínia (República); Ipiranga (Barracão); e Distrito de Bonfim Paulista.

A escolha do café como recorte temático justifica-se pela relação entre o desenvolvimento urbano e a economia resultante dessa atividade agrícola, entre o final do século XIX e meados do século XX. No bojo do complexo cafeeiro, registram-se desenvolvimentos comercial, industrial e cultural, que ajudaram a esculpir a paisagem cultural atual do município e da região. Isso talvez ajude a explicar a manutenção de referências culturais ligadas aos modos de viver rurais, articuladas, ao mesmo tempo, com influências fortes da cultura europeia.

A pesquisa destaca bens culturais edificadas no período do café que, vistos de maneira isolada, podem parecer, a um leitor menos atento, que não possuem relação. Que ligação teria um edifício comercial construído na segunda metade dos anos 1930 e um museu instalado na área de uma antiga fazenda de café do final do século XIX? Ou, ainda, como uma cervejaria poderia compor um conjunto cultural coerente com uma “venda” localizada na zona rural? As respostas para essas perguntas passam pela premissa de que uma paisagem cultural é formada por fatores imateriais, intangíveis, como também por um ambiente construído e pelas relações homem/meio. Portanto, todas juntas traduzem a “civilização do café”, expressão escolhida para dar sentido a um complexo de atividades que se desenvolveu, direta ou indiretamente, ligada à economia cafeeira, que se expan-

diu na região num processo imbricado de relações entre pensamento econômico modernizador e política conservadora, como condutores de formas de transformação do meio ambiente. A importância da terra roxa e de outras características geográficas da região, para a cafeicultura, já foi tema de outro livro, publicado por esse mesmo grupo de pesquisadores: Patrimônio Cultural da Terra Vermelha.



Baixe a versão em
PDF do livro

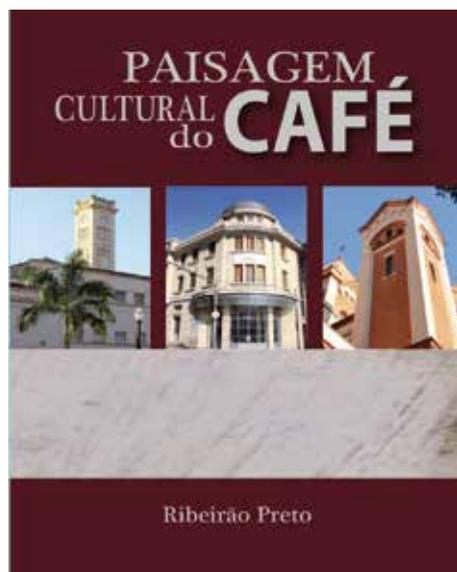
Assim, o conjunto de bens apresentado nas próximas páginas é formado por elementos remanescentes do período durante o qual o café foi o principal produto da economia local e foram escolhidos a partir do valor a eles atribuído pela população como representativos dessa época, marcadamente complexa e heterogênea, no que diz respeito às referências culturais que produziu. Foram selecionadas as referências culturais edificadas que se relacionam às práticas culturais e socioeconômicas do período do café, em Ribeirão Preto, e que ainda subsistem na comunidade.

Os critérios de seleção dos bens que integram esta obra reconhecem que o empreendimento agroindustrial do café esculpiu uma paisagem cultural específica, que ultrapassa os limites da descrição visual (dado imediato e concreto), agregan-

do outras esferas de leitura ligadas ao contexto urbano, aos condicionantes socioculturais, aos dados históricos e à produção simbólica.

Ao observar esses bens, o leitor deve compreendê-los de maneira integrada e articulada, como parte de uma paisagem cultural esculpida no passado, mas que permanecem na memória viva da população, como constituintes da sua própria identidade.

Dez anos depois da primeira edição deste livro, é possível afirmar que novos significados são continuamente produzidos na dinâmica relacional entre homem e meio. Contudo, mesmo com as constantes transformações econômicas, urbanas e culturais, os elementos que constituem a paisagem cultural do café em Ribeirão Preto ainda resistem.



Em 2013, a edição do livro Paisagem Cultural do Café foi acompanhada de um documentário. O mesmo pode ser assistido no QR Code abaixo.



Edifício Diederichsen em construção visto a partir da Praça XV. Panorama da esquina da Rua General Osório esquina com a Rua Álvares Cabral. Vista dos prédios do Banco do Brasil, na Rua General, do Banco Francês Italiano e do Edifício Meira Junior. Data: 1935. Fotógrafo: não identificado. APHRP.





2. Moradias e comércios do Centro

Durante três anos de pesquisa, o grupo multidisciplinar composto por arquitetos, historiadores, entre outros, inventariou mais de seiscentas edificações no centro, construídas entre o final do século XIX e o início do XX. Estas construções foram caracterizadas a partir de uma metodologia disponibilizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN. Depois de identificados, os imóveis foram divididos em grupos, tendo como referencial primário a classificação estilística dos edifícios, ou seja, em que medida as arquiteturas locais seriam representantes de modelos, movimentos e tendências que vinham da Europa e dos grandes centros urbanos do período.

Dessa forma, o conjunto de bens ficou dividido em seis categorias: Ecléticos, Art Déco, Missões, Neocoloniais, Proto-modernos e Híbridos. Para uma melhor compreensão

sobre essas tipologias, foram selecionados exemplos típicos de edifícios de cada uma delas.

Ecléticos

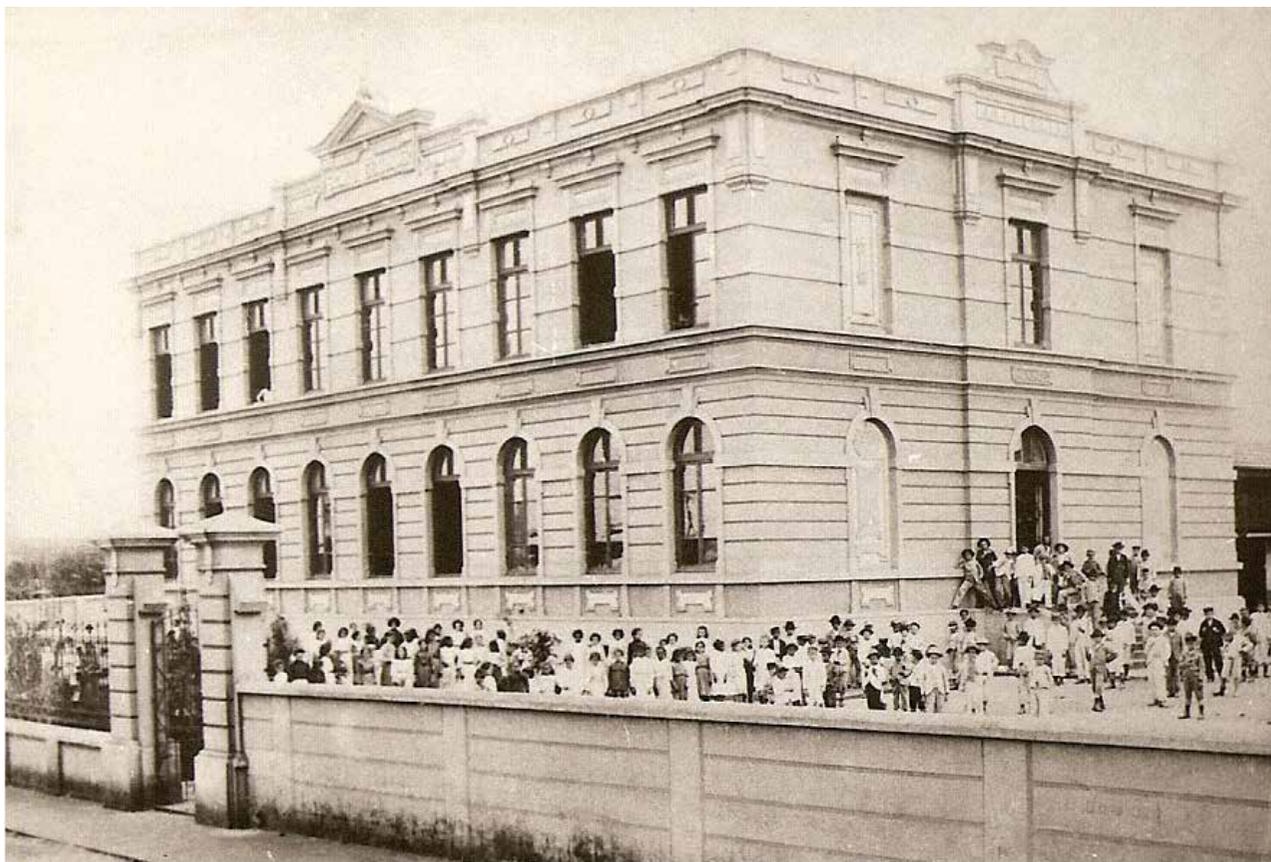
O chamado “ecletismo” é um termo que contempla dois significados distintos: pode indicar o período em que convivem, concomitantemente ou em sucessão rápida, diversos estilos arquitetônicos concorrentes entre si, mas, também, pode designar uma atitude intelectual que mistura numa mesma obra diferentes influências. O que caracteriza essa arquitetura é a mescla de estilos e a ampla citação de momentos históricos específicos. Assim, ornatos advindos da arquitetura clássica, como frontões e pilastras, se misturam com curvas Art Nouveau dos anos 1920 ou até mesmo com repertórios asiáticos



como o chinês e o árabe, reflexo de um mundo que já se globalizava por meio das trocas de informações.

Para o caso específico de Ribeirão Preto, adotou-se o termo “Eclético” para os bens edificados no bojo das transformações advindas com a lavoura cafeeira. Eles se caracterizam como uma adaptação da arquitetura moderna

e sofisticada da elite econômica, que foi simplificada pela população de menor poder aquisitivo. Podem ser entendidos como índices de poder e riqueza. As construções variavam do ecletismo acadêmico (mais sofisticado e rico) ao despojado (arremedo do acadêmico). Nesse grupo também se encontram os edifícios escolares.



Primeiro Grupo Escolar de Ribeirão Preto. Sua criação foi uma iniciativa de Luiz Pereira Barreto e do Senador José Guimarães Júnior. Em 1895 foi instalado na Rua Barão do Amazonas, posteriormente passando para a Rua Duque de Caxias. Em 1905 Arthur Diederichsen doou um terreno para a construção da Escola, na Rua Lafaiete, 584, onde funciona até os dias de hoje como a Escola Estadual Dr. Guimarães Júnior. O projeto do prédio é do arquiteto Samuel das Neves, que também projetou a Estação Júlio Pretes, em São Paulo, capital. O edifício é tombado como Patrimônio Histórico pelo Governo do Estado de São Paulo. Fotografia: João Passig. APHRP, Fundo JPM.

O projeto de requalificação do Centro da Cidade, iniciado em 2011, pela Prefeitura, concebido a partir do Inventário realizado pela Rede de Cooperação Identidades Culturais, prevê o aterramento dos fios elétricos e, com o projeto Cidade Limpa, também implantado, os imóveis históricos, como o exibido nesta página, ganharão soberania visual.



Entre os anos de 2011 e 2015, o centro da cidade de Ribeirão Preto passou por uma intervenção urbana, mas a obra executada não correspondeu ao projeto. Infelizmente, toda a proposta de paginação do piso e caracterização estética, com as cores e as texturas do café, não foram respeitadas. Um dos benefícios do projeto foi o aterramento dos fios suspensos, mas não compreendeu toda a área central, pois ficou restrito ao calçadão. A beleza da não interferência dos fios pode ser observada nessa foto. Em 2013, com a poluição visual, e, em 2023, livre, para a devida apreciação de um patrimônio histórico como esse da Rua Tibiriçá, 431, 441.

Imóvel Eclético localizado na Rua Tibiriçá, 431, 441.

2023





2023

Nesses dez anos, a cidade ganhou a Casa da Memória Italiana. Completamente preservada, a planta do imóvel é de 1923, a obra foi concluída em 1.925. Em 2014 a casa residencial virou museu.



Imóvel com tipologia Eclética, localizado na Rua Cerqueira César, 690, 678, 680, 684.

Art Déco

A partir dos anos 1920 houve uma “onda modernizadora” vinda de Paris, que remodelou os padrões ornamentais do ecletismo, utilizando geometrizações mais racionalizadas, com o vasto uso de escalonamentos e planos sobrepostos. Se for levada em conta uma genealogia da arquitetura Art Déco no Brasil, é possível localizá-la entre o que se chamou genericamente de Ecletismo e Modernismo. Muitas fachadas ecléticas passaram por essa mudança estilística em Ribeirão Preto, como mostrado nas imagens abaixo.

O Art Déco encontra ampla utilização em edifícios altos e fachadas ecléticas de residências que buscavam certa modernidade que superasse o ecletismo.



Uma curiosidade sobre o Prédio da SUV é que, embora ele seja tipicamente Art Déco, em seu interior há um elemento construtivo do final do século XIX com características Neoclássicas. Trata-se da escada original do Teatro Carlos Gomes remontada com adaptações neste edifício.

Imóvel Art Decó localizado na Rua Álvares Cabral 567, 563, onde funciona a Sociedade União dos Viajantes (SUV), mais antiga associação do gênero ainda em funcionamento em Ribeirão Preto.



Missões

Por influência do cinema norte-americano dos anos 1930, grande difusor do Spanish Colonial Style, espécie de gosto pelo exótico latino-americano cultivado por meio do american way of life, essa nova tendência se espalhou rapidamente de norte a sul do Brasil. Em Ribeirão Preto, este estilo foi notadamente adotado por projetistas de edifícios residenciais de porte médio e pequeno.

O uso de arcos nas fachadas, o encabeçamento de muros com telhas capa e canal, as paredes rusticadas, a sugestão de elementos exóticos como a chaminé e a busca de certo ar acolhedor e pitoresco ao conjunto, são suas características mais marcantes.

Imóvel característico do estilo Missões, localizado na Rua São Sebastião, 834.



Neocoloniais

Estilo resultante do movimento neocolonial capitaneado por Ricardo Severo e Lucio Costa, esta arquitetura era filiada à Semana de Arte Moderna de 22. Georg Przyrembe, arquiteto de origem polonesa participou deste evento que mudou os rumos artísticos do país. Propunha a afirmação de uma identidade nacional após o sufocamento pela apropriação da cultura europeia, provocado, principalmente, pelas ações resultantes da Missão Artística Francesa, que se pretendeu esquecer o passado colonial considerado primitivo e retrógrado em nome do progresso, via resgate da arquitetura barroca dos oitocentos. Com manifestações eruditas como a Faculdade de Direito do Largo São Francisco em São Paulo, o estilo Neocolonial teve maior difusão na sua versão despojada, sendo adaptado para edificações como casas e solares de volumetria pitoresca e isolada no lote ajardinado.

Em Ribeirão Preto essa arquitetura é quase que totalmente adotada em edifícios residenciais de maior vulto e complexidade, como as mansões dos bairros Higienópolis e Sumaré.



Imóvel Neocolonial situado a Rua Barão do Amazonas, 04.



Imóvel Neocolonial situado à Rua Amador Bueno, 997.

Proto-modernos

São assim chamadas aquelas arquiteturas predecessoras do movimento moderno, num lapso de tempo situado entre o Ecletismo e as vanguardas heróicas europeias (assim chamadas por sua característica desbravadora).

Não adotando ainda plenamente o credo Moderno (fachada livre, estrutura independente, janelas corridas, etc.) apresenta planos volumétricos sem ornamentos e com geometria concisa e racional. Nas ruas centrais da cidade a tipologia de pequenos edifícios de até cinco pavimentos, com janelas de madeira e sacadas de alvenaria é a que mais concretamente representa este estilo arquitetônico.



Modelos de edifícios Proto-modernos na Rua José Bonifácio, em Ribeirão Preto.



Híbridos

Edifícios que não permitem uma classificação estilística precisa por apresentarem diversas referências temporais, mas que, mesmo assim, apontam para filiações de época.



Edifício híbrido na Rua
Barão do Amazonas, 561, 565.



2. Os Edifícios da Fé

A análise das representações identitárias de Ribeirão Preto não seria possível sem considerar a importância da religião e da religiosidade. Afinal, é um traço fundamental do universo rural de meados do século XIX e início do século XX.

Deve-se destacar que ao discutir arquitetura e história religiosa é necessário compreender as correlações existentes entre o espaço físico e o cultural. Os edifícios religiosos são marcos visuais que exercem grande influência nos valores coletivos, pois instalam-se em eixos urbanos, praças e áreas centrais da cidade. De maneira geral, a arquitetura religiosa, em particular a católica, tem uma característica de monumentalidade.

Do ponto de vista urbanístico, as igrejas coloniais eram instaladas no sítio mais alto da vila, num espaço vazio que permitisse a fruição da fé. Esta área era denominada de “largo”. Em Ribeirão Preto, a primeira matriz, construída, entre 1863 e 1868, onde hoje se localiza a Praça XV de Novembro, seguiu este modelo. Foi instalada em uma região elevada da cidade, no meio de uma área livre, que passou a ser o espaço ocupado pelas manifestações de fé.

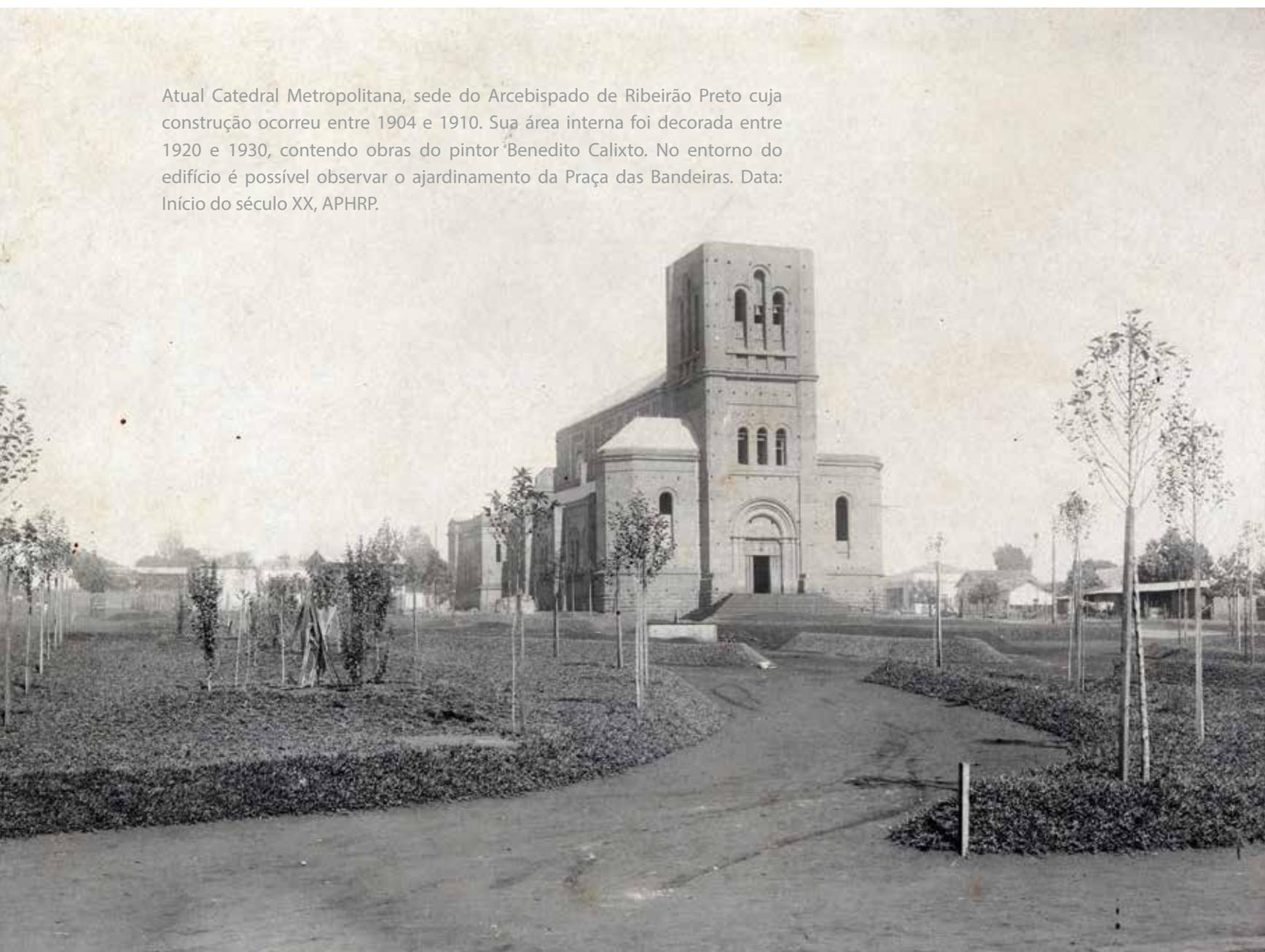
Com a sua demolição, no início do século XX, o local escolhido para construir a nova matriz, entre 1904 e 1910, foi uma área ainda mais alta, circundada por uma praça e tendo outra logo à frente.





Igreja Matriz sem as torres e largo entre as ruas General Osório (na esquerda) e Álvares Cabral (no fundo). Local da atual Praça XV. Presença de grande número de pessoas em dia de festa religiosa, em louvor a São Benedito. Vista a partir da Rua Visconde de Inhaúma. Foto tirada pouco tempo antes da demolição. Data: 1904/1905. Fotógrafo: João Passig. APHRP, Fundo JPM.

Atual Catedral Metropolitana, sede do Arcebispado de Ribeirão Preto cuja construção ocorreu entre 1904 e 1910. Sua área interna foi decorada entre 1920 e 1930, contendo obras do pintor Benedito Calixto. No entorno do edifício é possível observar o ajardinamento da Praça das Bandeiras. Data: Início do século XX, APHRP.



O atual Centro Histórico, mais conhecido como quadrilátero central (definido pelas avenidas Nove de Julho, Independência, Francisco Junqueira e Jerônimo Gonçalves), é remanescente do Patrimônio da Fábrica da Matriz, área demarcada em 1856 para se construir a capela e traçar as primeiras ruas do núcleo urbano. Assim, o embrião da cidade de Ribeirão Preto nasceu em terras doadas à Igreja Católica, que ficou responsável pelo primeiro movimento de organização urbana, como aconteceu com a maior parte das cidades fundadas antes da Proclamação da República.

No período republicano, depois da Constituição de 1891, que garantiu a liberdade de culto religioso em espaços públicos, surgiram templos de outras devoções no espaço da cidade.

O Centro, anteriormente monopolizado pela presença de templos católicos, viu surgir novas edificações, principalmente as protestantes. Constatação feita quando inventariados os edifícios religiosos da região central de Ribeirão Preto.

Para este livro foram selecionadas dez edificações religiosas, consideradas as mais representativas. Situam-se no centro histórico e datam de fins do século XIX e metade do século XX. São bens que ainda sobrevivem, ainda que alguns, um tanto descaracterizados. Este conjunto é formado por seis templos católicos, três protestantes e um kardecista.

A construção desses edifícios da fé coincidiu com a expansão urbana e as trans-

formações sociais e culturais da cidade. Alguns deles ainda conservam a estrutura original arquitetônica, outros, sofreram grandes modificações.

Muito da vida social dos ribeirão-pretanos acontecia ao redor e dentro desses espaços religiosos, onde as pessoas se encontravam para os ofícios sagrados e as celebrações. Os casamentos, batizados, enterros, missas de sétimo dia, semanas santas, novenas de santos, procissões, e outros atos representavam um pretexto para que a comunidade se reunisse. Algumas cerimônias religiosas culminavam em ações profanas, e o ponto alto destes encontros era a festa do santo padroeiro, no caso de Ribeirão Preto, São Sebastião, comemorada no mês de janeiro e sempre acompanhada de quermesse com apresentações de bandas musicais, queima de fogos, leilões, entre outros atrativos.

As pessoas vinham de diferentes lugares, atraídas pelas apresentações. A festa significava momento de partilha e de confraternização. Os homens de negócios aproveitavam para fechar contratos de compra e venda. As famílias usavam estes encontros para “arrumar” casamentos para seus filhos e filhas e as notícias circulavam entre as pessoas.

Nas capelas dos Colégios Nossa Senhora Auxiliadora, Santa Úrsula e dos Irmãos Marista as festividades envolviam o ano letivo em diferentes momentos, contando com a presença de alunos, pais e familiares. Ocorriam desde a festa do padroeiro de cada instituição, bem como as comemorações

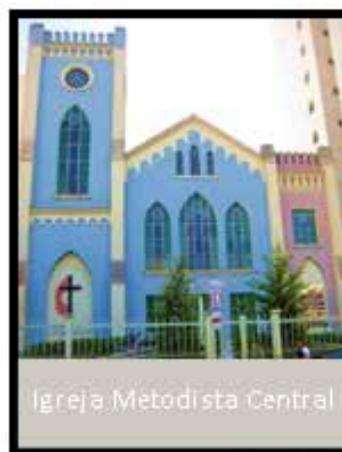
realizadas para início e término do ano letivo até retiros, momentos de oração e apresentações de teatro, música, dança e recitais.

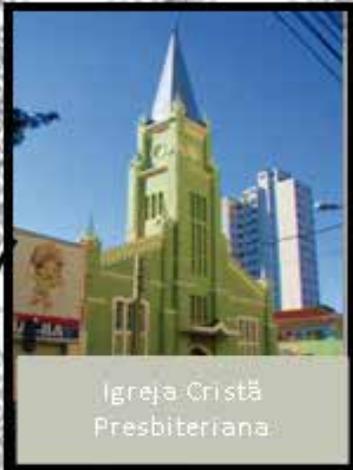
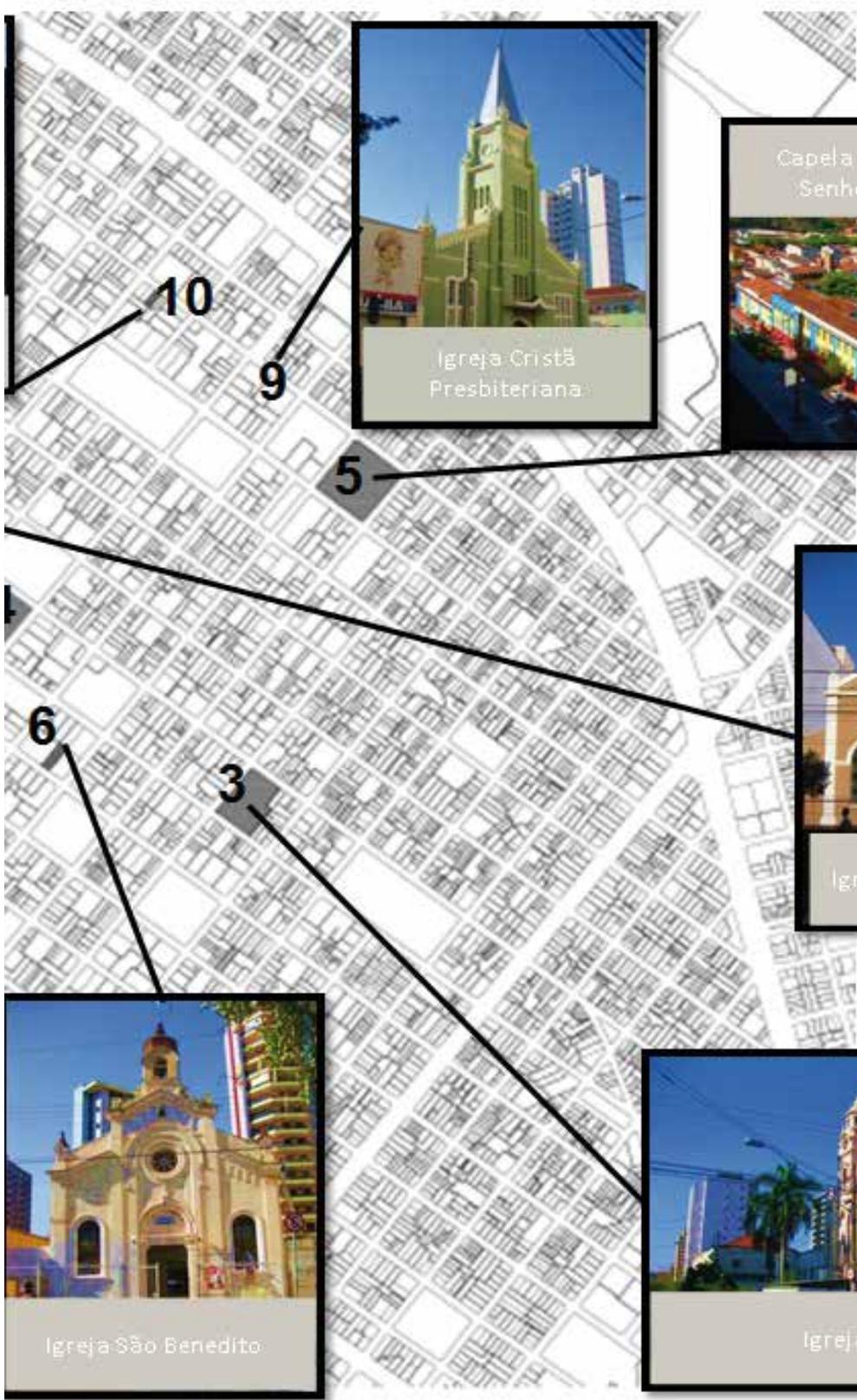
O culto nas igrejas protestantes seguia o mesmo padrão de sociabilidade, as pessoas se encontravam para rezar, mas era também o local para a possibilidade de realização de negócios e de troca de informações.

Como é possível observar no mapa ao lado, tais edifícios são relativamente próximos uns dos outros.

Os templos com seus vitrais e pisos originais (Catedral, Capela de São Benedito, Igreja Presbiteriana) compõem não apenas um legado artístico de valor inestimável, em função de pinturas de Benedito Calixto, na Catedral, como também, são parte da herança afetiva dos moradores de Ribeirão Preto que, ao buscarem o auxílio e o conforto do sagrado, consolidavam sua comunidade e estabeleciam laços de pertencimento.

Mapa temático dos prédios religiosos edificadas entre o final do séc. XIX e meados do século XX, no centro de Ribeirão Preto, SP. Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2012.





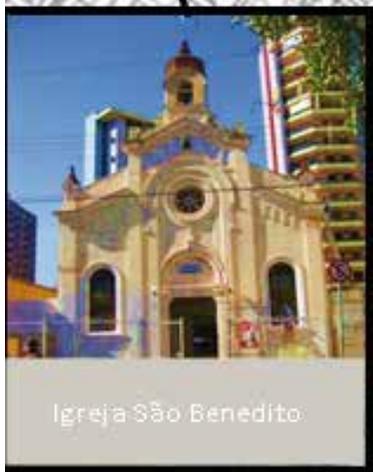
Igreja Cristã Presbiteriana



Capela do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



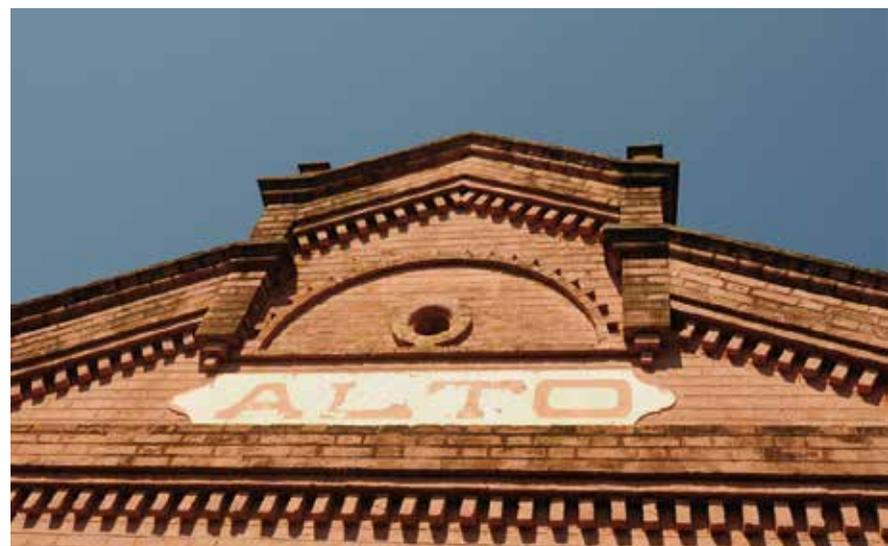
Igreja Congregacional Evangélica



Igreja São Benedito



Igreja São José



4. Café pelos Trilhos do Trem

Em 2012, quatro autoras publicaram o livro “Pare, olhe e escute: patrimônio ferroviário de Ribeirão Preto”. Como parte das pesquisas ligadas à Rede de Cooperação Identidades Culturais, documentaram e sistematizaram informações relevantes sobre o tema. Este trabalho evidenciou a importância da ferrovia para a constituição de uma paisagem cultural do café no município.

Em outro livro, “Patrimônio cultural do café da terra vermelha”, organizado em 2012, por Adriana Silva e Lilian Rosa, com coautoria de vários pesquisadores, defendeu-se a tese de que, nesta região, o café trouxe a ferrovia. Diferente de Campinas, onde a ferrovia atraiu o café, em Ribeirão Preto a cafeicultura precedeu os trilhos do trem.

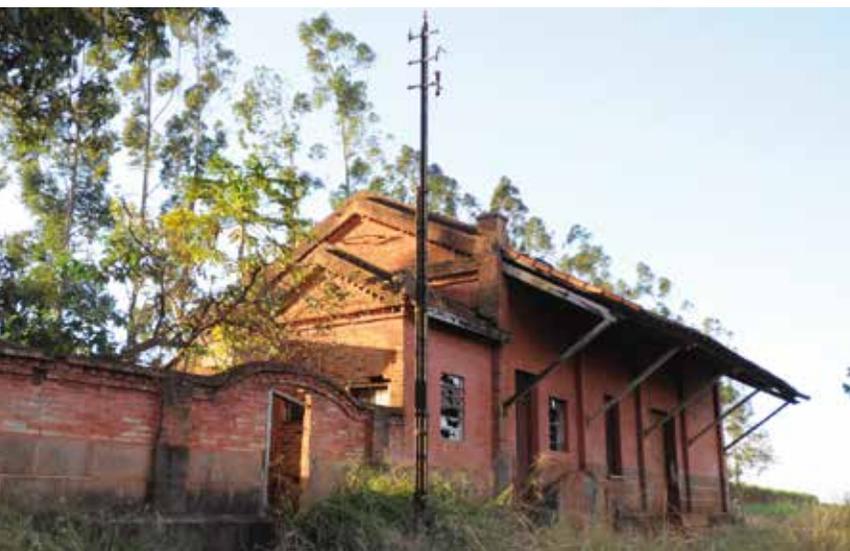
A estrada de ferro seguia a expansão dos pés de café, a serviço dos fazendeiros que já se encontravam instalados no municí-

pio. Esse movimento condicionou a formação de uma malha ferroviária pensada para atender às necessidades dos grandes cafeicultores.

Em 23 de novembro de 1883 foi inaugurada a primeira estação de trem de Ribeirão Preto. Ainda provisória, localizava-se na atual Avenida Caramuru. Em 1884 foi inaugurada a estação definitiva, na Avenida Jerônimo Gonçalves, onde hoje se encontra a Rodoviária Central.

Na memória coletiva dos ribeirão-pretanos ainda está presente o papel da ferrovia para a cidade. Entretanto, uma combinação de razões, entre elas a falta de políticas de transporte ferroviário e de preservação desse patrimônio, resultou no fato de que poucas edificações resistiram à ação temporal.

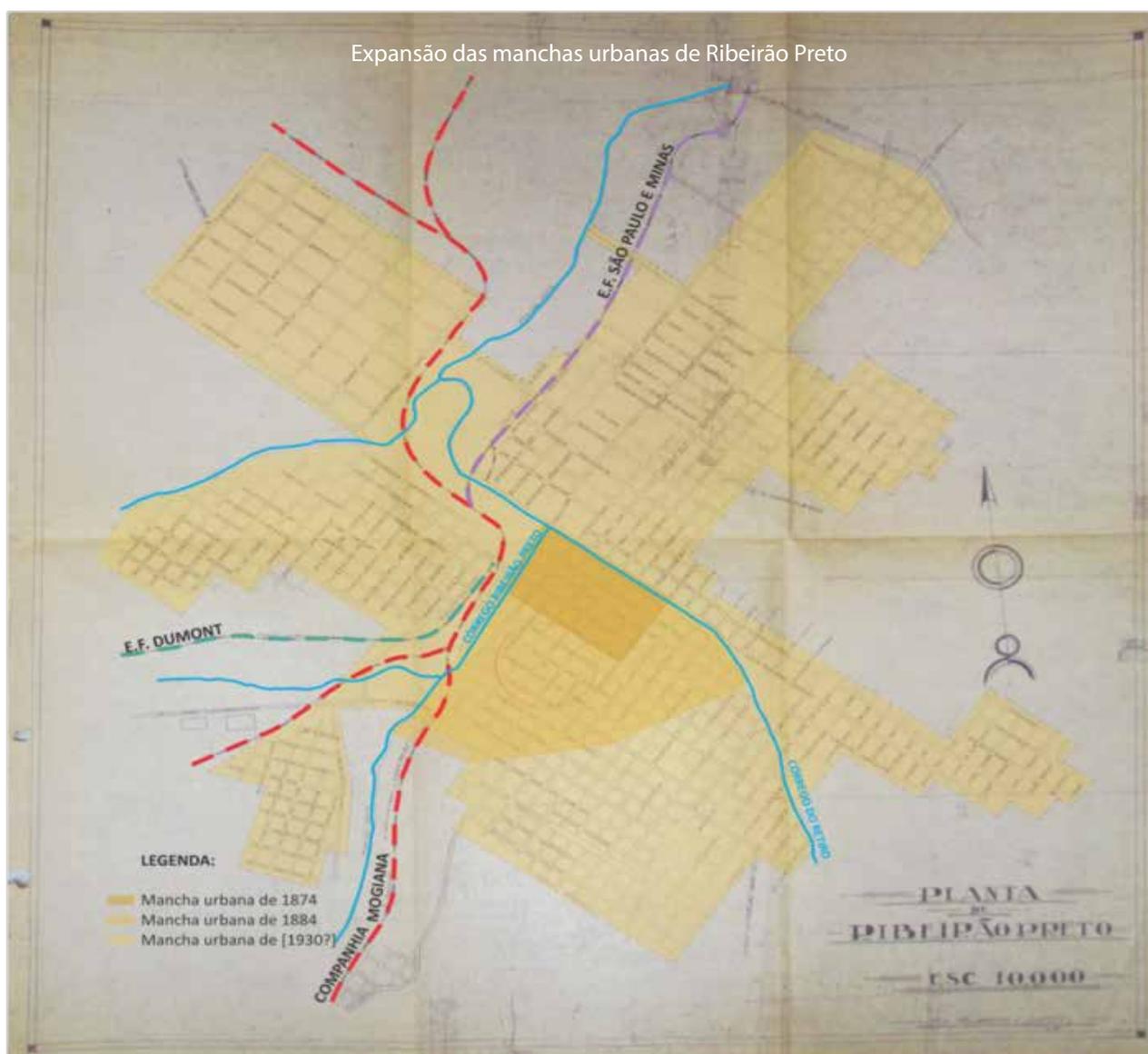
Durante o trabalho de campo e as pesquisas documentais, foram encontradas referências de dezenove estações na área



geográfica do município, compreendendo o complexo ferroviário formado pelas, Cia. de Estradas de Ferro Mogiana, a E. F. Dumont e a E. F. São Paulo e Minas. Durante as visitas, descobriu-se que apenas nove estações

ainda existem, sendo que algumas, como a Estação Joaquim Firmino, estão em ruínas.

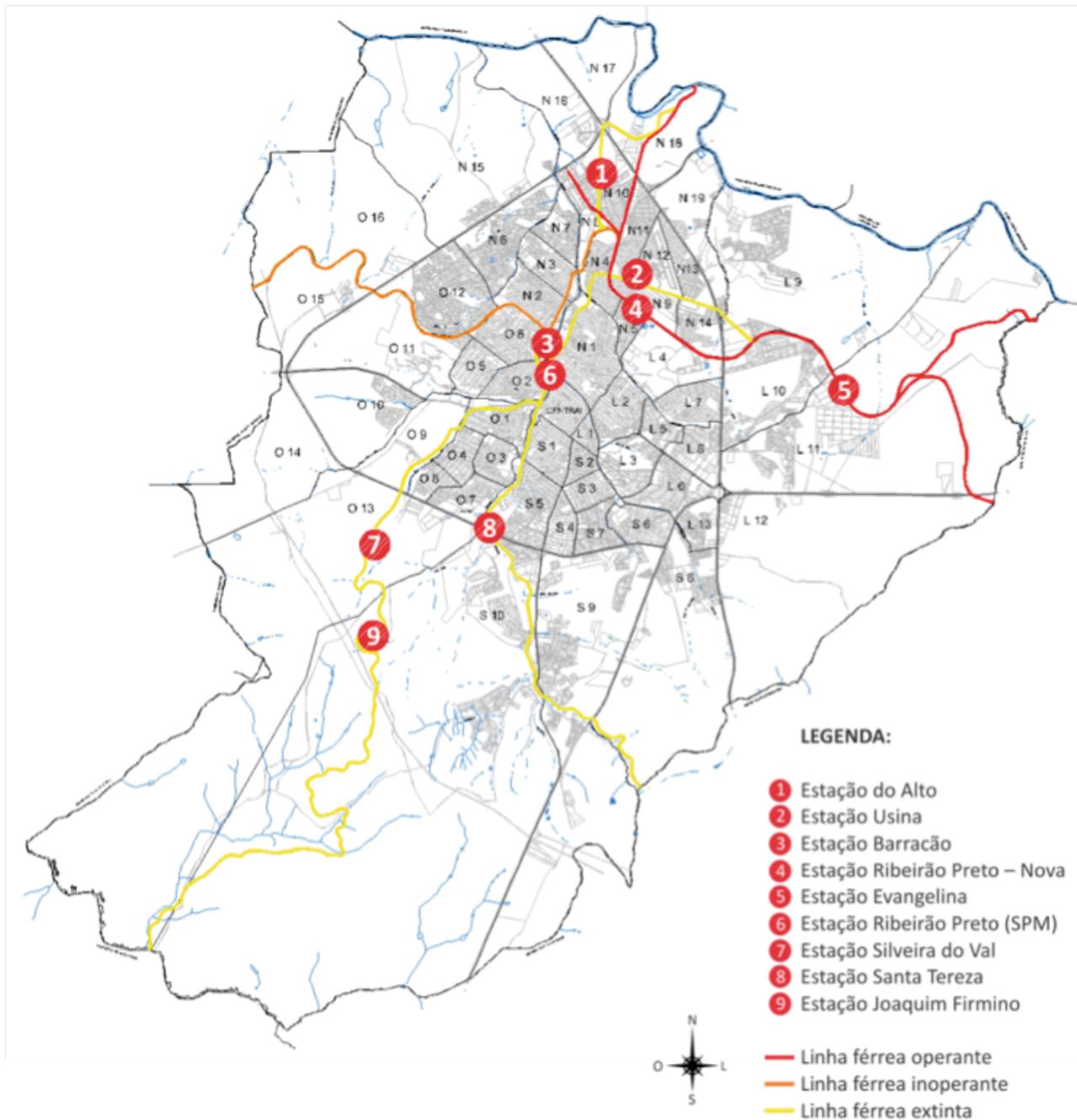
Apresentam-se adiante os remanescentes edificados dessas estações.



Mapa da evolução da mancha urbana de Ribeirão Preto até o início da década de 1930.

Fonte: (SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, 2012, p. 54).

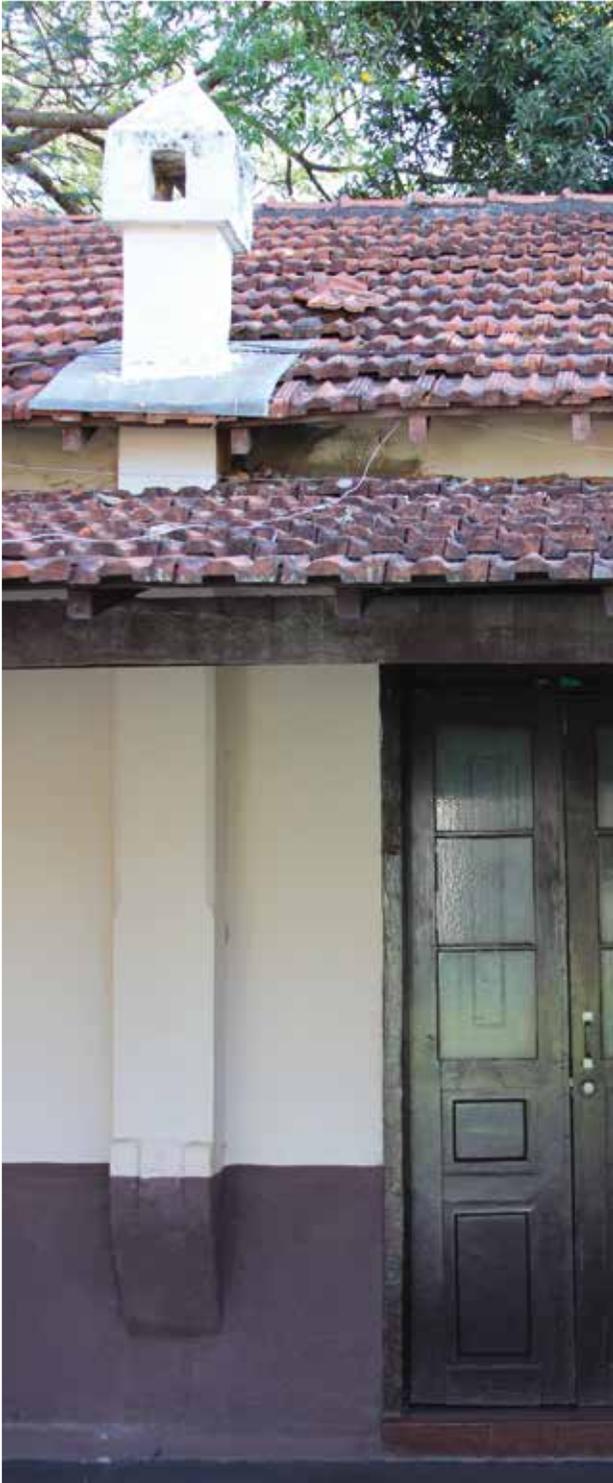
Localização das estações ferroviárias existentes no município de RP.



Mapa de Ribeirão Preto com a localização das Estações Ferroviárias existentes e traçado da linha férrea operante, inoperante e extinta. Fonte: (SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, 2012, p. 71).

Companhia de Estrada de Ferro São Paulo Minas

Estação Ribeirão Preto (SPM)





Estação Usina. Localizada dentro da propriedade da antiga Companhia Eletro-metalúrgica de Ribeirão Preto fundada em 1922 por Flávio Uchôa.



Estação Figueira

BARRACÃO

Companhia Mogiana de Estradas de Ferro



Estação Iracema em 1910



Estação de Villa Bonfim em 1894



Estação Francisco Maximiano



Estação Joaquim Firmino



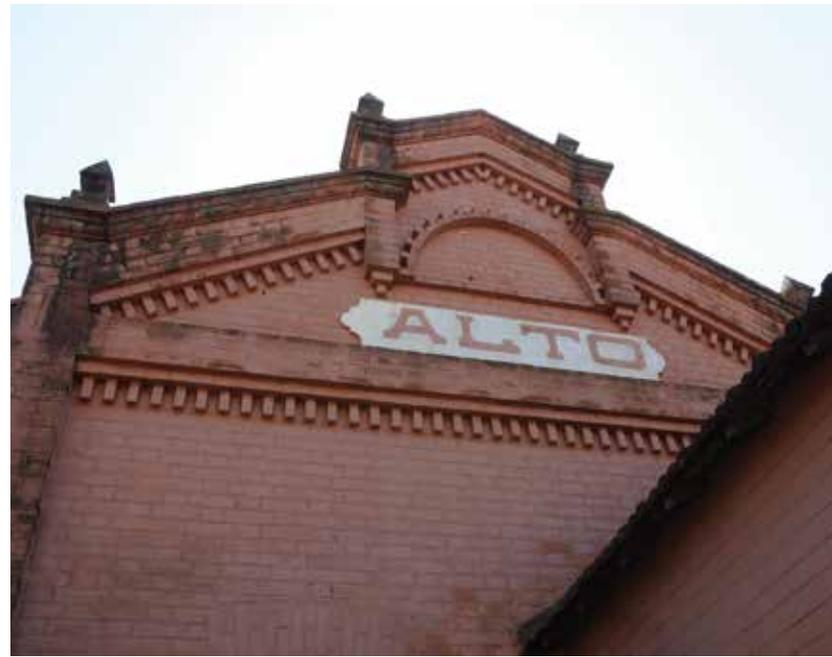
Estação Evangelina

Estação Santa Tereza



Estação Ribeirão Preto

Estação do Alto



Estação do Val



2023

O Distrito da Memória ainda mantém, dez anos depois, suas referências históricas. Não avançou na preservação arquitetônica e, diferente disso, sofreu, de forma intensificada, a expansão imobiliária sem contrapartidas locais. A urbanização não planejada de áreas do entorno do distrito agregou valor às terras; aumentou o índice populacional; chamou a atenção para novos negócios; mas não avançou para a concepção de um projeto de Economia Criativa, destinado a potencializar as características da vila rural. Projetos como o de uso cultural do antigo prédio da CPFL, não ganharam materialidade.

Os novos condomínios cercaram a história e, de costas, deixam esvair importantes referências identitárias do distrito e de Ribeirão Preto.



5. Bonfim Paulista: o Distrito das memórias

Bonfim Paulista é um distrito do município de Ribeirão Preto. Fundado em 10 de fevereiro de 1894, por Francisco Rodrigues dos Santos Bonfim, foi conhecido como Gaturamo e Viaduto e denominado de Vila Bonfim, em 1893, homenageando seu fundador. Somente em 1902, com a lei nº 890, alterou-se sua denominação para Bonfim Paulista. Sua primeira capela foi construída em 1894, tendo como padroeiro Bom Jesus de Bonfim. Em 1898 foi elevada à categoria de Paróquia, passando a pertencer à Diocese de São Paulo. No final do século XIX, a Vila já contava com mais de seis mil habitantes, sendo aproximadamente 40 fazendas povoadas, quase 500 crianças nascidas por ano e com 300 casas.

A construção da Igreja Matriz, junto da antiga Capela, começou em 1903 e sua inauguração ocorreu em 08 de setembro de 1906.

Em 1908, com a definição dos limites da recém criada Diocese de Ribeirão Preto, a Paróquia de Bonfim passou a responder ao Bispo Dom Alberto José Gonçalves, que nomeou, em 1914, o Padre Canuto Amarante como vigário, permanecendo como tal até sua morte, em 1950.

No início do século XX a Vila recebeu alguns melhoramentos, como o calçamento de paralelepípedos e um centro telefônico, inaugurado em 1906, na Praça Bonfim. Os moradores contavam com um farmacêutico, Joaquim Silva, que fazia os remédios e atendia aos moradores da cidade e do campo. Aqueles que estavam de passagem podiam hospedar-se no Hotel Moré, fundado em 1903. Alguns anos depois, em 1915, vieram as pensões, como a Espanhola e a Pensão São José. O senhor Severo Ferreira era quem se



ocupava de transportar as compras que os colonos faziam na cidade para as fazendas onde moravam. Além disso, era ele quem buscava, em Ribeirão Preto, os artigos inexistentes na pequena Bonfim.

Na zona rural estavam algumas das fazendas de café mais importantes do município. Entre elas, a de Iria Alves Ferreira e a propriedade Brejinho, do Dr. Francisco da Cunha Junqueira. Nesta última havia cinema, banda de música, armazém de secos e molhados, loja de roupa, oficina, barbeiro, farmácia, açougue, serralheria, salão de baile, sapateiro e alfaiate.

Mas não só da cafeicultura vivia Bonfim. A Vila também teve algumas fábricas no começo do século XX: de macarrão, de carroção, de sabão, de foguetes, além da Gráfica Dinamérico.

O lazer não podia faltar. Uma das opções era o cinema de Joaquim Silva, fundado em 1904, iluminado por lampiões e tocado por caldeira à vapor, com lenhas na fornalha. A tela onde projetavam os filmes tinha que ser molhada antes. Em 1925 surgiu o Bonfinense Futebol Clube, com destaque para três jogadores que fizeram sucesso à época: Orozimbo, Arassindo e Agemiro, que depois foram convidados para jogar no Botafogo Futebol Clube, de Ribeirão Preto.

O que foi descrito até aqui significa muito mais do que um conjunto de fatos, nomes e lugares. Representa as referências culturais que agregaram sentidos e ajudaram a consolidar a identidade bonfinense. Como parte deste legado os edifícios remanescentes

foram importantes centros de trocas comerciais, fabris e de prestação de serviços. São construções resultantes de ofícios e modos de fazer de uma população que ainda guarda suas memórias por meio dos velhos moradores. Alguns bens culturais estão descaracterizados, porém, continuam sendo importantes.

Como parte do cotidiano da vila até os dias de hoje, as pessoas ainda residem em sítios, chácaras e fazendas das redondezas utilizando-se dos serviços básicos como a escola e o posto de saúde, além de oficina mecânica, o serviço de funilaria, marceneiro, serralheiro, agência do correio, banco e comércio. Nos finais de semana há uma concentração maior da população rural, que usufrui do pequeno comércio em torno da praça central, oferecendo serviços e produtos como salão de barbeiro, farmácia, armazém de secos e molhados, supermercados de produtos em geral, açougue, quitanda, padarias, lojas de roupas, bares e restaurantes.

A religiosidade tem presença marcante no traçado urbano: um eixo visual liga a Igreja Senhor Bom Jesus do Bonfim e os edifícios da antiga CPFL, antiga Fábrica de Macarrão e o Núcleo da Criança e do Adolescente.

A influência rural pode ser observada na arquitetura urbana, que apresenta alguns edifícios com características primitivas. Também nos modos de viver isto pode ser observado como, por exemplo, o costume do morador sair para a rua nos intervalos dos afazeres da casa, na intenção de encontrar os vizinhos e os passantes para um simples cum-

primento ou esticar um pouco a prosa, colocando os assuntos em dia. Em fins de tarde é possível ver nas calçadas as pessoas confortavelmente sentadas, jogando “conversa fora”.

Porém, este modo de certa forma bucólico de viver, está se transformando. Por conta de uma exacerbada especulação imobiliária, aliada a uma ampla falta de planejamento, cresce o número de condomínios fechados nas franjas do Distrito, impondo aos seus moradores valores e referências estranhas aos seus marcos identitários.

No inventário arquitetônico realizado no distrito foram identificados sessenta e dois imóveis na área urbana que formam um conjunto representativo do modo de viver

bonfinense. Depois de uma minuciosa análise, as edificações foram classificadas em quatro tipologias: o Primitivo, com influência da arquitetura rural mineira; exemplares Híbridos, entre o estilo Eclético e uma arquitetura Primitiva, o Eclético; e o estilo Missões.

Para esta obra, foram selecionados apenas alguns exemplos de cada uma das quatro classificações, para que o leitor tome conhecimento das suas principais características e as identifique durante uma visita ao Distrito de Bonfim Paulista. O total do levantamento pode ser conhecido no Relatório de Pesquisa da Rede de Cooperação Identidades Culturais, de 2012. A seguir alguns exemplares dessa arquitetura local.

Primitivo com influência da arquitetura rural mineira

2013



2023



O conjunto evidenciado na foto da página anterior é composto por exemplos de edificações residenciais com elementos primitivos e despojados, provenientes da arquitetura rural mineira dos séculos XVIII e

XIX: a estrutura autônoma de madeira (gaiola) sobre embasamento de pedra em áreas em declive (meia-encosta) algumas apresentam fechamentos em taipa de mão ou pau-a-pique.

Híbridos: entre arquitetura primitiva e eclética

Um pouco mais elaborada, esta residência é um exemplo típico da mistura de uma arquitetura Primitiva com o estilo Eclético. Do primitivo essa residência possui poucas e pequenas aberturas, alinhadas ao passeio com

telhado em duas águas. Com a chegada do estilo eclético do período cafeeiro as fachadas ficaram um pouco mais elaboradas, ganhando ornamentos clássicos ao redor das envasaduras e cornija sob o beiral.





Arquitetura Eclética



De acordo com Henrique Vichnewski, no Relatório II da Rede de Cooperação Identidades Culturais, as fachadas apresentam elementos da gramática classicizante, com molduras tímidas, pilastras e cunhais pouco salientes, capitéis e ornamentos simplificados.

Distancia-se do passado rural incorporando pouco a pouco um caráter mais urbano, próprio do ecletismo, com suas platibandas, a geometrização de planos e molduras, janelões de ferro e vidro, largas portas de enrolar, ladrilho hidráulico e barras impermeáveis.

Missões



Encontrada no centro de Ribeirão Preto, a arquitetura em estilo Missões também pode ser vista em Bonfim Paulista. Revela-se um modelo derivado do estilo neocolonial brasileiro, repetindo uma tendência dos anos 1930 a 1950 na quase totalidade das cidades brasileiras. Como principais características cita-se o uso de arcos nas fachadas, o encabeçamento de muros com telhas capa e canal.

6. Roteiro da Paisagem Cultural do Café

Este livro é parte do projeto “Ribeirão Preto: Paisagem cultural do Café” que inclui, também, um videodocumentário, disponível no site do Ipccic e no QR Code na página 32. Seu objetivo é difundir o conhecimento sobre as referências culturais remanescentes do final do século XIX e o início do XX, quando a economia cafeeira era predominante na região.



São apresentados trinta e sete bens de rele-vante valor histórico, arquitetônico e cultural, que foram selecionados a partir da indicação da própria população e de estudos realizados entre 2010 e 2012. Contudo, é necessário esclarecer que este é um pequeno recorte de um universo muito maior de referências existentes no município. Apresentam-se quatro propostas de circuitos organizados por meio de sua distribuição geográfica. Entretanto, o visitante poderá fazer outras combinações de acordo com o seu interesse específico.

O circuito A reúne bens com os mais diversos usos. Nele, encontram-se monumentos, prédios de uso misto, como o Edifício Diederichsen, museus, praças, edificações comerciais e religiosas. É o percurso mais longo sugerido e que apresenta alguns dos bens mais relevantes da área urbana de Ribeirão Preto como, por exemplo, o Quartirão Paulista.

Já o circuito B engloba edificações cujo uso original era a habitação. Este roteiro é composto por seis casarões que caracterizam a identidade da elite cafeeira ribeirão-pretana.

No circuito C o visitante conhece o pequeno Distrito de Bonfim Paulista. Nele é possível apreciar um conjunto arquitetônico de vilarejo, com características rurais e formas de viver que já não são comuns na cidade de Ribeirão Preto e outros centros urbanos.

A zona rural do município contém preciosidades que podem ser visitadas no circuito D. Nele se tem uma ideia da ambientação do período: uma antiga venda de secos e molhados, a Cruz do Pedro, exemplo da religiosidade católica, e a Fazenda Boa Vista, imponente representação do poder dos coronéis do café.

Nas próximas páginas o leitor conhecerá os aspectos históricos e arquitetônicos mais relevantes dos bens culturais que integram o roteiro.

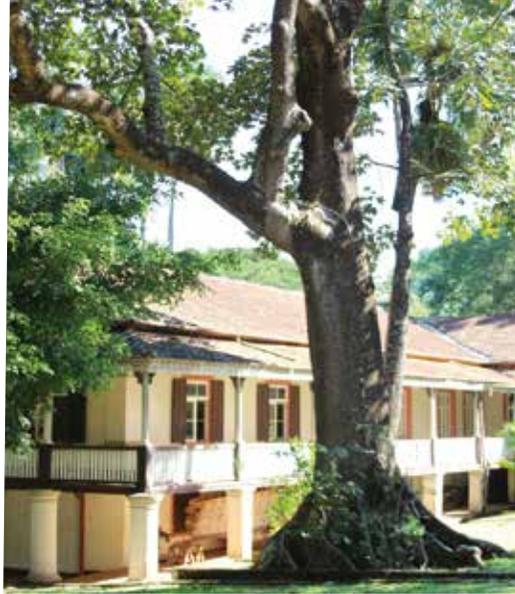


2023

Infelizmente a casa conhecida como Saudade 222, referência da imigração portuguesa, foi incendiada no dia 07 de setembro de 2019.

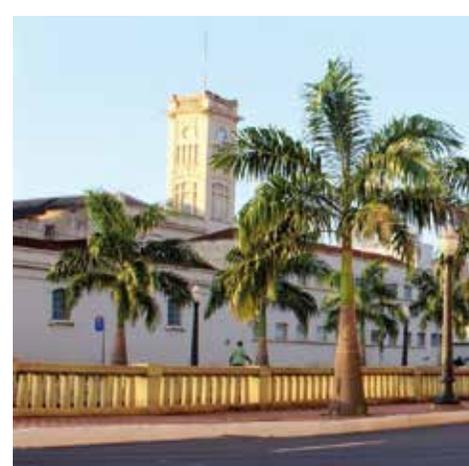
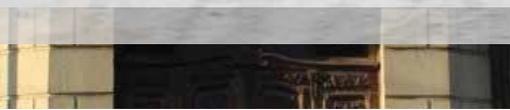






Como visto na página 76, a Maria Fumaça foi restaurada

CIRCUITO A



1. Casa da Caramuru

Conhecida como Casa da Caramuru, o Solar que era a sede da chácara Villa Lobos é uma das residências mais antigas de Ribeirão Preto ainda existente. De acordo com Maria Elízia Borges, autora do livro “Pintura na capital do Café”, o casarão foi construído no final do século XIX, antes de 1894, por André Maria Ferreira de Villa Lobos.

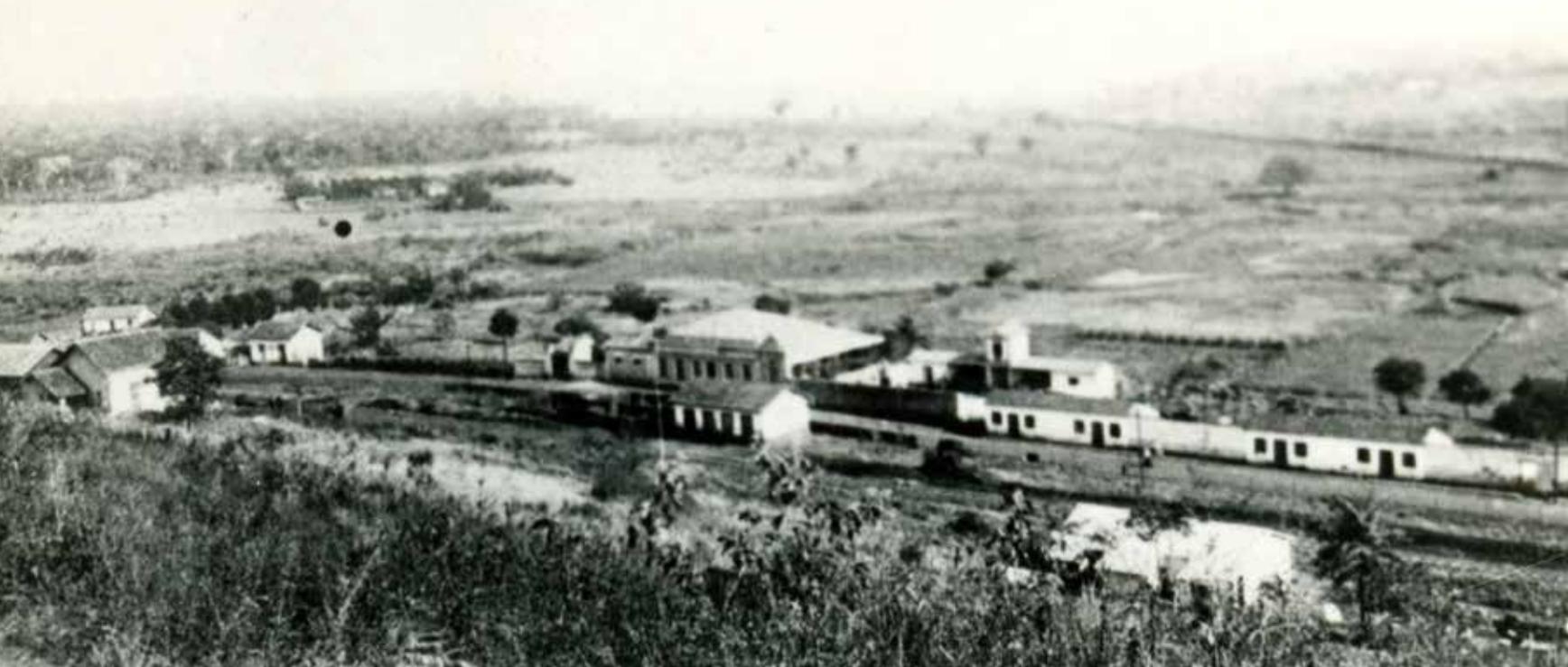
Como mostra a foto, a estação de trem provisória da Cia Mogiana de Estradas de Ferro localizava-se quase em frente ao imóvel. O hall de entrada, os dormitórios e a

sala de jantar são decorados por pinturas parietais, de autoria de Rosaltino Santoro, pintor italiano que trabalhou para alguns fazendeiros do município de Ribeirão Preto fazendo quadros que retratavam suas propriedades

Revelando-se como verdadeiras obras de arte, as pinturas existentes no Solar contribuem para a compreensão das influências europeias na cultura local, bem como da formação do gosto estético dos habitantes de Ribeirão Preto.



Chácara Villa Lobos e arredores, localizada atualmente na Rua Caramuru, n. 232. Vista do Solar Villa Lobos e da estação provisória da Cia. Mogiana, os trilhos e as edificações próximas. Ao fundo é possível ver a área onde surgiram os atuais bairros da República e da Vila Virgínia. Data: 1900. Fotógrafo: João Passig. APHRP, Fundo JPM.



Esta residência se caracteriza como uma amostra do complexo urbano-rural edificado durante a expansão do café na região, com avarandados nas laterais e parte superior. A casa, de moldes rurais, ostenta uma fachada urbana (máscara eclética) dotada de enquadramentos repletos de ornatos.

Como resultado das avaliações feitas em 1987, o bem foi tombado pela Resolução n. 61, de 28 de outubro de 1988, assinada pela então Secretária da Cultura do Estado de São Paulo, Elizabete Mendes de Oliveira. O tombamento reconheceu a importância deste imóvel para a história da arquitetura brasileira.



2023

A Casa da Caramuru é personagem de uma história de muitos capítulos sem um fim. O imóvel ganhou um teto de zinco para protegê-lo da chuva, em 2011, mas nada além disso. O governo do Estado de São Paulo realizou um concurso para o projeto de restauração; selecionou o melhor apresentado, conforme ilustração; mas não avançou na realização da obra. De propriedade privada, tombado como interesse histórico, o imóvel segue, atrelado a documentos legais, como responsabilidade de proteção arquitetônica do estado e do município.





2. Museus Histórico e do Café (Fazenda Monte Alegre)



Ao entrar no Campus da USP pelo portal localizado no final da Avenida do Café, o visitante tem contato com uma parte importante da história de Ribeirão Preto. Toda a área da Universidade, bem como do bairro Monte Alegre, é remanescente de parte da antiga Fazenda Monte Alegre, inicialmente de propriedade de João Franco de Moraes Octavio e em 1890, vendida para Francisco Schmidt, que ficou conhecido como o Rei do Café.

Entre o final dos anos 1930 e o início de 1940, a fazenda foi desapropriada pelo Governo do Estado e tornou-se a Escola Prática de Agricultura, cuja adaptação para o novo uso foi feita pelo arquiteto Hernani do Val Penteadado. Em 1950, uma área de aproximadamente 17 mil m², que inclui a sede da antiga fazenda foi doada ao município de Ribeirão Preto, tornando-se um Museu Municipal, posteriormente denominado de Museu

His-tórico e de Ordem Geral "Plínio Travassos dos Santos". Logo depois, em 1957, foi inaugurado, a cerca de 50 metros de distância da casa principal, o prédio construído para abrigar o Museu do Café Francisco Schmidt.

A sede da fazenda foi edificada possivelmente entre 1877 e 1880, num terrapleno de encostas acima dos três terreiros de café: um de terra batida e dois ladrilhados. A edificação evidencia elementos ecléticos inseridos posteriormente como, por exemplo, o uso de lambrequins, esteios de secção octonal e outros ornatos de madeira na fachada, porém, não abandona o partido tradicional da casa mineira. A casa é implantada sobre terreno em declive, aproveitando a meia altura para a construção de um porão, tem sua volumetria na planta em "L", avarandada nas áreas sociais e íntimas.

Nos seus arredores ainda é possível



ver elementos originais da fazenda: as canaletas por onde corria a água que era usada para a lavagem do café, a casa dos empregados ao fundo da sede e partes do jardim com as fontes; mais abaixo na encosta está a casa de Jacob, filho de Francisco Schmidt, junto de outras construções auxiliares.

Continuando o passeio pelo campus da Universidade, o visitante ainda poderá ver a casa de máquinas, a tulha e algumas casas das colônias de trabalhadores.





Imagem 3D do novo projeto do Museu Histórico. Prefeitura Municipal, 2023.

2023

Os Museus Histórico e do Café não viveram dias favoráveis, ao longo da década compreendida entre 2013 e 2023. O Museu do Café ganhou nova expografia, em 2011, e o Histórico recebeu benfeitorias estruturais, em 2015, mas ficaram mais tempo fechados do que abertos, depois disso. A prefeitura de Ribeirão Preto concentrou esforços e parceiros para estudos arquitetônicos, ocorridos entre 2017 e 2019; contratou um escritório para elaborar um projeto para a construção da reserva técnica, entregue em 2021, conforme ilustração; e segue mantendo a demanda na lista de obras a concluir. Para contar a história do café de Ribeirão Preto, a ativação desse conjunto arquitetônico e histórico é essencial.

3. Estação Barracão

A economia cafeeira na região de Ribeirão Preto teve o seu desenvolvimento associado aos trilhos do trem e à mão de obra imigrante, entre outros fatores. Muitos cafeicultores, como os coronéis Francisco Schmidt e Quinzinho da Cunha tinham a linha férrea passando por dentro de suas propriedades, auxiliando logisticamente a exportação do café.

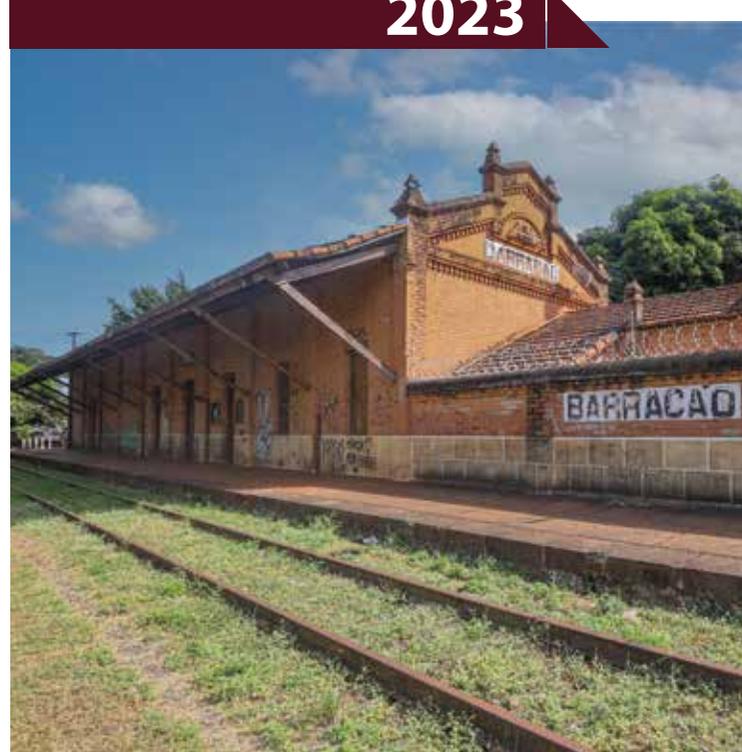
Os trens chegaram a Ribeirão Preto em 23 de novembro de 1883, ocasião da inauguração da primeira estação, ainda provisória, no local onde hoje fica a Rua Caramuru, quase em frente ao Solar Villa Lobos. No final de 1884 foi aberta a estação definitiva, localizada onde hoje está a Estação Rodoviária Central.

A Companhia Mogiana, que possuía uma vasta rede de linhas férreas, contava com quatro delas passavam por Ribeirão Preto, entre as quais, estava a do Barracão, que começava no ramal de Sertãozinho e chegava até a estação Schmidt, de onde partia uma linha até a estação Pontal da Cia. Paulista. Ela foi construída no fim do século XIX e caracterizava-se por uma arquitetura funcional, porém, de grande refino nos materiais cons-

trutivos, alguns dos quais foram importados, como os tijolos ingleses. As fachadas de embarque e desembarque ostentam um vão com vergas abauladas e pilastras aderentes à edificação, também em alvenaria de tijolos. As demais fachadas possuem frontões com o arremate superior trabalhado. Cada elemento do frontão (cimalha, empena e tímpano) tem um tipo de assentamento de tijolos diferenciado, mostrando a preocupação estética da edificação. As esquadrias são de madeira e apresentam almofadas em alto relevo.

A estação Barracão parece não ter sofrido a influência do tempo. Em dez anos, permaneceu como estava e isso é, em si, um benefício e um prejuízo. Atrelado ao acervo ferroviário do Estado e da União, o bem é significativo para a história do café de Ribeirão Preto. Muitos projetos de requalificação, com indicação de uso cultural, foram pensados para o lugar, mas nenhum tomou forma concreta. Segue ocupando lugar na pauta de revitalização.

2023



Avenida Jerônimo Gonçalves, vista a partir do telhado da Cia. Cervejaria Paulista. À direita estão a Praça Schmidt, a estação Ribeirão Preto e o armazém da Mogiana - no local posteriormente ocupado pelo Pronto Socorro Municipal. Ao longo do córrego no canteiro central observa-se nesta foto histórica as jovens palmeiras que se tornaram o cartão de visita da cidade. Data: 1935. Foto Sport. APHRP.



1935
2013

4. Avenida Jerônimo Gonçalves

2023



A Avenida Jerônimo Gonçalves é um verdadeiro ícone de Ribeirão Preto. Além de margear o córrego que dá nome à cidade, suas palmeiras tornaram-se um dos principais cartões postais locais. Ela tem início na confluência da Avenida Fábio Barreto com a Avenida Dr. Francisco Junqueira e segue na direção sudeste, paralela às ruas José Bonifácio e Augusto Severo. A avenida foi denominada através da Lei n. 32 de 29 de junho de 1897.

No final do século XIX o córrego passou por obras de saneamento, cujo objetivo era o de ajudar no combate da epidemia de febre amarela e, posteriormente, atender às diretrizes de “limpeza e embelezamento”, do início do século XX.

A partir da década de 1960, a Avenida sofreu um intenso processo de transforma-

ção em função da demolição do complexo ferroviário. Com o tempo, novos equipamentos foram instalados ao longo da Jerônimo Gonçalves como, por exemplo, o Pronto Socorro Municipal e a Estação Rodoviária. Contudo, ainda podem ser vistas edificações históricas como o Mercado Público (Mercadão), os prédios das antigas cervejarias Antártica e Paulista, a Praça Francisco Schmidt com a Maria Fumaça e o Hotel Brasil.

Seguindo pelo passeio central é possível observar as novas palmeiras plantadas no lugar das originais, retiradas em 2010, em decorrência de um projeto antienchente. Ao final da Avenida encontra-se o Parque Maurílio Biagi, uma área verde própria para passeio ao ar livre e para apreciar algumas das obras do artista italiano Bassano Vaccarini.



2023

A Maria Fumaça Amália, que antes estava na praça ao lado do Pronto Socorro recebeu significativos investimentos e foi restaurada. Imponente, foi e voltou para fixar sua morada no Parque Maurílio Biagi. Lindo, o maquinário pode ser visitado desde o dia 19 de junho de 2023, na Estação Luiz Pascoalim.





2013

2023



5. Cervejaria Antárctica

Exemplo da arquitetura industrial do início do século XX, a Companhia Antárctica foi inaugurada em Ribeirão Preto, no dia 11 de agosto de 1911. Atualmente desativada, localiza-se lindeira à Avenida Jerônimo Gonçalves.

A fábrica de bebidas da Companhia Antárctica Paulista foi uma das primeiras grandes indústrias da cidade. A unidade local distribuía os produtos para a região da Mogiana, Araraquara, sul de Minas, Triângulo Mineiro e Goiás. Em 1912, foi lançada a soda limonada Antárctica e, em 1921 o guaraná. O rótulo com um pinguim, que se tornou o ícone da marca, surgiu em 1935. Em 1973 adquiriu a empresa Cia. Cervejaria Paulista e com a fusão a empresa passou a se chamar Cia. Antárctica Niger.

Embora a edificação esteja parcialmente descaracterizada, ainda é possível ver parte do prédio original.

A Cervejaria Antárctica recebeu atenção especial da iniciativa privada, na última década. O patrimônio arquitetônico mudou de mãos; ganhou olhares críticos de profissionais empreendedores; projetou-se a requalificação para um shopping, com reserva de um memorial do bairro Vila Tibério e da cerveja, mas não venceu os desafios da materialidade. Continua exibindo muros frágeis, mas exalando potencial criativo.

Também ao lado da Avenida Jerônimo Gonçalves vale a pena visitar o prédio onde anteriormente funcionava a Cia. Paulista, empresa que cresceu no contexto econômico da cafeicultura, dos “coronéis”, dos cassinos, da imigração europeia e da expansão urbana, que o café desencadeou no interior do Estado de São Paulo. Desde a sua inauguração, em 1914, até a década de 1970, as fábricas de bebidas da Paulista e da Antartica foram responsáveis, em parte, pelo desenvolvimento urbano da cidade. Ambas geraram empregos e contribuíram para a formação de mão de obra especializada, formada em sua maioria por imigrantes.



6. Cervejaria Paulista

Em especial a Cia. Paulista teve papel importante em vários aspectos da economia local. Foi precursora dos investimentos imobiliários que injetaram significativas cifras nas finanças locais em meio à crise iniciada em 1929, com o declínio da cafeicultura. Um desses investimentos foi a compra, em 1927, de terrenos e antigos edifícios localizados nas proximidades da Praça XV de Novembro.

Ao visitar a edificação remanescente da Cia. Paulista, ainda é possível conhecer alguns prédios originais. O estilo neoclássico, que marcou as primeiras construções do complexo arquitetônico que formaram a cervejaria, é reconhecido em elementos característicos como as platibandas e os frontões triangulares no eixo central das fachadas. Em fase posterior de ampliação, as construções são definidas pelo estilo Art Déco, inspirado na industrialização e marcado por linhas simples, aerodinâmicas, formas geométricas e cores vivas. Um dos destaques do complexo é a antiga sirene que, durante décadas, foi ouvida por boa parte da cidade.



2023

O Studio Kaiser de Cinema, que ocupava o patrimônio da Cervejaria Paulista, não existe mais. Desativado, um novo projeto ocupa a antiga fábrica. O espaço ganhou novas perspectivas e serve de modelo de como espaços de interesse histórico podem ser revigorados a favor de seus proprietários e de toda a comunidade da cidade.

O Instituto SEB, do Grupo SEB, promo-

veu o aprimoramento da estrutura dos prédios, com restauros e adequações, e realiza, no lugar, projetos sociais com ênfases educacional e cultural.

Espaço também do Sistema Thathi de Comunicação, segue ocupado e reverberando o som dos tempos. O passado sempre presente em projetos que vêm garantindo o futuro de muitos jovens.



7. Praça Francisco Schmidt e Maria Fumaça



Entre os anos de 1884 e 1900 esta área era ocupada pelo largo da Estação ou Praça da Estação da Mogiana. Em três de novembro de 1900 foi aprovada a iniciativa para adquirir os terrenos para construção de uma praça. Futuramente, ela recebeu o nome de Francisco Schmidt, home-



nageando o grande cafeicultor do início do século XX.

No centro da praça, situada nas proximidades da Avenida Jerônimo Gonçalves e do Pronto Socorro Central, foi erigida uma herma (pedestal e busto) em homenagem a Schmidt, em 1927. Embora a escultura original tenha sido furtada há alguns anos, outra de tamanho menor foi esculpida pelo artista plástico ribeirão-pretano Thirso Cruz e colocada em seu lugar.

Outra atração daquela localidade era a Maria Fumaça, uma locomotiva “Phantom” da Usina Amália, de 1912. Doada ao município pelas Indústrias Matarazzo e instalada no local na década de 1970. O exemplar é uma das três remanescentes da fabricante alemã Borsig no Brasil. As outras duas estão em Itapetininga e Jaguariúna.

Os moradores da Vila Tibério e demais proximidades possuem uma relação de afetividade com a locomotiva, considerando-a como elemento da identidade do bairro.

2023

Como visto na página 76, a Maria Fumaça foi restaurada e levada para o Parque Maurílio Biagi.

A Praça Francisco Schmidt, por sua vez, perdeu, para o fogo, sua árvore central. O busto do rei do café foi deposto. O lugar segue escuro e sem a presença do povo, verdadeiros donos da praça.

8. Hotel Brasil

O prédio do Hotel Brasil localiza-se na esquina da Rua General Osório com a Avenida Jerônimo Gonçalves. Ao que tudo indica, a origem do estabelecimento remonta ao final da década de 1910, quando era uma construção térrea. Em 1921, Vicente Vicari requereu à Prefeitura Municipal a aprovação do projeto de Antônio Soares Romeo para construir um grande hotel. Esse projeto, contudo, não foi executado. Em 1929, Vicari solicitou nova aprovação, desta vez, no projeto constava o nome do engenheiro civil L. Dupré.

Entre 1930 e 1955, o hotel viveu o seu apogeu, figurando como um dos melhores estabelecimentos da cidade. Hospedou estadistas, homens de negócios, clubes de futebol como o Vasco da Gama, o Coritiba, o Boca Juniors e o River Plate.

Ao observar sua arquitetura é possível identificar características neoclássicas: pináculos, falsetes de colunas, arco-pleno, ornatos e portas com arco abatido. Tendo sido inicialmente um prédio térreo, posteriormente, foram construídos outros dois pavimentos que agregaram outros elementos, tornando-se um exemplar do ecletismo. Além disso, possui três portas de ferro e dez vitrais para a Avenida Jerônimo Gonçalves, uma porta larga de madeira na esquina e três portas de ferro e dois vitrais para a Rua General Osório. O edifício é de cimento armado e tijolos, coberto de telhas, parte assoalhado e parte ladrilhado, contendo instalações de água, esgoto e luz elétrica, com o seu respectivo terreno todo murado.



2013



2023

Na foto intervalada por uma década, pouco podem ser medidas as transformações. E esse é o maior prejuízo. Patrimônio imponente pela dimensão, localização e história, espera-se pelo seu restauro com ansiedade, mas sem confirmação. Levado a leilão, não é possível fazer projeções, somente manter a certeza de que, como uma majestade, o hotel reina, esperando um dia abrir as portas, seja para um projeto cultural, ou mesmo de interesse econômico.

9. Rua José Bonifácio

Traçada e nomeada no final do século XIX, esta via começa na Avenida Francisco Junqueira e segue paralela à Avenida Jerônimo Gonçalves e à Rua Saldanha Marinho. A instalação da Estação Ferroviária, em 1884, favoreceu o surgimento, nas proximidades, de uma rede de serviços. Além disso, ocorreram obras de retificação, aterramento e desobstrução do leito do Ribeirão Preto, que possibilitaram o saneamento da região. Posteriormente, entre 1910 e 1920, ocorreram ações de limpeza, colaborando, assim, para que esta rua se tornasse um centro comercial com variados tipos de estabelecimentos: restaurantes, botecos, armazéns de secos e molhados, serrarias, padarias e outros.

Como fruto desse processo, a arquitetura da Rua José Bonifácio apresenta características diversas, de acordo com o período histórico. Antes do final do século XIX, as casas tinham um aspecto mais rural. Após esta fase, novas influências começaram a compor as construções: nas fachadas apareceram os motivos ornamentais em maior quantidade, como flores, brasões, além de arcos e semi-arcos sobre janelas, arabescos, aduelas, armilas na base dos pilares, as bandeiras nas portas e janelas com detalhes florais e arcos apainelados, além de platibanda com curvaturas. Estas características são típicas do ecletismo,

cuja sofisticação estética foi acompanhada por uma preocupação com conceitos de higiene, como uma nova tipologia de implantação dos lotes (recuos laterais, maior iluminação interna) e com a presença de porões (para garantir um melhor clima, menos umidade, menos contato com o solo), demonstrando uma melhoria considerável de conforto em relação às antigas habitações da vila.

Passeando pela rua ainda é possível



apreciar um conjunto arquitetônico significativo. Vários sobrados que, originalmente, serviam de habitação no pavimento superior e comércio no térreo, ainda podem ser vistos ao longo da José Bonifácio. Em 2012, uma nova legislação obrigou os comerciantes a retirarem os letreiros e propagandas excessivas, revelando fachadas que estavam escondidas há décadas.



10. Mercado

Prédio do primeiro Mercado Municipal, localizado entre as ruas José Bonifácio e São Sebastião. O mercado foi inaugurado em 1900, administrado inicialmente pela empresa Falena & Cia. Foi destruído por um incêndio em 07 de outubro de 1942. Data: 1900. Fotografia João Passig. APHRP, Fundo JPM.



O atual edifício do Mercado Municipal, localizado na Rua José Bonifácio, e mais conhecido como Mercado, foi inaugurado em 1958. Antes dele, no mesmo local havia um outro prédio, construído em 1900 e destruído por um incêndio em 1942. Durante muitos anos, os comerciantes mantiveram suas atividades de maneira improvisada, com barracas em meio às ruínas deixadas pelo fogo. Em 1951 a edificação remanescente foi finalmente demolida e alguns melhoramentos feitos nas barracas pela Prefeitura.

Depois de várias tentativas fracassadas de construir um novo prédio, em 1957 iniciaram-se as obras, durante a gestão do então Prefeito Costabile Romano. O projeto ficou a cargo do Departamento de Viação e Obras Públicas, que ficou responsável, também, pela elaboração da planta. Com o Decreto de inauguração n. 007, de 1958, regulamentou-se que o Mercado Municipal se destinaria somente à venda de gêneros alimentícios a

varejo para o abastecimento da população.

Obra característica da moderna arquitetura brasileira dos anos 1950, as formas inusitadas da cobertura do Mercado, em parábolas descritas pela telha metálica casam perfeitamente com a estrutura mista (pilares de concreto armado e vigas metálicas) resultando num interior desimpedido de elementos construtivos. O projeto teve um cuidado especial com a iluminação e a ventilação naturais, empregando lanternins formados pelo desnível entre o telhado e os planos de caixilharia envidraçada nas empenas laterais. Linhas brancas de concreto armado que descrevem as parábolas da cobertura descem até o chão, desenhando linhas de força e amarrando a volumetria. No lado externo observam-se as típicas pastilhas de vidro branco e azul claro, tão em voga nos anos 1960 e 1970, material utilizado, também, no mural em alto-relevo do artista Bassano Vaccarini.



Mosaico de Bassano Vaccarini, de 1958. Guia de Monumentos do APHRP.

Atualmente o famoso Mercadão mantém algumas das suas características originais: a venda de gêneros alimentícios, produtos para abastecer o homem do campo

como chapéus, cabos de enxada, rolos de fumo, cestarias, entre outros artigos. O prédio conta com cento e quarenta e nove boxes e sessenta permissionários.

2023



Seguir igual, apesar das muitas possibilidades criativas, é um caminho muito modesto para um patrimônio tão representativo da cidade. O Mercadão guarda mais do que história; é celeiro de modos de vida de épocas já passadas, mas que queremos sempre visitar, para manter as mãos dadas entre os tempos. A prefeitura comprou um projeto arquitetônico, em 2012, mas não conseguiu dar-lhe o destino merecido.

11. Quarteirão Paulista



O conjunto arquitetônico chamado de Quarteirão Paulista é formado por três edifícios: o antigo Hotel Palace, o Teatro Pedro II e o Edifício Meira Júnior, onde atualmente funciona a Choperia Pinguim, ponto turístico dos mais famosos da cidade. Os prédios estão situados defronte à Praça XV de Novembro, na Rua Álvares Cabral, entre as Ruas Duque de Caxias e General Osório.

A ideia da obra foi da Diretoria da Companhia Cervejaria Paulista, que decidiu, no final dos anos 1920, investir em projetos

imobiliários e de entretenimento. Para isso, em 1927 comprou do comerciante de café Adalberto de Oliveira Roxo o “Central Hotel”, atual Centro Cultural Palace. Ao lado dele, em 1928, adquiriu e demoliu edificações que deram lugar ao teatro e ao prédio de salas comerciais. Para que o hotel, cujo projeto era anterior, tivesse a mesma linguagem arquitetônica das duas construções novas, algumas modificações foram feitas para que se efetivasse um conjunto harmônico. O projeto foi assinado por Hipólito Gustavo Pujol Junior.



O Quarteirão Paulista ficou pronto em plena crise do café. Em função disto, o teatro de ópera começou suas atividades funcionando como cinema. Depois de décadas aberto, servindo a várias finalidades e atividades, o Theatro Pedro II sofreu um grande incêndio, em 1980, que danificou poltronas, cobertura, forros, galerias e boca de cena.

Mesmo parcialmente destruído, em 1982, foi tombado pelo Condephaat que, em 1993, tombou também os demais edifícios do Quarteirão Paulista e a Praça XV, com a

finalidade de preservar o conjunto. Depois de cinco anos de obras, o Theatro Pedro II foi reinaugurado, em 1996. Nesse mesmo período a Praça XV também foi reformada e teve início a restauração do Palace Hotel.

O Theatro Pedro II, que se destaca no conjunto do Quarteirão Paulista, tem características inerentes aos grandes teatros de ópera ecléticos: composição volumétrica simétrica, equilibrada e regular, acompanhada de elementos ornamentais em alto relevo densamente aplicados. Internamente, o

visitante do teatro é recebido em um grande vestíbulo, no qual estão expostos dois lampadários doados à prefeitura pelo consulado francês e ali instalados depois do processo de restauração. No primeiro pavimento há um foyer de passeio e mais dois salões de circulação e repouso, além de duas outras salas; no segundo pavimento há salas, um salão e foyer.

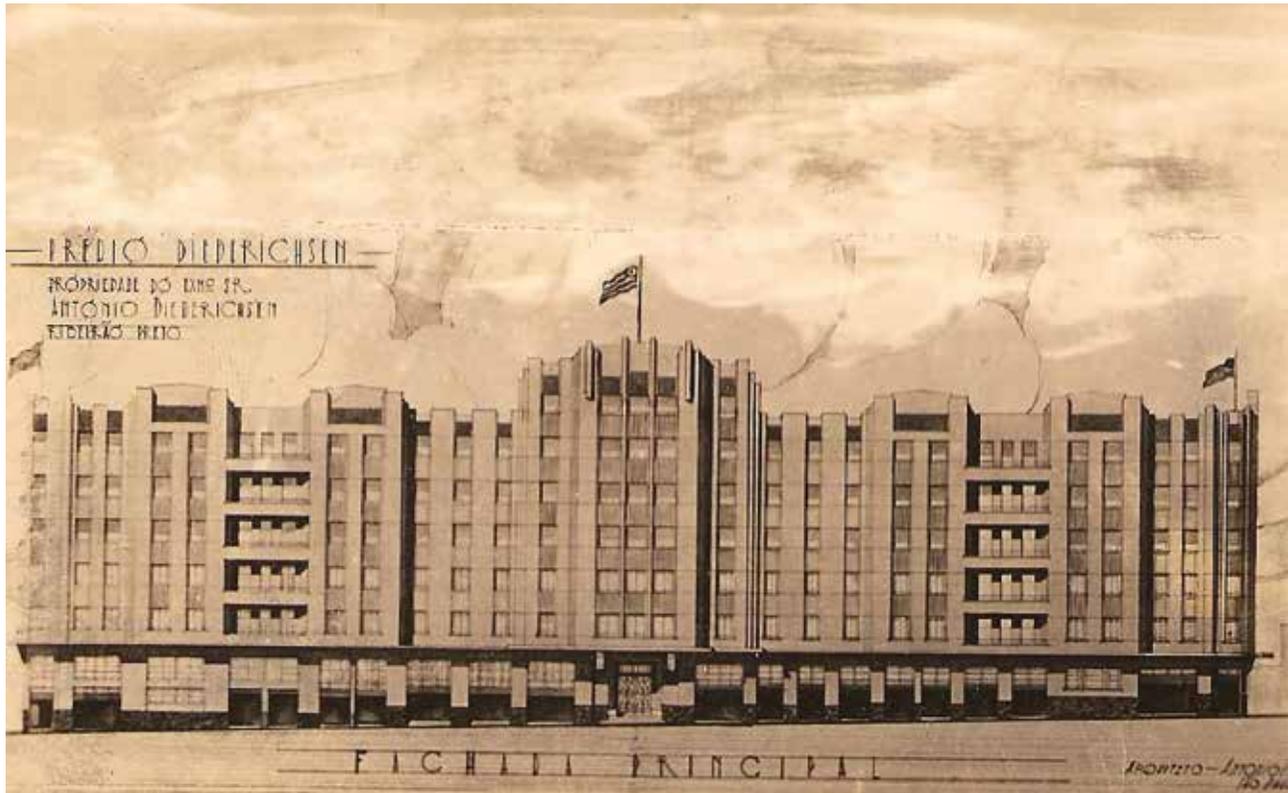
Se o interior é rico em ornamentação, a fachada frontal não tem menor efeito, com guirlandas e festões compostos de frutas tropicais, volutas, cartelas, medalhões, folhas de acanto e rocaillles são destaque. Também são marcantes os detalhes do Art Nouveau paulista: estruturas de ferro e vidro presentes abaixo das marquises, o fechamento nos óculos e nos gradis dos balcões no teatro.

Ao visitar a Esplanada do Pedro II, como é chamado o largo que separa o Quarteirão Paulista da Praça XV de Novembro e do Edifício Antônio Diederichsen, tem-se uma imagem clara das várias camadas de tempo. Convivem no mesmo espaço edificações atuais junto a outras dos anos 1930, 1920 e 1910, evidenciando a dinâmica que transformou a paisagem local.



Acima, destaque para o “CP”, iniciais da Cervejaria Paulista, responsável pela construção do teatro. Ao lado, detalhe da fachada do Pedro II com ornamento arquitetônico em forma de folha de Acanto.

12. Edifício Antônio Diederichsen



Edifício Diederichsen, fotografia do desenho da fachada do prédio voltada para a Rua Álvares Cabral. Data: 1935. Fotógrafo: Foto Sport. APHRP.

Precursor do processo de verticalização em Ribeirão Preto, o edifício de 140 metros, com fachadas para as ruas General Osório, Álvares Cabral e São Sebastião, fica próximo ao Quarteirão Paulista e à Praça XV de Novembro. Construído em 1934 a pedido de Antônio Diederichsen, foi projetado em estilo Art Déco, caracterizado por sua fachada de formas retas, geométricas e simétricas, com uma distribuição regular dos vãos.

Sua estrutura é de concreto armado, sendo uma inovação construtiva para o período. A implantação obedece ao alinhamento

da rua e se destaca pela valorização das fachadas frontais, com barrado de mármore preto com dois metros de altura no térreo e revestimento de cimento, cal, areia e malacacheta (material reflexivo à luz solar típico do art déco). A empresa contratada para a execução era de propriedade do arquiteto Antonio Terreri e do construtor Pachoal de Vincenzo.

Concebido para uso misto, o edifício Diederichsen abrigava inicialmente cinema, lojas diversas, serviços, apartamentos residenciais e, no sexto andar, a habitação do proprietário, com vista panorâmica. No interior ainda

é possível ver os ladrilhos hidráulicos, as escadarias originais, os vitrais e o revestimento das paredes trabalhado com motivos geométricos, como ondas zig-zag e temas florais simplificados.

Por ser representativo do caminho em direção à arquitetura moderna da cidade, este prédio representa um divisor de águas para Ribeirão Preto. É simbólico o fato de que parte do terreno, adquirido em 1934 para a sua construção, pertencia à residência do Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira (Quinzinho da Cunha), principal chefe políti-

co ligado ao Partido Republicano Paulista (PRP) e símbolo do poder do café no interior do estado de São Paulo. No local onde antes existia o palacete de um dos Reis do Café, foi edificado o primeiro “arranha céu” da cidade.

Atualmente o térreo abriga lojas de estilo mais contemporâneo, enquanto que em alguns andares superiores, são mantidos seus usos originais. Ao circular por seu interior, por exemplo, ainda é possível adquirir um terno confeccionado pelo mesmo alfaiate que lá se encontra há mais de 50 anos, o senhor Walter Feloni, conhecido como “Alemão”.



2013

2023



Vazio, o edifício Diederichsen faz silêncio, no barulhento centro da cidade. Os avanços para um efetivo restauro sofrem o peso da falta de recursos e, muitas vezes, não refletem desinteresse. Para o edifício, são destinadas muitas ideias, inclusive compreendendo o antigo Cine São Paulo, descaracterizado, arquitetonicamente, em seu interior, com obras embargadas pela justiça.

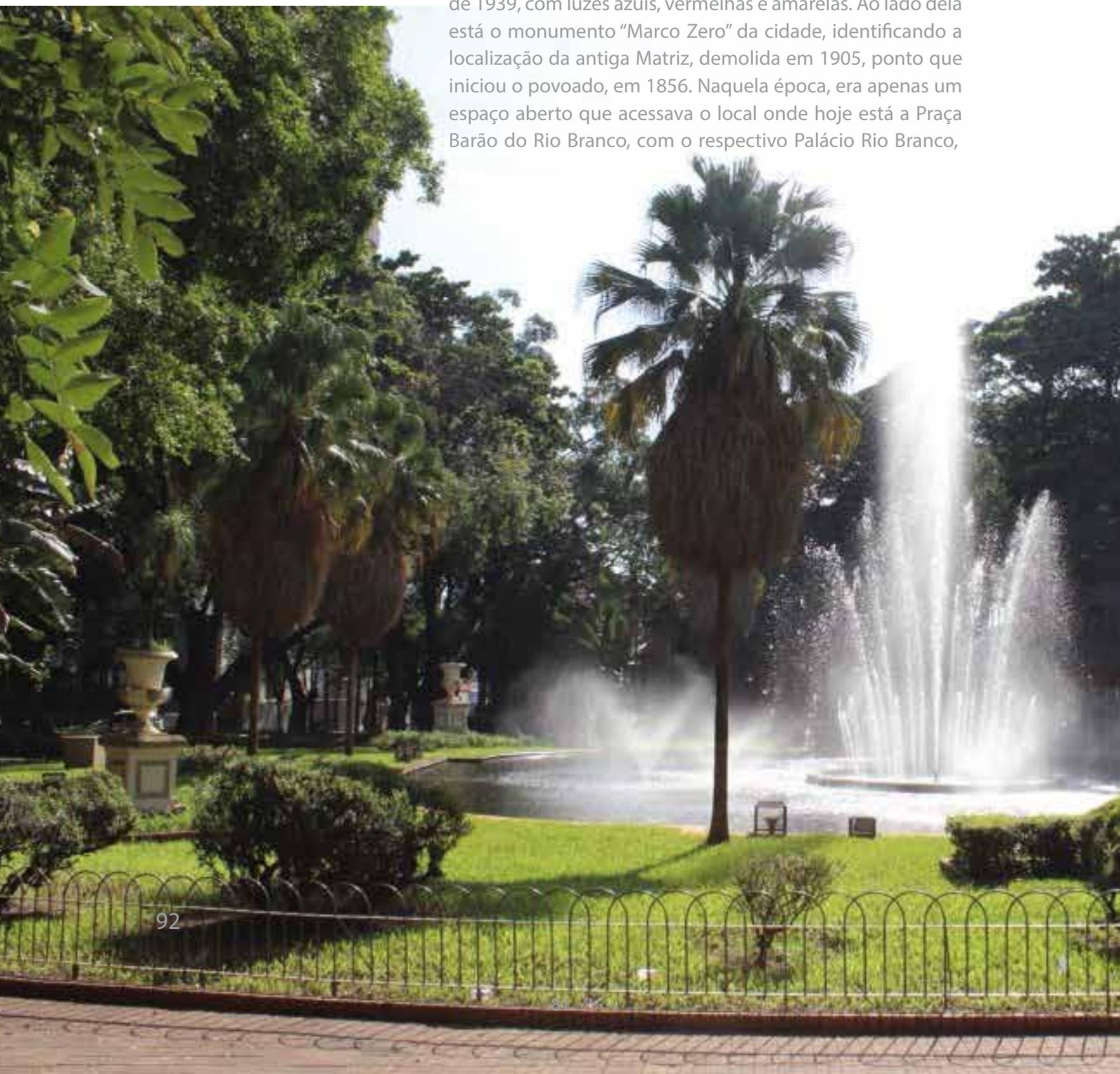
13. Praça XV de Novembro



Praça XV de Novembro, vista a partir da Rua Álvares Cabral. À direita, coreto e Rua General Osório. No centro, presença de fotógrafos lambe-lambe. Ao fundo, um pequeno lance de escadas dava acesso a esplanada do Theatro Carlos Gomes. Data: 1920. Fotógrafo: Não identificado. APHRP



No coração do Centro Histórico de Ribeirão Preto está a Praça XV de Novembro, onde uma das grandes atrações é a fonte luminosa, originalmente inaugurada em 20 de janeiro de 1939, com luzes azuis, vermelhas e amarelas. Ao lado dela está o monumento “Marco Zero” da cidade, identificando a localização da antiga Matriz, demolida em 1905, ponto que iniciou o povoado, em 1856. Naquela época, era apenas um espaço aberto que acessava o local onde hoje está a Praça Barão do Rio Branco, com o respectivo Palácio Rio Branco,



sede da Prefeitura.

Em 1886, o presidente da província de São Paulo, o Visconde de Parnaíba, visitou Ribeirão Preto. Na ocasião foram plantadas, solenemente, três figueiras no Largo da Matriz, uma por Alexandre Brodowski, seu genro, uma por Tibério Augusto, que hospedou o visitante, e outra pelo próprio Visconde. Estas árvores centenárias ainda podem ser vistas na Praça, ao lado da Rua Duque de Caxias.

O largo, a partir do qual a cidade foi demarcada e planejada como tabuleiro linear, recebeu, entre 1900 e 1901, canteiros de flores, arbustos, chafariz, coreto, lago e bancos, sendo inaugurado com o nome "Jardim Dr. Loyola", em homenagem ao prefeito da época. Com o ajardinamento houve a concretização espacial da área como um espaço dedicado ao lazer e à sociabilidade, um signo da modernização em processo.

Com a demolição da Igreja, em 1905, o jardim foi ampliado. A partir do ano de

1919 outras reformas foram feitas: construção do bar da Antartica, novos contornos nos canteiros, a vegetação foi refeita e um novo mobiliário adquirido.

Em 1928 o bar da Antartica foi demolido e em 1930, foi construído o Trianon, que exercia a função de bar no térreo e mirante na cobertura. Entre os anos 1937 e 1944 a Praça sofreu outras reformas. Ao longo desse processo, o seu entorno transformou-se, "embelezou-se" e se tornou a localização preferencial para a construção dos Palacetes urbanos dos fazendeiros e da classe média em ascensão, alguns dos quais ainda podem ser vistos no local.

Nos anos 1990 passou por reformas que recuperaram as características dos anos 1920 e 1930, visando formar um conjunto com o Quarteirão Paulista. Ao visitar o local, vale a pena conferir os monumentos espalhados pela Praça, como o erguido em homenagem à Revolução de 1932, além de outros, representando as personalidades da época do café.



14. Praça Carlos Gomes

Separada da Praça XV de Novembro pela Rua Visconde de Inhaúma, e ladeada pelas Ruas Duque de Caxias, Barão do Amazonas e General Osório, a Praça Carlos Gomes passou por grandes transformações. Originalmente era parte do Largo da Matriz.

Em 1897 foi inaugurado nesse lugar o Teatro Carlos Gomes. Erguido, em parte, com recursos de cafeicultores como Francisco Schmidt, o edifício de arquitetura requintada materializou a ocupação de um espaço urbano que era dedicado, até então, exclusivamente à fé, por uma elite cafeeira dominante.

Com padrões ecléticos, o exterior do teatro tinha características neoclássicas com a presença de rusticações nas paredes externas, janelas e portas com arco pleno, volumetria do telhado de duas águas em alusão ao frontão greco-romano (Parthenon) em cujo centro geométrico se localizava um óculo e nos cantos peças chamadas acrotérios.

Todo volume construído era coroado com um entablamento completo formado por friso dentado, arquitrave e cornija. No interior a plateia (capacidade para 400

pessoas, mais a galeria com 200 poltronas em estilo Luiz XV) em forma de ferradura, contava com camarotes térreos e dois níveis de balcão superior. As frisas eram de veludo. As paredes eram tratadas com afrescos.

No piso superior existia uma grande sala utilizada para os bailes da cidade. As escadas eram de mármore Carrara, as canaletas de bronze alemão, o lustre central era com cristais de Murano e os vitrais.

Depois da crise de 1929 e com a inauguração do Theatro Pedro II, o Carlos Gomes foi perdendo o seu prestígio. Até que, entre 1944 e 1946, foi demolido e no seu lugar foi feito um canteiro central, formando uma praça que, mais tarde, se tornou um terminal urbano de transporte coletivo, desativado em 1999.

Atualmente o local foi remodelado e o piso recebeu mosaicos retratando prédios históricos que não existem mais. Um deles é o próprio Carlos Gomes que, mesmo tendo sido demolido há quase 70 anos, ainda ocupa o espaço dos afetos do cidadão ribeirão-pretano, permanecendo em sua memória.

15. MARP – Museu de Arte de Ribeirão Preto Antigo Prédio da Sociedade Recreativa

Fruto da busca pelo moderno e o urbano aos moldes europeus, em 1906 um grupo de pessoas reuniu-se com o objetivo de fundar na cidade um Clube Recreativo. As obras foram iniciadas em 16 de dezembro daquele mesmo ano, dirigidas pelo arquiteto Affonso Geribello e pelo construtor Vicente Lo Giudice.

Os responsáveis pelo projeto concluíram que, em virtude da localização privilegiada da obra, sua arquitetura deveria ser sofisticada e monumental, seguindo o modelo eclético do entorno.

Com a mesma pompa da arquitetura, um baile do Clube dos Homens Ricos de Ribeirão Preto inaugurou o edifício da Sociedade Recreativa. O seu interior possuía assoalho de madeira de lei, portas e janelas almofadadas e pinturas parietais decorativas. O programa contava com salas de bilhar e outros jogos, servidos pelo monumental saguão de entrada, no pavimento inferior.

Depois de décadas funcionando no local, em meados do século XX a Recreativa foi transferida para a Avenida Nove de Julho, em um terreno doado pela Prefeitura Municipal. No seu antigo prédio passou a funcionar, em 1956, a Câmara de Vereadores. Em 1992, depois de uma ampla reforma, foi instalado no local o Marp – Museu de Arte de Ribeirão Preto. O edifício, situado na rua Barão do Amazonas, 323, foi tombado como patrimônio histórico municipal, em 2008.



16. Palácio Rio Branco

O edifício do Paço Municipal, sede da Câmara e da Prefeitura, foi construído em 1917, diante do monumento erguido em 1913 em homenagem ao Barão do Rio Branco, sendo que a denominação de "Palácio Rio Branco" só ocorreu em 1948, por meio de lei municipal. O autor do projeto foi o engenheiro Antonio Soares Romeo, auxiliado pelo construtor José Michelletti.

Sua arquitetura foi inspirada nos edifícios da prefeitura da cidade francesa de Neuilly-sur-seine e no Hotel de La Ville de Suresnes, também na França. Eclético na sua composição, o Palácio apresenta vários detalhes decorativos interna e externamente. Concebido com dois pavimentos e um porão, no piso superior fica o Salão Nobre, em estilo Luiz XV, com paredes pintadas pelo artista Torquato Bassi e mobiliário comprado do Lyceu de Artes e Offícios. A cobertura é composta por telhas de ardósia francesa. Com caixilharia de tamanhos e formas fora dos padrões usuais, o prédio tem características plásticas consideradas inovadoras para a época.

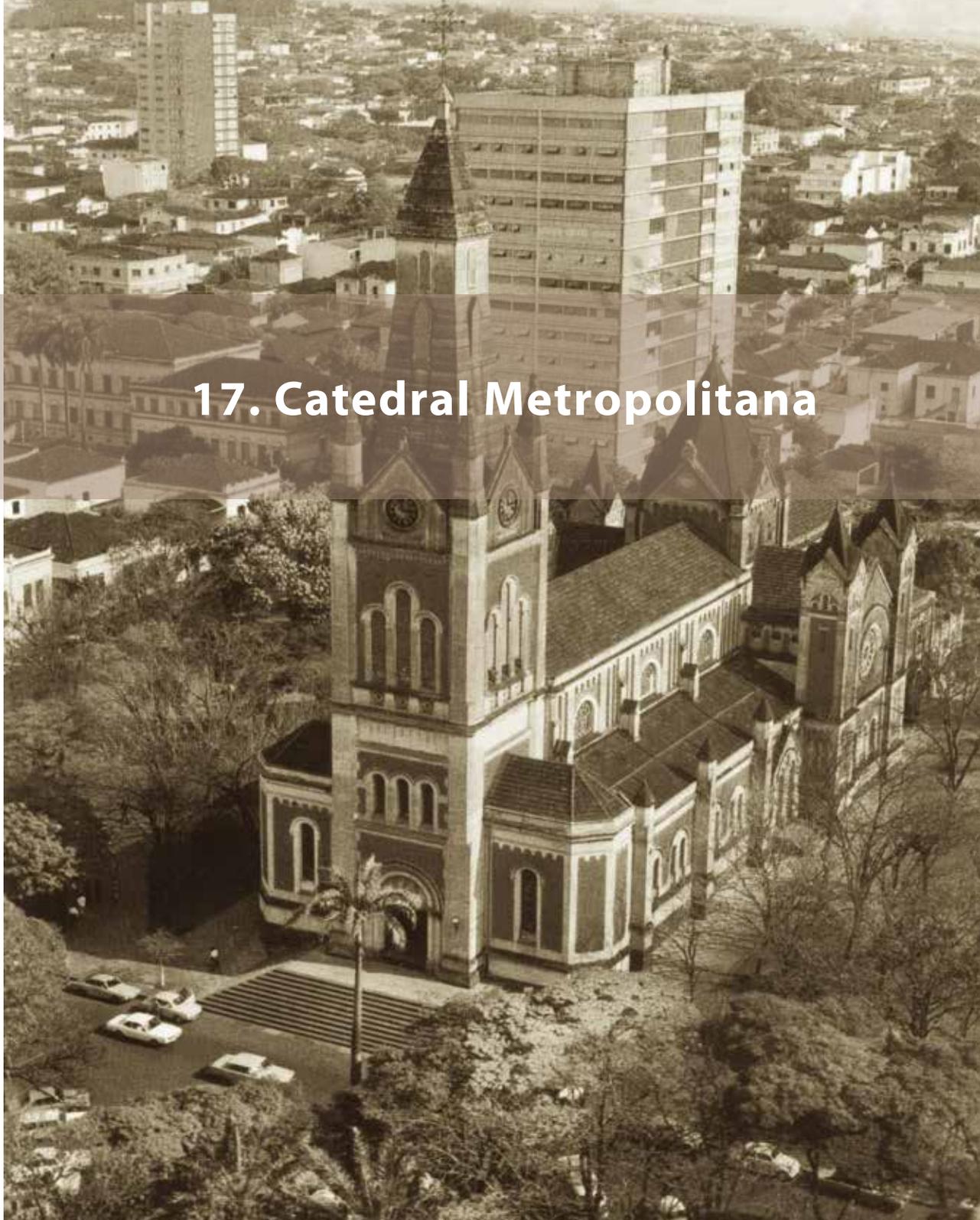
Como um projeto que refletia e evidenciava o poder da elite cafeeira, a solemnidade de inauguração foi presidida pelo Coronel Francisco Schmidt, então Presidente da Câmara. O Palácio foi sede da Câmara e Prefeitura até 1956, quando o órgão legislativo foi transferido para o antigo prédio da Sociedade Recreativa, na rua Barão do Amazonas, ficando no edifício apenas o executivo municipal.



Prefeitura Municipal (Palácio Rio Branco). À direita, antigo prédio do Corpo de Bombeiros e, ao lado, o edifício que abrigada a Câmara e Cadeia, na Rua Cerqueira César. Data: [1940-1950]. Fotografia: Foto Sport. APHRP.

2023

O Palácio Rio Branco não é mais sede do poder executivo. Destinado ao uso da Secretaria de Cultura e Turismo, teve processos de restauro iniciados em 2022. Primeiro, começados pela identificação e catalogação do mobiliário. Só depois partirá para a recuperação do prédio.



17. Catedral Metropolitana

Obras de Benetido Calixto





No início do século XX a antiga matriz de Ribeirão Preto, com problemas de conservação e já considerada pequena para a comunidade católica do município, necessitava ser substituída por outra maior e mais condizente com os serviços religiosos de uma cidade em franco crescimento.

Em janeiro de 1901, o vigário Monsenhor Siqueira reuniu uma comissão disposta a colaborar na construção da nova matriz que, mais tarde, se tornou a Catedral. Foram recebidas as propostas de trinta e três projetos que ficaram expostos no Teatro Carlos Gomes. Foram compostas, então, duas comissões, uma técnica e outra, chamada de construtora.

As comissões inicialmente separaram nove projetos, dentre os quais, o do arquiteto Victor Dubugras, que foi aprovado por voto unânime, considerado pela comissão como superior a todos os outros, pela imponência arquitetônica, pela beleza e por todo o conjunto da obra proposta. Mas, em decorrência de um orçamento apertado, ele acabou recusado. A comissão fez uma nova triagem nos projetos e escolheu o de Carlos Eckman, solicitando a ele ajustes para diminuir o custo da obra. Em 1904 já estava com os alicerces prontos, porém, a Catedral levou anos para ser concluída. Sua inauguração só se deu finalmente na década de 1910 e sua decoração

foi realizada entre 1920 a 1930.

O prédio possui 27 metros de largura, por 82 de comprimento. A torre mais alta, que chega à base do cruzeiro, tem 51 metros, que equivaleriam, hoje, a 15 andares. A cúpula sobre a nave central tem 33 metros e o relógio suíço, movido por engrenagem da firma Webb Mappin, fica cerca de 30 metros de altura, assim como os sinos.

A espessura das paredes impressiona: as externas chegam a ter um metro de largura. Obedecendo lealmente aos preceitos neogóticos, os arcos, plenos, funcionam também como sustentação da estrutura, e os tijolos aparentes são influência da escola germânica e inglesa. A Catedral possui janela de rosácea nas laterais direita e esquerda, abóbadas de cruzaria com quatro arestas, presença de vitrais coloridos, planta com uma única nave, pináculos (características góticas), mas ainda tem arcos de volta inteira que representam influências clássicas. O seu teto é feito de estuque.

Instalada no centro da Praça das Bandeiras, a Catedral possui preciosidades artísticas em seu interior. Além da decoração interna, obras de Benedito Calixto, considerado um dos pintores brasileiros de maior expressão no início do século, podem ser vistas nas paredes do templo.



18. Avenida Nove de Julho

2023

A Avenida Nove de Julho inicia na Rua Amador Bueno e segue em direção sudeste, paralela primeiramente à Rua Bernardino de Campos e depois a Rua Quintino Bocaiúva de um lado e à Rua João Penteado de outro. Inaugurada em 1922, como Avenida Independência, denominação motivada pelo centenário da Independência que ocorria naquele ano. O seu trecho inicial era entre as ruas Tibiriçá e São José, onde foi instalado um obelisco em homenagem ao centenário de Independência ao Brasil. O monumento foi posteriormente transferido para a confluência das atuais Avenidas Nove de Julho e Independência onde se encontra até hoje.

No ano de 1949 iniciaram os estudos para o seu prolongamento entre as ruas Sete de Setembro e Floriano Peixoto, acompanhando a implantação de loteamentos naquela região. Durante a década de 1960 a avenida abrigou as mansões de propriedade da elite econômica da cidade. Eram em sua maioria, residências construídas em estilo moderno. Hoje muitos desses bens se encontram descaracterizados ou demolidos, já que nas últimas décadas esta via se transformou em um importante ponto comercial e de prestação de serviços.

Nos anos 1970 a avenida teve parte da sua paisagem descaracterizada com a retirada dos postes ornamentais de ferro fundido, com fiação embutida e duas tocheiras.

Um dos marcos é o paisagismo, composto por árvores da espécie sibipiruna, plantadas ao logo do canteiro central no final da década de 1940. As vias urbanas ainda são cobertas pelos famosos paralelepípedos, um dos poucos lugares em Ribeirão onde ainda é possível conhecer esta antiga pavimentação.

Entre a decisão de preservar, ou não, os paralelepípedos da Avenida Nove de Julho, o tempo foi passando e, quando 2023 chegou, a obra de requalificação foi iniciada. A avenida longa, por onde a história passou e ainda pede passagem, fecha, para depois abrir. Os postes especiais não voltarão, segundo se sabe, mas, na espera da retomada, há o desejo de uma proposta de ocupação que ajude na valorização da avenida. Que não seja somente uma via antiga, mas um lugar de encontro, como já se mostrou possível, valorizado pela característica dos pequenos quadros de asfalto que, ao promoverem a lentidão dos carros, permitam a apreciação de uma avenida lindamente charmosa e criativa.





19. Cemitério da Saudade

Fazer turismo cultural em cemitérios é usual em muitos países, mas, no Brasil, e em particular em cidades do interior, esta prática ainda não é habitual. A mudança dessa cultura em Ribeirão Preto vem acontecendo nos últimos anos, com a divulgação do patrimônio histórico e artístico do Cemitério da Saudade, localizado na avenida de mesmo nome, no número 1775, no Bairro Campos Elíseos, o mais populoso da cidade.

Ele foi instalado nessa região em 1893, inicialmente numa área do lote rural nº. 16, da 3ª Secção, do Núcleo Colonial Antônio Prado. Embora o ano de sua criação seja 1893, a data inicial do Primeiro Livro de Registro Perpétuo do Cemitério da Saudade foi de 22 de junho de 1892. Esta informação pode indicar duas situações: ou o cemitério já recebia sepultamentos antes mesmo da sua legalização, ou os lotes perpétuos estavam sendo vendidos antes de sua criação por Lei Municipal.

O túmulo mais antigo ainda edificado é o de Joaquina Lemos do Val, falecida em 07 de maio 1886, e possivelmente sepultada originalmente no cemitério próximo a atual Praça Sete de Setembro, tendo os seus ossos trasladados para o Cemitério da Saudade quando da sua inauguração. Até a década de 1930, ele contava com 16 quadras e 1.597 carneiras. Nesta fase foram realizadas várias reformas e ampliações: construção do Necrotério, da Capela e





do Portão Monumental. No período entre 1952 e 1953 foi construído o Cruzeiro.

Em frente aos passeios principais encontra-se a maior parte dos túmulos de valor artístico, histórico e arquitetônico, construídos entre o final do século XIX e o início do XX. São exemplares significativos da arte tumular, construídos em mármore e fruto do trabalho especializado de artistas-artesãos, principalmente italianos. Há também outras sepulturas que possuem importante valor religioso para a população. São túmulos que se tornaram objeto de culto, destacando-se o papel da religiosidade popular, marcada pelo devocionismo católico. Neste caso, destacam-se os túmulos do Menino Zezinho, da Menina Piedade, de Dom Giovanni Rabaioli, do Frei Santo Ramires e dois dedicados às almas.

O Cemitério reúne uma complexidade de elementos culturais, envolvendo valores estéticos, arquitetônicos, religiosos, cívicos e afetivos.

Caracterizado como um espelho da cidade dos vivos, a cidade dos mortos guarda vários sentidos, revelando-se como lugar de devoção, de relações sociais e de diversas vivências. Um território que ganha vida pelas várias práticas cotidianas de todos aqueles que, de alguma forma, tem este lugar como uma importante referência cultural.



20. Matriz Santo Antônio de Pádua

Localizado no Bairro Campos Elíseos, na Rua Paraíba, n. 747, este templo faz parte do conjunto de edificações da Congregação dos Monges Beneditinos Olivetanos. Esta ordem foi fundada em 1313, por João Bernardo Tolomei, conhecido como o “irmão dos doentes”. Os monges chegaram a Ribeirão Preto em 1919. O Olivetano abade Pérego foi nomeado pelo Bispo Diocesano, Dom Alberto José Gonçalves, reitor da Capela de Santo Antonio dos Pobres. O abade recebeu da ordem dos Scalabrinianos, que até então administrava a Capela, uma associação, a Pia União de Santo Antonio de Pádua, que tinha como finalidade construir um santuário, um hospital e um abrigo para idosos e órfãos no Morro do Cipó, hoje Alto de São Bento. Cabia aos Olivetanos, em Ribeirão Preto, cuidar dos interesses espirituais dos italianos.

A obra do templo iniciou-se em 18 de junho de 1922. A paróquia de Santo Antônio de Pádua foi criada em 15 de março de 1947 por D. Manuel da Silveira D’Elboux.

Em 1936, os terrenos em frente à Igreja foram considerados de utilidade pública e desapropriados para a abertura de uma praça pública, que recebeu o nome de Praça Santo Antônio. Nela, foi instalada, em 1995, marcando o aniversário de 800 anos de nascimento do Santo Antônio de Pádua, uma estátua do santo, em substituição a uma outra que trazia a imagem de Padre Euclides, da década de 1960, transferida para a entrada da Santa Casa de Misericórdia.

Na praça também está instalado um relógio elétrico para torre acondicionado em três caixas e três blocos de ferro, com um sino de 70 kg. Uma comissão de moradores





se reuniu, em 1940, e arrecadou dinheiro para construí-lo. Como resultado desta iniciativa, foi inaugurado em 1951.

Outro imóvel significativo existente no entorno da praça e da Matriz de Santo Antônio de Pádua localiza-se no número 71. Construído possivelmente na década de 1940, ele abrigou a Guarda Civil, a Inspetoria Escolar, a 3ª. Escola Municipal. Também funcionaram nesse prédio, a Biblioteca Guilherme de Almeida, hoje na Casa da Cultura, e o Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos dos Santos, atualmente no Campus da USP.

Próxima à Matriz está localizada a Capela Santo Antônio, Pão dos Pobres, na Avenida Saudade, n. 202. O templo teve autorização para ser construído em 1898 e a inauguração em 13 de junho 1903 com missa celebrada pelo Padre Euclides Gomes Carneiro. A edificação foi tombada pelo CONPPAC/RP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultura de Ribeirão Preto) em 09 de dezembro de 2009. Ela foi doada para a Arquidiocese de Ribeirão Preto pela família Santos Proença da Fonseca.

Edifício na Praça Santo Antônio, n. 71, que abrigou a Biblioteca Guilherme de Almeida e o Museu Histórico. Até bem pouco tempo ele era ocupado pela Delegacia de Política, atualmente está desativado.



21. Parque Municipal do Morro do São Bento

O Morro do Cipó, como era conhecido anteriormente, é uma área de aproximadamente 250.800 m², remanescente da Chácara Olímpica. Neste local se localizam: o Bosque e Zoológico Fábio Barreto; o Complexo Esportivo; o Complexo Cultural “Antônio Palocci”; o Mosteiro de São Bento; o Santuário das Sete Capelas e a Escola Industrial. Além disto, anualmente, ocorrem no Morro o Festival Tanabata e a Fest’Itália.

Francisco Schmidt teve a primeira iniciativa oficial para a preservação da mata do Morro do Cipó, em 1899, quando apresentou à Câmara Municipal uma indicação para que fosse adquirida e conservada pela municipalidade. A ideia só se concretizou em 1907, quando a área foi comprada pela Prefeitura. Em 1922 foi concedida uma parte do Morro para a construção da Escola Profissional Mista, denominada em 1945, Escola Profissional José Martimiano da Silva.

Por iniciativa do Prefeito Fábio Barreto, em 1937 foi implantado o Bosque Municipal. Em 1948 teve início a construção do monumento ao Sagrado Coração de Jesus e do Mosteiro de São Bento. No mesmo ano, Dom Casimiro M. Masetti encaminhou uma solicitação

para alteração do nome do morro do Cipó para Alto de São Bento. Em 1951, o caminho entre o Bosque e o Mosteiro foi denominado de Via São Bento, pela lei n. 672. Dois anos mais tarde, em 1953, era inaugurada a praça em torno do monumento, assim como as obras de prolongamento da Rua Capitão Salomão. A apropriação religiosa do local se consolidou com essas últimas obras e, atualmente, essa área é chamada pela população de “Morro do São Bento”.

Entre 1950 e 1952, foram realizados os estudos e as obras para a construção do Ginásio de Esportes, atualmente denominado “Gavino Virdes”, mais conhecido pela população como “Cava do Bosque”. Em 1988 o Ginásio passou por ampliações, tornando-se o Complexo Esportivo “Elba de Pádua Lima (Tim)”.

Em 1995, o Morro foi transformado em uma Unidade de Preservação Permanente (UPP), chamada Parque Municipal do Morro de São Bento. O objetivo ao criar a UPP foi preservar umas das poucas áreas verdes originais ainda existentes na zona urbana, composta por vegetação formada por Floresta Mesófila Semidecídua e por Floresta Caducifólia.



Fachada e lateral do prédio da Escola Profissional José Martimiano da Silva (Escola Industrial) na Rua Tamandaré, em 1924. Ao fundo, visão da mata do Morro do Cipó, atual Parque Municipal do Morro do São Bento. Data: 1927. Fotógrafo: Rainero Maggiori. APHRP.

O Bosque e Zoológico Municipal Fábio Barreto

Em 1937 o prefeito Fábio Barreto implantou o Bosque Municipal, fazendo uma série de pedidos às Instituições e Chefes de Estado, para obter doações de plantas e animais. Em 1942 inaugurou o Parque Botânico, o Jardim Zoológico, o Orquidário, o Museu Zoológico e o Museu Mineralógico.

A partir das doações de empresários, fazendeiros e cidadãos, no dia 1.º de outubro de 1944 foram inaugurados o Aquário e as obras de reforma do Orquidário e em 1945, o Parque Infantil Machado de Assis, construído com bambus extraídos da mata do próprio Bosque Municipal.

Entre outras atividades, durante os anos de 1948 e 1949, algumas salas no Bosque serviram de sede provisória do

Museu Histórico Municipal, antes desta instituição ser transferida para o prédio na Praça Santo Antônio, n. 71 e, posteriormente, para a área da Fazenda Monte Alegre, atual Campus da USP.

Em 1969 foi inaugurada mais uma atração no Bosque Municipal, o Jardim Japonês, cujo paisagismo é de Mitsutery Naganune. Com uma área de 20 mil m2 aproximadamente, ele possui lagos, pontes e pedras características. A vegetação ali plantada era originária de sementes vindas do Japão e cultivadas pela Colônia Japonesa da cidade de Osasco. Nesta ocasião, o monumento em homenagem ao cinquentenário da Imigração Japonesa foi removido da Praça Schmidt e colocado no fundo do Jardim Japonês.

A “Fonte dos Amores” como é conhecida é vista logo na entrada do Bosque. Ela foi construída entre 1952 e 1953, no governo do Prefeito Alfredo Condeixa Filho, quando foram executadas várias obras no bosque. A fonte é composta em sua parte superior por um animal aquático que expelle água pela boca em três metades de cubas fixadas em parede revestida por azulejos. A fonte fica ao centro de dois bancos com acento e encosto também de azuleijos, compondo um conjunto harmônico.



Complexo Cultural Antônio Palocci

O Complexo Cultural Antônio Palocci, criado pela lei n. 520, de 1987, localiza-se no Morro do São Bento e é composto pelos Teatros Municipal e de Arena, as obras de arte e praças existentes na área e a Casa da Cultura, onde também funciona a Escolinha de Artes “Cândido Portinari” (Escolinha do Bosque).

A pedra fundamental do Teatro Popular (Teatro Municipal) foi lançada em 1964. Os autores do projeto foram Jaime Zeiger e Mario Reginato, com desenho do palco de autoria do artista Bassano Vaccarini. Em 1969 foi inaugurado o Teatro de Arena, idealizado e construído também por Jaime Zeiger, com topografia favorecendo a qualidade acústica.

Instalado numa meia-encosta, em uma área de aproximadamente 6 mil m²,

foi o primeiro teatro de arena construído no interior do Estado de São Paulo. Em 1982, por meio do Decreto n. 74, de 30 de março, o teatro passou a denominar-se “Jaime Zeiger”.

A Casa da Cultura, cujo projeto foi assinado pelo engenheiro Wilson Luiz Laguna e pelos arquitetos Durval Soave e José Antônio Barbosa, teve suas obras iniciadas em 1976. A inauguração da Casa da Cultura “Juscelino Kubitschek” ocorreu em 1977. O seu paisagismo contempla um conjunto de obras dos artistas Bassano Vaccarini, Thirso Cruz e Nelide Cássia Bertolucci. Atualmente, o prédio acomoda a Biblioteca Municipal “Guilherme de Almeida”, a Escola de Arte “Candido Portinari”, o MIS – Museu da Imagem e do Som “José da Silva Bueno” e toda a parte administrativa da Secretaria da Cultura.



Foto de uma das obras que forma o conjunto escultural denominado “Músicos”, de autoria de Thirso Cruz e instalado neste local em 1985

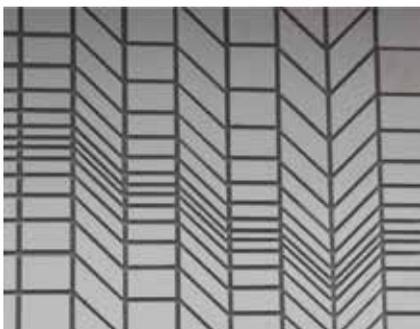


Conjunto escultural de Bassano Vaccarini composto por três figuras de músicos. Esculpidas em 1956 para o Cemitério da Cidade. Ficavam originalmente em frente à Cooperativa de Café (Café CRAM).

2013



Painel de Bassano Vaccarini no saguão de entrada do Teatro.



2023



A Casa da Cultura, instalada no Morro do São Bento, foi desativada como sede da Secretaria de Cultura e Turismo, em 2022. Essa ação deu origem à desativação da Biblioteca Guilherme de Almeida Prado e da Escola de Arte Cândido Portinari. A decisão foi motivada pela instalação, no lugar, do projeto Fábrica de Cultura, do governo do estado de São Paulo. O Teatro de Arena, mesmo reformado, em 2011, precisou de nova reforma, em 2023. O espaço carece de um projeto de ocupação sustentável, para garantir a não depredação nos intervalos sem uso.



Mosteiro de São Bento e Santuário das Sete Capelas

O prédio do Mosteiro de São Bento atualmente abriga vários departamentos administrativos da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Originalmente, foi edificado para ser o Ospedale Italiano Sant Antonio, que se destinava ao atendimento médico da colônia italiana de Ribeirão Preto.

A construção do hospital foi iniciada pela Ordem Religiosa dos Scalabrinianos, com o lançamento da pedra fundamental em 15 de junho de 1913. O terreno no Morro do Cipó, onde estava sendo feita a obra, foi comprado pela Diocese de Ribeirão Preto, representada pelo bispo Dom Alberto Gonçalves, em 1911. A autorização para a construção do hospital, com projeto de Cícero Martins Brandão só seria efetivada em 1923. Em 1935 foi solicitada complementação do edifício, com projeto de Antônio Terreri. No ano de 1942 as construções ainda estavam inacabadas quando os membros da Pia União de Santo Antonio, Monsenhor João Lauriano, Dom Manoel Silveira D'Elboux e outros se reuniram para decidir o destino do prédio. O grupo decidiu doá-lo aos padres Olivetanos para que ali fosse estabelecido um mosteiro destinado às vocações sacerdotais. A doação se efetivou em 1946.

Inaugurado em 1948 o Mosteiro estava sob a direção do Prior Dom Casimiro Masetti. O prédio contava apenas com o andar térreo. A capela monástica e o refeitório eram dois galpões e na pedreira vizinha começava a nascer o Santuário das "Sete Capelas".

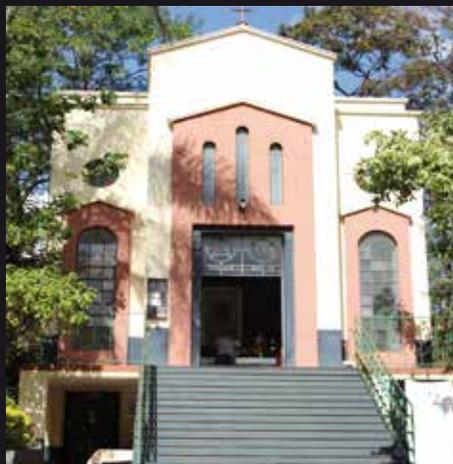
Concebido pelos Olivetanos, o Santuário possui sete templos dedicados a diferentes padroeiros. A edificação das sete capelinhas demorou mais de uma década. A primeira delas começou a ser construída em 1947, a Capela de Nossa Senhora das Graças, sendo inaugurada em 1948. Logo depois vieram: a de São Judas Tadeu, de 1951; de Santa Terezinha e Nossa Senhora Aparecida, de 1954; a de São Jorge, em 1955 e, finalmente, as capelas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a da Penitência (da escadaria). As fachadas das capelas são diferentes, contudo, em decorrência da existência de um padrão volumétrico e da disposição em semicírculo elas formam um interessante conjunto arquitetônico edificado em uma escavação de pedreira que, anteriormente, havia servido ao município com a rocha necessária para a confecção de paralelepípedos.



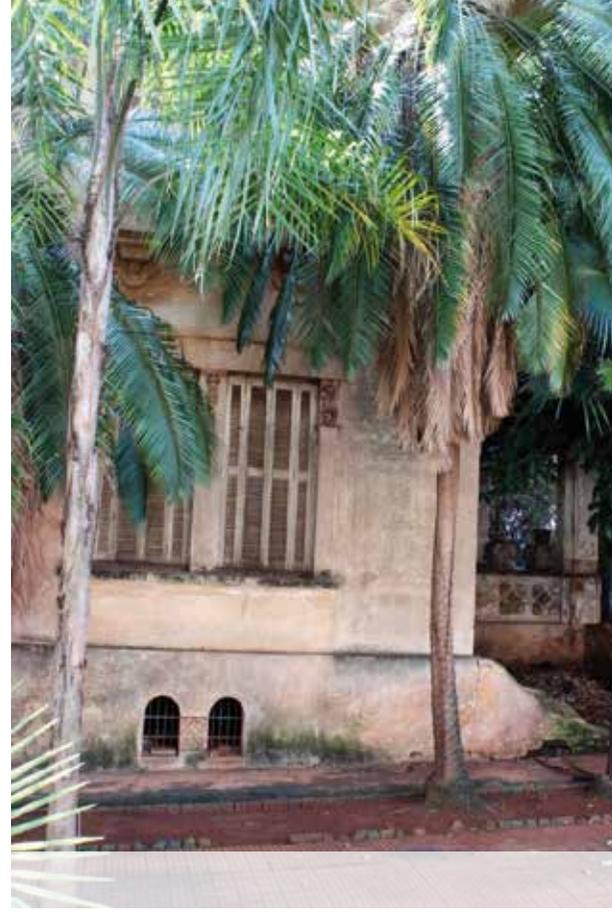


O Mosteiro do São Bento deixou de ser a sede das Secretarias de Educação, Planejamento e Administração e, fechado, recebeu a atenção de investidores do setor educacional, mas o projeto não foi consolidado. Sem atividade, em 2023, segue vazio, esperando proposta de ocupação. O espaço é privilegiado pela localização e pelo alto potencial criativo.

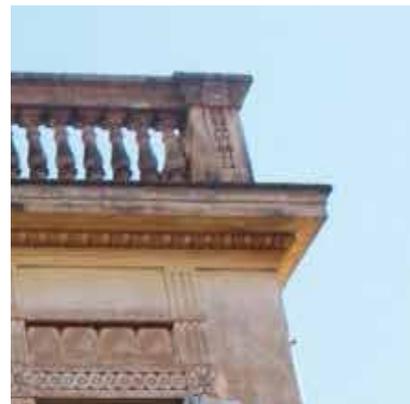
Acima, fachada principal do prédio do antigo Mosteiro. Ao lado e abaixo, fachadas da Sete Capelas.







CIRCUITO B



22. Biblioteca Altino Arantes

Localizado na Rua Duque de Caxias, o prédio onde se encontra instalada a Biblioteca Altino Arantes foi projetado, segundo pesquisas do Arquivo Histórico de Ribeirão Preto para o processo de tombamento, pelo arquiteto Ramos de Azevedo, autor também do projeto do Theatro Carlos Gomes. Originalmente foi construído como residência de Francisco Maximiano Junqueira e Theolinda de Andrade Junqueira, a Sinhá Junqueira.

Em estilo neocolonial e com as fachadas em tijolo à vista, serviu de modelo para outras residências construídas na cidade durante as décadas de 1930 e 1940. O Coronel Francisco Maximiano Junqueira, importante fazendeiro e cafeicultor conhecido por Quito Junqueira, adquiriu imóveis na cidade de Ribeirão Preto, tendo construído sua casa na Rua Duque de Caxias n. 78. Morou neste local durante muitos anos até adquirir o terreno ao lado e construir uma nova residência, o palacete aonde viria a ser instalada a Biblioteca Altino Arantes.

A compra do terreno ocorreu no ano de 1912, mas a construção só iniciou em 1928, terminando em 1932. O Cel. Quito Junqueira viveu nesse mesmo local até o seu falecimento.

Em 1947, Dona Sinhá Junqueira, já viúva, redigiu o seu testamento e instituiu como sua única e universal herdeira a Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira. Estipulou ainda que as rendas do patrimônio da Fundação deveriam ser aplicadas na construção e custeio da Maternidade Sinhá Junqueira, na manutenção do Educandário Quito Junqueira e na instalação da Biblioteca Pública de Ribeirão Preto.

Em 1955, o testamenteiro Altino Arantes fez cumprir a vontade de Sinhá Junqueira e cuidou de instituir e aparelhar a Biblioteca de Ribeirão Preto. A instituição funcionou inicialmente na Rua São Sebastião n. 735, até ser transferida para a antiga casada Sinhá Junqueira, na Rua Duque de Caxias, n. 547.

2023

A Biblioteca da Rua Duque de Caxias passou de Altino Arantes para Sinhá Junqueira. Ganhou investimento e um lindo novo projeto arquitetônico, que harmoniza o antigo a ser preservado e o novo a ser espelhado. As novas instalações ganharam a atenção do frequentador do centro da cidade e pode ser apresentado como um caso exitoso de proteção do patrimônio histórico.



23. Palacete Camilo de Mattos

A casa do Prefeito Joaquim Camilo de Moraes Mattos foi edificada na Rua Duque de Caxias, provavelmente entre 1921 e 1927. Os terrenos anteriormente eram de propriedade de Francisco Maximiano Junqueira. Atendendo ao Código de Posturas de Ribeirão Preto de 1921, a construção principal fica isolada no lote pelos quatro lados. Outra característica deste palacete é a presença de casa para empregados nos fundos e de um jardim, além de acesso e garagem para automóveis.

Esta residência se insere no desenvolvimento da economia cafeeira e da ocupação do espaço em torno da Praça XV de Novembro. Integra o movimento de instalação nessa área de uma classe média ascendente e de ricos fazendeiros. Alguns autores acreditam que o projeto é de Antonio Soares Romeo, que idea-

Terreri e o construtor Paschoal de Vincenzo.

Em estilo eclético, o Palacete Camilo de Mattos possui sistema construtivo em tijolos de barro autoportantes, com rejunte e argamassa de barro. Sua cobertura é composta por estrutura em madeira e telhas cerâmicas francesas. A edificação reflete o conceito arquitetônico de palacete: um tipo de casa unifamiliar, de um ou mais andares, com porão, ostentando o apuro estilístico. Apresenta divisão em três grandes zonas: estar, serviço e repouso.



2023

O Palacete Camilo de Matos mudou de mãos. Ganhou um projeto arquitetônico e segue em restauração. Aberto para visitação, o imóvel enfeita o quarteirão da Praça XV e aguça a curiosidade daqueles que passam pela Rua Duque de Caxias e imaginam quem viveu ali em um passado tão rico de histórias.

lizou outros edifícios no centro de Ribeirão Preto. De acordo com o depoimento do filho de Camilo de Mattos, os responsáveis pela construção foram o engenheiro Antonio

24. Palacete Albino de Camargo

O palacete, com 12 cômodos, foi construído no início do século XX, sob a responsabilidade do construtor Vicente Lo Giudice, quando o proprietário era Antonio Ezequiel de Camargo. Suas paredes internas receberam pinturas em afresco e vitrais que privilegiavam a iluminação natural interna, como era o gosto da época (neogótico e eclético), da mesma forma que se observa o ferro do portão que abre em duas folhas. Contudo, a altivez do edifício em formas retilíneas marcada por simétricas aberturas (janelas) na fachada, no pavimento inferior, ainda demonstra detalhes ornamentais como o guarda corpo da sacada do pavimento superior, nitidamente demarcado por colunas.

Embora atualmente o palacete encontre-se praticamente em ruínas, a sua relevância histórica não diminuiu. Foi a moradia de Albino de Camargo Netto, político importante da região, que nasceu em São Luiz do Paraitinga, SP, em 08 de novembro de 1893. Filho de Antônio Ezequiel de Camargo e Joana Sant'Anna Camargo, ele chegou a Ribeirão Preto com apenas um ano de idade, posteriormente, mudou-se para Jundiá, SP, onde cursou o Giná-

sio. Em seguida foi para a cidade de São Paulo e estudou no Instituto de Ciências e Letras. Ainda na capital ingressou na Faculdade de Direito, neste período foi colega de bacharelado de Monteiro Lobato, residindo ambos na "república" Minarete, situada no bairro de São José do Belém.

Em 1906 formou-se advogado, neste mesmo ano voltou para Ribeirão Preto e trabalhou como jornalista e Diretor do jornal "Diário da Manhã". Entre 1911 e 1912 foi Juiz de Paz e suplente de Delegado de Polícia. Em 1930, durante o período imediatamente após a Revolução de 1930, Albino de Camargo Netto foi outorgado Prefeito Municipal por cerca de um mês. Em 1932, foi combatente na Revolução Constitucionalista e presidente do Centro Paulista Pró Constituição. Com a volta do regime constitucional, em 1934, foi um dos fundadores do Partido Constitucionalista. Foi novamente eleito vereador; apesar de ter tomado posse renunciou em seguida para assumir o cargo de Deputado Estadual, nele ficando até 1937. Faleceu em São Paulo, SP, em 12 de outubro de 1969.

2013



2023



25. Solar Francisco Murdocco

Residência localizada na Rua São José, 604|606 que pertenceu ao italiano Francisco Murdocco, casado com Carolina Caviochioli, sapateiro, comerciante do ramo de calçados em Ribeirão Preto. Nos terrenos onde foi construído o solar, também existia uma modesta casa térrea, também de propriedade de Murdocco, demolida em 2013.

A residência apresenta, um estilo arquitetônico com influências francesa, alemã e italiana, além de um sistema de aquecimento solar, incomum para a época, instalado no segundo andar. Seu frontão contém elementos ecléticos de base clássica com ornamentos derivados do barroco e do rococó brasileiros. Na platibanda há um medalhão central onde estão impressas a data de 1916 e as iniciais FM. O sistema construtivo é inovador ao introduzir o uso de concreto armado.

Há duas escadas laterais, à esquerda e à

direita do lote, além de patamar de acesso ao forro decorado. Na parte posterior há uma escada de acesso ao terraço superior com corrimão e grade de ferro trabalhado, cujo piso é original. Na fachada lateral esquerda, há um portão de ferro trabalhado. Possui platibanda formada por uma balaustrada neoclássica e nas paredes bossagens que remetem ao renascimento italiano.

O interior da residência do pavimento superior preserva elementos originais, tais como: piso original de ladrilhos hidráulicos do início do século XX, portas e janelas, a pintura no teto dos quartos e corrimão em ferro trabalhado. No terraço tem um mirante, cercado por balaústres, ao qual se chega por uma escada em formato de “V” invertido, com corrimão de ferro trabalhado e sob a escada há uma fonte. Embaixo do mirante estão localizados dois banheiros.

2023 **2013**



26. Palacete Joaquim Firmino

Residência de Joaquim Firmino, filho de Francisco Maximiano Diniz Junqueira e Mariana de Andrade Junqueira, o Palacete abrigou no andar térreo o escritório de Veiga Miranda, Ministro da Marinha. Ponto de encontro da elite cafeeira e políticos, o casarão hospedou o Presidente da República Epitácio Pessoa e sua esposa, quando estiveram em Ribeirão Preto, em 1921, e o Rei Alberto, da Bélgica, um ano depois.

Edificado em estilo eclético com um sistema construtivo de tijolos de barro autoportantes, com rejunte e argamassa de barro. Suas fachadas demonstram o cuidado com os acabamentos, possuindo frisos (faixas em baixo relevo na argamassa) ornatos e gradil de ferro fundido trabalhado. A implantação atual deste imóvel compreende três construções: a residência original, um edifício anexo e uma terceira construção. A edificação sofreu várias intervenções para a adequação de uso, porém, ainda é possível encontrar grande parte dos materiais originais da época da construção. A

cobertura possui estrutura de madeira e telhas cerâmicas. O piso é assoalho, as portas são de madeiras e a escada externa e a varanda do primeiro pavimento são de ladrilho hidráulico.

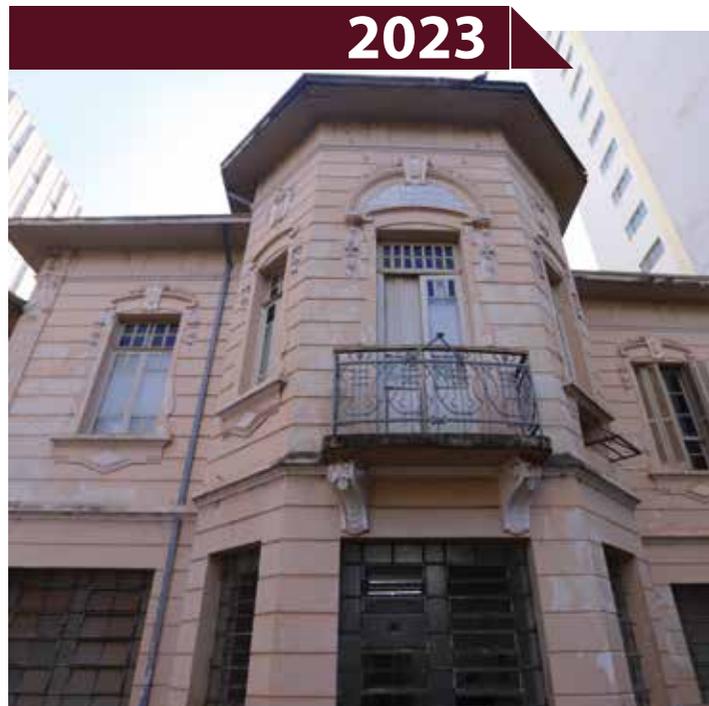
Entre as alterações que o Palacete sofreu, a mais significativa foi a feita para abrigar a Faculdade de Odontologia e Farmácia, FOF. Na ocasião, foi construído outro prédio no lote, com três pavimentos. Essa instituição foi administrada pela Associação de Ensino até 1958, quando foi aprovada a lei n. 5015 que agrupava a Faculdade ao Sistema Estadual de Ensino Superior como Instituto Isolado. Em 1959 foi entregue ao Estado sob a Direção do Prof. Francisco Degni. Em junho de 1961 iniciaram-se as obras de construção do novo prédio da FOF no campus da Faculdade de Medicina. O Curso de Farmácia funcionou nos edifícios da Rua Tibiriçá e Florêncio de Abreu até 1975.

Atualmente, o prédio é administrado pelo Governo do Estado de São Paulo, sendo utilizado como uma base da Política Militar.

2013



2023



27. Palacete Jorge Lobato

O prédio foi construído no ano de 1922, com projeto de Alonso Geribello e João Quevedo, em estilo eclético. Com 750 m² de área construída num terreno de 1.958 m², o Palacete está no centro do lote, enquanto as demais construções encontram-se na divisa. Apresenta alguns elementos relacionados com o movimento neocolonial, como o prolongamento dos beirais, a aplicação de faixa contínua ornamental na altura das janelas e a utilização de um pequeno balcão no andar superior na fachada frontal. Seu requinte nos acabamentos internos pode ser observado em seus oito vitrais de origem francesa com motivos tropicais e religiosos.



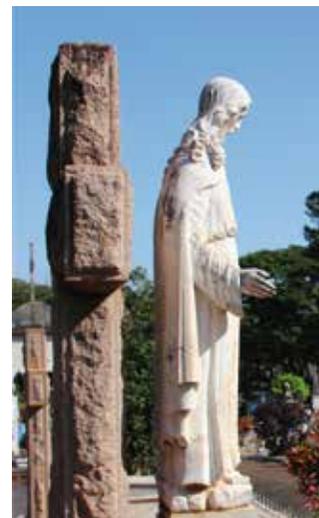
A edificação exprime o conceito arquitetônico de palacete: um tipo de casa unifamiliar, de um ou mais andares, com porão, ostentando o apuro estilístico, afastada das divisas do lote. Divisão em três grandes zonas: estar serviço e repouso. Foi uma das primeiras

casas de luxo que a cidade conheceu, quando se começou a buscar o isolamento e a privacidade em finais do século XIX.

O Palacete era de propriedade de Jorge Lobato Marcondes Machado. ele chegou a Ribeirão Preto no ano de 1905, trabalhando na construção dos ramais de Igarapava e Pontal da Cia. Mogiana de Estrada de Ferro e a partir de 1909, ocupou a cadeira de Geometria no Colégio do Estado.



De Palacete Jorge Lobato, para Palacete 1922, os novos proprietários desse imóvel mostraram como é possível vencer a diversidade da preservação histórico-arquitetônica. Transformado em um restaurante, com espaços para atividades culturais, o prédio, ao ser recuperado, revitalizou o quarteirão e serve de referência. Destaque para os cuidados com a restauração e para a criação de um menu especial, evidenciando as referências culturais.





CIRCUITO C



28. Cemitério de Bonfim Paulista

O terreno para a construção do Cemitério de Bonfim Paulista foi doado pelo fazendeiro Francisco Rodrigues dos Santos Bonfim, em 1891. Sua construção encerrou-se em 1897.

Edificado quase no mesmo período do Cemitério da Saudade, o de Bonfim Paulista também possui obras de arte tumulares que merecem ser preservadas. Frutos do ofício de marmorista, especializado em escultura em mármore nobres.

Os túmulos ainda existentes formam um conjunto que, embora pequeno, é bastante significativo por seu valor estético. Muitos exemplares apresentam ornamentos esculpidos em mármore de Carrara e podem ser vistos na via central. Seguindo o caminho da alameda e chegando ao seu fim é possível contemplar uma pequena igreja onde são rezados terços toda segunda-feira pela manhã. A falta de preservação e a necessidade de ampliação do Cemitério fez com que muitos desses túmulos fossem saqueados ou demolidos.



29. Rua Professor Felisberto Almada

É a principal via urbana do Distrito de Bonfim Paulista. Toda a vida e o cotidiano dos moradores, acontecimentos políticos, culturais e históricos do Distrito no passado e ainda hoje estão ligados, de alguma forma a essa rua central da vila. Acredita-se que sua construção tenha acompanhado o início do povoamento, por volta do final do século XIX. Era o local onde se concentravam os armazéns e hotéis que atendiam aos viajantes da ferrovia, assim como os colonos das fazendas da região.

Os seus usos foram bastante variados ao longo do tempo. No entorno do local que era tronco da Ferrovia Mogiana, instalaram-se vários comércios de armazéns de secos e molhados, que procuravam atender a população que vivia nas fazendas da região.

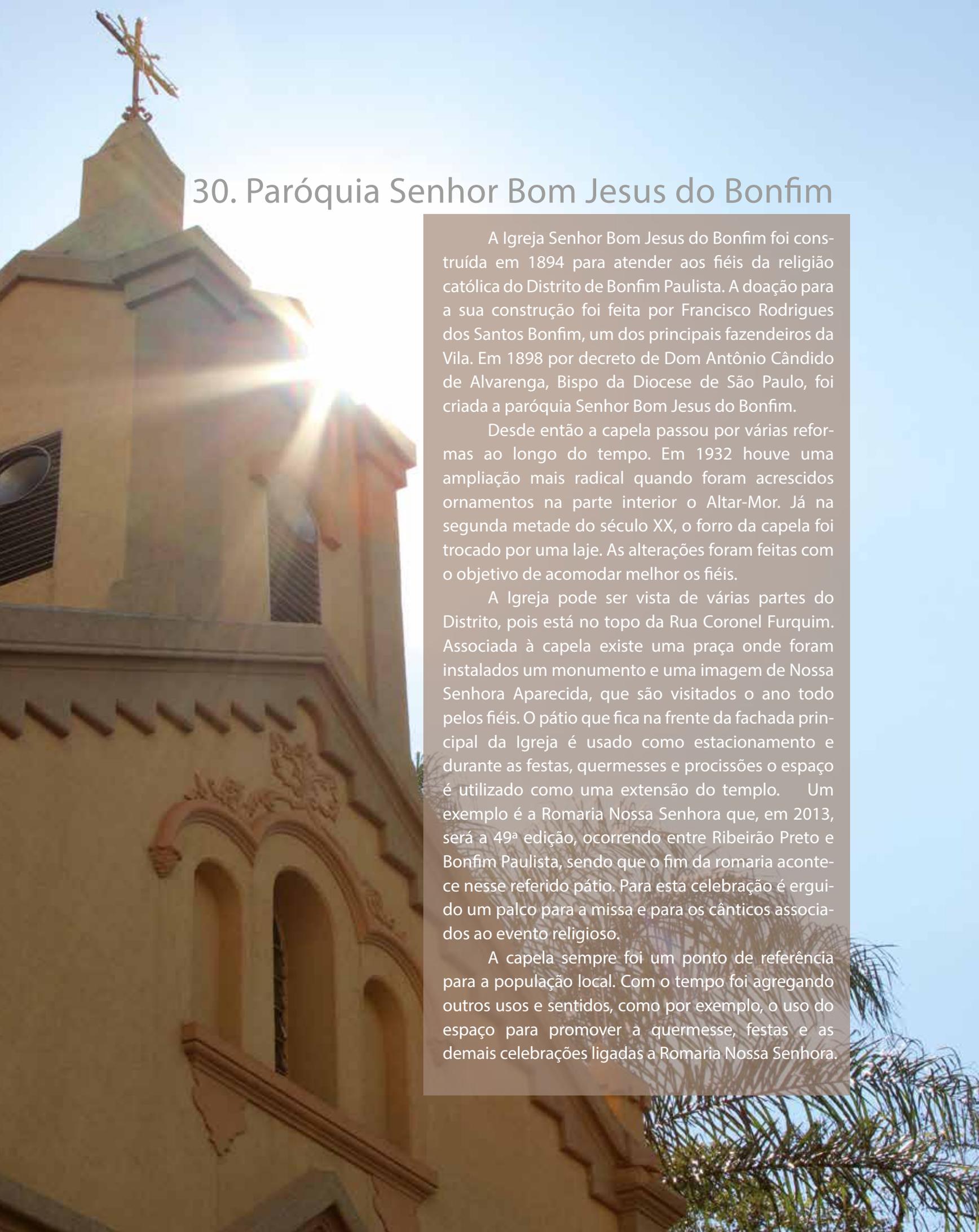
Algumas festividades como o carnaval de rua, blocos, quermesse da igreja e procissões ainda são realizadas no local. Caracteriza-se como um lugar diversificado e de aconteci-

mentos simbólicos, históricos, políticos, religiosos e sociais para a população bonfinense.

De uma maneira geral, as construções da Rua Felisberto Almada ainda mantêm suas características arquitetônicas principais desde sua construção no início do século XX. Alguns imóveis foram descaracterizados, com o fechamento de portas e aberturas ou troca de telhados.

Ocorreram outras transformações na via ao longo do tempo. Ela deixou de ser uma estrada de terra ainda na primeira metade do século XX e passou a possuir calçamento. No seu entorno, houve demolição e a desativação do barracão e da ferrovia para posterior construção de praças. Mesmo com essas mudanças e com o aumento da população urbana do Distrito de Bonfim Paulista a via continuou sendo a principal, mantendo a tradição de ser um local de comércio em geral e encontros, vivências e memórias.





30. Paróquia Senhor Bom Jesus do Bonfim

A Igreja Senhor Bom Jesus do Bonfim foi construída em 1894 para atender aos fiéis da religião católica do Distrito de Bonfim Paulista. A doação para a sua construção foi feita por Francisco Rodrigues dos Santos Bonfim, um dos principais fazendeiros da Vila. Em 1898 por decreto de Dom Antônio Cândido de Alvarenga, Bispo da Diocese de São Paulo, foi criada a paróquia Senhor Bom Jesus do Bonfim.

Desde então a capela passou por várias reformas ao longo do tempo. Em 1932 houve uma ampliação mais radical quando foram acrescentados ornamentos na parte interior o Altar-Mor. Já na segunda metade do século XX, o forro da capela foi trocado por uma laje. As alterações foram feitas com o objetivo de acomodar melhor os fiéis.

A Igreja pode ser vista de várias partes do Distrito, pois está no topo da Rua Coronel Furquim. Associada à capela existe uma praça onde foram instalados um monumento e uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, que são visitados o ano todo pelos fiéis. O pátio que fica na frente da fachada principal da Igreja é usado como estacionamento e durante as festas, quermesses e procissões o espaço é utilizado como uma extensão do templo. Um exemplo é a Romaria Nossa Senhora que, em 2013, será a 49ª edição, ocorrendo entre Ribeirão Preto e Bonfim Paulista, sendo que o fim da romaria acontece nesse referido pátio. Para esta celebração é erguido um palco para a missa e para os cânticos associados ao evento religioso.

A capela sempre foi um ponto de referência para a população local. Com o tempo foi agregando outros usos e sentidos, como por exemplo, o uso do espaço para promover a quermesse, festas e as demais celebrações ligadas a Romaria Nossa Senhora.

31. Prédio da CPFL

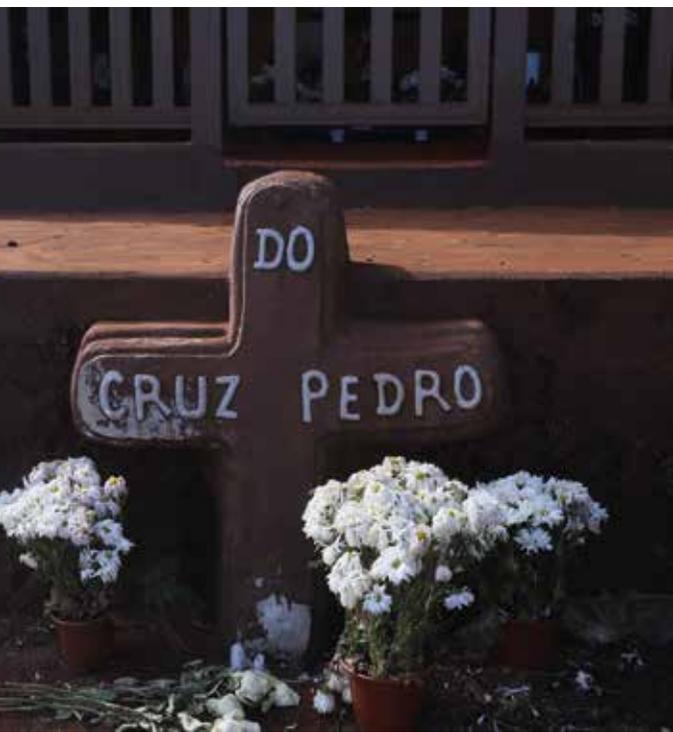
O projeto assinado pelo arquiteto francês Victor Dubugras faz parte de um grupo de edifícios projetados para a ELFAE - Empresa de Luz, Força, Água e Esgotos de Ribeirão Preto. Conhecido como "Prédio da CPFL", ele foi construído para atender aos consumidores e para ser a subestação distribuidora de energia que, no início do século XX, era distribuída para as cidades de Cravinhos, Guataporã, Pradópolis, Serrana e Dumont. Com o tempo a subestação passou para a parte dos fundos do terreno.

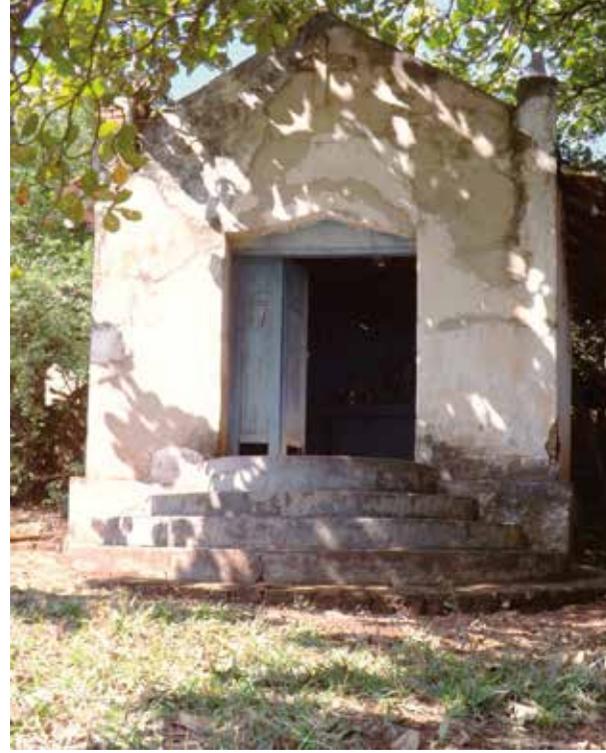
Em 1991 abrigou o "Museu da Força e Luz", o único da região. Em 1999 a Companhia Força e Luz foi privatizada. Quem ganhou a concorrência foi a CPFL, que desativou o prédio e o leilou em

2002. Anos depois, em 2006, foi inaugurado o Museu Leopoldo Lima - História do Trabalho e da Arte, porém, no mesmo ano foi desativado. Atualmente se encontra abandonado.

Do ponto de vista das suas características arquitetônicas, o prédio da CPFL apresenta uma tipologia estilística que se destaca do casario de Bonfim: um volume alto de pé direito duplo com um telhado de duas águas completando simetricamente o volume. Embora cronologicamente ele possa ser classificado como um edifício eclético, algumas das suas características denotam vinculação à gramática proto-moderna, identificada com a ausência de ornamentos, volumes puros, grandes rasgos e várias aberturas.







CIRCUITO D







32. Cruz do Pedro

Ao longo do ano pessoas visitam o local conhecido como Cruz do Pedro, cujo acesso ocorre pela estrada de terra que segue para Dumont. Uma capela e uma cruz marcam onde houve o martírio de um menino, que teria sido assassinado no final do século XIX. Com o passar do tempo, o culto devocional ao pequeno “santo milagreiro” misturou-se com as festividades de São Pedro, atraindo centenas de fiéis no mês de junho. Para entender melhor a força dessa celebração que já persiste há mais de um século, o leitor conhecerá um pouco dessa história que conta o cotidiano dos escravos das fazendas no tempo dos cafezais.

O menino Pedro era filho de escravos do Coronel Domingos Villela de Andrade, em 1885, na Fazenda Santana, na zona rural do atual Distrito de Bonfim Paulista. A exemplo de outras propriedades rurais, como a Fazenda Boa Vista, que plantavam café, a mão de obra escrava conviveu com o trabalho livre nos últimos anos da década de 1880.

A rotina dos escravos e colonos era dura. Por volta das cinco da manhã o sino disciplinar despertava os cativos e autorizava a abertura das portas das senzalas onde dormiam trancados. Reunidos no terreiro, se organizavam em fileiras respondendo à chamada matinal. Após a oração matutina, seguida da distribuição do café, começavam o trabalho dos terreiros, partindo para a lavoura ao clarear do dia. Eram acompanhados de um escravo “promovido” à função de feitor.

Pela tarde, quando já escurecia, a longa fila de escravos voltava à propriedade a fim de completar os serviços referentes aos paióis, tulhas e terreiros. Finda esta etapa, eram reunidos para nova chamada e oração, após o que, recebiam o café e gozavam de uma hora de liberdade até às nove da noite, quando a marcação do sino determinava o toque de recolher.

Pedro tinha aproximadamente nove anos. Era filho dos escravos João e Constância, também conhecida como Tia Tana, e possuía a incumbência de servir como candeeiro ao também cativo Teodoro, condutor do carro de boi. Naquele dia, o carreiro



2013

foi encarregado de levar umas cargas à fazenda Boa Vista, distante uns 15 quilômetros dali.

Obedecendo às ordens do administrador da fazenda, o escravo Teodoro atrelou os bois ao carro e em companhia do pequeno Pedro, dirigiu-se à propriedade, onde teria de passar por uma densa mata, popularmente conhecida como a Mata do Quinzinho.

Uma vez finalizada a tarefa, ambos regressavam para casa tendo o menino à frente, iluminando o caminho. Passado algum tempo, Teodoro pediu o seu “picuá de comida”, deixado sob a guarda de Pedro. Constatada a falta da sua comida, o carreiro se encheu de fúria estrangulando o menino e pendurando-o em uma árvore, simulando um suicídio.

Voltando à Fazenda Santana, Teodoro contou a todos que Pedro havia se suicidado. Não acreditando na versão do carreiro, a escrava Constância chorou a morte do seu filho.

Diante de todos a mãe do menino teria suplicado que o assassino do seu filho ficasse com as mãos secas a fim de que só conseguisse se alimentar pela caridade alheia.

Junto à árvore onde estava o corpo do menino fincaram uma cruz, a Cruz do Pedro. De acordo com a crença popular, algum tempo depois, a resposta à súplica feita pela escrava logo se fez presente e as mãos de Teodoro começaram, diz a estória, a secar. Nesta sina, Teodoro teria vegetado por muitos anos, pagando pelos efeitos de seu crime. Quanto aos pais do menino, estes teriam permanecido junto aos seus senhores mesmo após a libertação da escravatura e até a sua morte.

Passado algum tempo, as visitas se multiplicaram ao local onde foi instalada a Cruz do Pedro. Em função das graças alcançadas, que cresceram de tal maneira, originou-se uma festa nos dias 29 de junho homenageando o menino Pedro juntamente com o apóstolo símbolo da divulgação do Cristo.

Nos dias de hoje, mais de 100 anos após seu martírio, Pedro continua vivo no imaginário dos muitos fiéis que atravessam a noite fria de 28 para 29 de junho, rezando em romaria para homenagear a Cruz do menino candeeiro.



2023

33. Venda do Zé Goleiro



2013

Próximo ao lugar de devoção da Cruz do Pedro está a Venda do Zé Goleiro. O velho estabelecimento está no mesmo local desde os tempos da Fazenda Boa Vista, do Coronel Quinzinho da Cunha. Já na primeira metade do século XX ocorriam bailes no salão e churrascos no terreirão. Estes eventos tinham o propósito de levantar fundos para tocar o time de bola da comunidade, do qual o goleiro virou personagem ilustre, com grande popularidade. José Carlos Gonçalves, conhecido como Zé Goleiro, era empregado, mas, em 1946, comprou a

venda do seu sogro e virou patrão.

O estabelecimento de secos e molhados, com idade anterior a 1850, foi um grande armazém e abastecia a zona rural na época do café e, depois, com a diminuição das colônias, voltou-se ao pessoal que vinha jogar bola, transformando-se em uma lanchonete. Foi, ao longo do tempo, ganhando repercussão entre os universitários e os "trilheiros" de gaiola, jipe e moto, além de curiosos, pelo seu caráter pitoresco, que ainda mantém a característica rural e a originalidade do prédio secular, servin-



2023



do frango caipira, porções generosas de torresmo, batata e uma saborosa caipirinha.

O edifício onde hoje está instalada a venda do Zé Goleiro provavelmente foi construído para tal fim, ou seja, abrigar um estabelecimento comercial que fornecia gêneros de primeira necessidade aos moradores locais. Essas edificações eram bastante comuns nas fazendas de café do século XIX, pois o núcleo rural cafeeiro era autônomo em relação à zona urbana. Sua arquitetura, portanto, se assemelha a dos edifícios das fazendas de café (nesse caso

a fazenda Boa Vista) como a tulha, os armazéns e outras construções de caráter administrativo: paredes de tijolo a vista com cobertura de telha de barro em várias águas, janelas de folha cega de madeira e portas de duas folhas. Os poucos ornamentos ficavam por conta das vergas em arco pleno, abaixo das quais era instalado caixilho fixo de metal em formas florais. Afora isso, o piso de tijolo, pedra ou cimento queimado, prateleiras de carpintaria rústica e forro tipo “saia e camisa” completam o estilo dessas edificações rústicas e utilitárias.

Por ser uma referência regional, a Venda do Zé Goleiro também realiza um arraial com decoração típica de São João; numa pequena mesa é montado o altar, com as figuras de Maria Aparecida e São Judas Tadeu, uma Bíblia e as bandeiras do mastro de São João. Na venda, se reza o terço em louvor a São Pedro; a decoração de bandeirinhas e uma fogueira mais afastada dão um clima especial. Durante a reza, ficam fechadas todas as portas da venda e o serviço do bar é suspenso. Depois, é instalado o mastro de São João, com a estrutura triangular das bandeiras dos santos. Logo após, vem uma queima de fogos e, na arrumação feita com as mesas enfileiradas, são colocados os pratos típicos trazidos pelos convidados e oferecidos aos presentes. Nesse momento, o antigo armazém se transforma, as pessoas se sentem em casa com os amigos e a família. Eis um local para se visitar, provar uma boa comida e passar horas agradáveis.



34. Fazenda Boa Vista do Quinzinho



A Fazenda Boa Vista do Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, mais conhecido como Quinzinho da Cunha, localiza-se próxima à venda do Zé Goleiro, na estrada para Dumont. Formada pela família Junqueira, vinda de Minas Gerais, a primeira casa sede da propriedade provavelmente foi construída próxima da Fazenda Pontinha. Quase autossuficiente, o complexo incluía um moinho de fazer fubá movido pelas águas do córrego. Para manter a mão de obra negociavam escravos com outras fazendas da região. Com o fim da escravidão receberam trabalhadores alemães que parecem ter sido os responsáveis pela construção das casas de pau-a-pique que formaram a primeira colônia. No local eram feitas as carroças e móveis por um italiano especializado neste ofício.

Fundada entre 1886 e 1896, a fazenda teve grande produção de café, empregando muitos trabalhadores e sendo servida por duas companhias de estrada de ferro.

Naquele tempo, contava três mil e oitocentos alqueires, com mais de um milhão de pés de café, composta por várias seções: Capão Alto, Tamburi, Sapé, Colomba, Jatobá, Boa Vista, Colinheta, Boa Esperança e Baixadão. Os colonos dispunham de um pouco de terra onde podiam plantar algodão, café, milho e feijão. Quando a lavoura de café entrou em crise, a fazenda passou a criar gado, cerca de quatro mil cabeças cuidadas pela lida diária de dez campeiros que, dentre





outras atividades, faziam o seu transporte entre a propriedade de Ribeirão Preto e a fazenda de Lins.

A Seção do Baixadão era a mais extensa da fazenda e na Seção do Retiro era onde se tirava leite. Muitos trabalhadores eram meeiros e plantavam algodão, arroz, feijão e milho, com a ajuda das famílias, quase sempre numerosas, e as crianças estudavam na escolinha da fazenda.

Até a Estação Maximiliano, o café era levado em oito carroções puxados por burros, depois o “trenzinho” da Mogiana vinha para buscar o produto.

Em 1985 dividiram a fazenda, restando seiscentos alqueires e, em volta, tudo foi arrendado para a cana. Mesmo assim, ainda hoje os terreiros permanecem como o centro distribuidor das outras edificações da propriedade, com o casarão à direita abaixo. Com uma arquitetura suntuosa, a sede da fazenda apresenta logo na entrada uma escadaria em cascata que conduz a uma grande varanda, com o volume em “L” e porão habitável em alguns cômodos, sem a presença de alcovas, muito comuns em fazendas anteriores a meados do século XIX. As varandas se relacionam com os demais cômodos íntimos e de serviço. É protegida frontalmente pelo jardim e no fundo, pelo imenso quintal que dá acesso a algumas construções auxiliares e ao grande pomar.

Em estilo eclético, são preservados os



ornatos externos, como os lambrequins e o guarda-corpo trabalhados em madeira e a riqueza nos acabamentos internos, como as pinturas ornamentais nas paredes e nos forros. Implantada sobre terreno em declive, aproveita a meia altura para a construção de um porão.

A casa sede da fazenda Boa Vista foi construída com técnica de alvenaria de tijolos, com variações nas espessuras das paredes. Suas fachadas não possuem revestimento, sendo a alvenaria de tijolos deixados à mostra, bem como sua argamassa em barro. A edificação tem alicerces em alvenaria de pedra, também sem revestimento, com altura que varia de acordo com a altura do porão, que se acomoda acompanhando o terreno. Possui aberturas de acesso e ventilação do porão em todas as fachadas.

Próximas à sede e alinhadas à serra, mas deslocadas alguns metros para a esquerda, estão duas construções das casas de colônia e outras quatro se encontram do outro lado do córrego, totalizando aproximadamente vinte residências. Das casas da colônia, algumas são habitadas permanentemente. Outras, de acordo com a necessidade, sofreram alterações que são comuns em tais moradias, como as novas varandas e garagens. Em contrapartida, se observam características nitidamente originais das construções.



**Patrimônio Cultural na
Cidade Humana:
Novos Dez Anos**

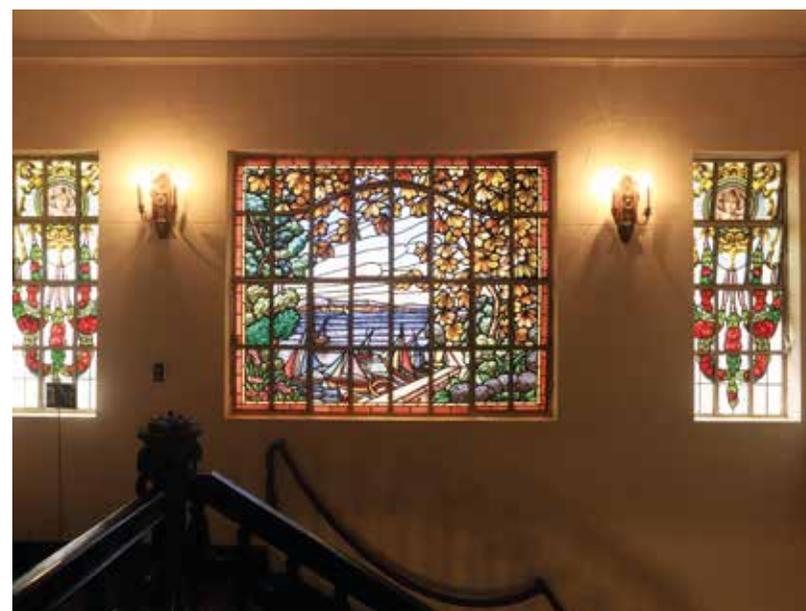
Para um leitor de imagens, ao folhear este livro, questões podem surgir imediatamente. Por que não estão, na obra, o Lar Santana; a Casa da Memória Italiana; os barracões do café; a fábrica Cianê Matarazo; a fazenda Baixadão; a indústria Penha; a centenária Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto; as escolas antigas, Otoniel Mota e Guimarães Júnior; o prédio da Recreativa; as casas, no boulevard, de arquitetura moderna, também importantes para a cultura da cidade?

Questões metodológicas conduziram os recortes, que, dez anos depois, ainda explicam as conexões propostas entre o conceito de paisagem cultural e as referências do período cafeeiro.

O olhar, quando direcionado, avista o que segue à sua frente, mas os arredores permanecem dispostos. E de muitos arredores é feita a história de Ribeirão Preto. Do centro às periferias, e vice-versa, a certeza de que o cidadão é que dá significado ao patrimônio.

Quando, em 2013, essa obra abriu o debate para o conceito de Cidade Criativa, com propostas concretas para Ribeirão Preto, o fazia muito embrionariamente. Pouco, no Brasil, se falava sobre essa versão criativa da economia. O tempo passou, a temática ganhou espaço nas políticas públicas; virou, desvirou e virou novamente secretaria, vinculada ao Ministério da Cultura, em Brasília; foi atrelada à Secretaria de Estado até no nome; ganhou espaços nas pautas jornalísticas, em especial, quando impactou os números da economia; mas não interferiu o suficiente, ainda, no Brasil; pouco, no Estado de São Paulo; e, quase nada, em Ribeirão Preto, para transformar cenários.

É possível. Essa certeza, o IPCCIC carrega consigo. Mas, na atualidade, totalmente oxigenado.



A sculpture of a hand and arm made of wood, set against a blue textured wall. The hand is positioned as if reaching out or touching the wall. The background shows green foliage and a clear sky.

A condição multidisciplinar do Instituto não permite defesas unilaterais, por isso, à criatividade juntou-se a própria humanidade necessária para a reversão do modelo de cidade que não se aprova, para aquela capaz de valorizar e compreender suas referências identitárias, em nível tão elevado que as relações de pertencimento aparecem como antídotos a problemas sociais, econômicos e culturais.

Ao apresentar seis passos para a Cidade Humana, o IPCCIC abre diálogo com a Cidade Sustentável e considera, como base, o tripé social, econômico e ambiental; segue adepto da Cidade Criativa e propõe, a partir de sua Tecnologia

Social própria, a valorização da identidade cultural como princípio para o planejamento; comunga com a Cidade Inteligente com vistas na conectividade e boa gestão; inclui a pauta da Agenda 2030 da ONU com propostas para os 17 ODS e considera as demandas de Environmental, Social and Governance (ESG). Assim o faz, não de maneira exógena, mas derivando de uma coesão harmonizada pela Educação, em suas múltiplas formas e pelo amor como atitude pedagógica.

O patrimônio cultural, na Cidade Humana, ganha relevância. Quando propõe colocar o ser humano em primeiro lugar, dá, a ele, o protagonismo em significar valor ao que deve ser preservado. Ao propor a vida em comunidade, defende o fortalecimento das relações que se tornam muito mais viáveis quando o pertencimento é uma prática sólida e, esse, abarca a identificação do lugar, propondo um distanciamento do sentido de lugar nenhum. Diferente disso, fomenta a convivência estrategicamente valorizada entre pessoas e espaços.

A propagação da cidadania, em suas diversas formas, de local à planetária, é base única para a construção da cidade. Valorizar o que se tem como proposta de preserva-

ção é, em si, um ato cidadão. Afinal, quem pode escolher o que significa, ou não, para uma sociedade, sem que se tenha ao que reverter significado? Sem a preservação, não se opera a escolha, mas evidencia-se a sua falta.

Ao propor o religamento entre meio ambiente e ser humano, está se destinando valor de patrimônio ao ambiente. O patrimônio ambiental vem exigindo atenção em nome do futuro e a causa precisa romper a participação de grupos para ser pauta da humanidade. Desse tema, derivam as questões correlatas ao desenvolvimento econômico que, mais do que nunca, carece de releituras, assim como as propostas em um dos seis passos.

O IPCCIC não mudou de lugar, nesses dez anos, mas somente expandiu diametralmente sua área de abrangência, mantendo o ponto inicial de apoio ainda mais sólido; aquele que assevera não ser possível uma sociedade colocar-se em condição estável com tantos cidadãos instáveis. Nesse sentido é que a Cidade Humana avança.

Para o IPCCIC, que venham novos dez anos de muitas realizações a favor da sociedade e do patrimônio que para ela tem significado.

Paisagem Cultural do Café

Material Educativo

Apresentação

Bem-vindos e bem-vindas ao Material Educativo do livro Paisagem Cultural do Café – segunda edição. Esse instrumento foi elaborado para trazer sugestões de possibilidades de uso do livro em sala de aula para ações voltadas à Educação Patrimonial, focadas na história arquitetônico-cultural do Município de Ribeirão Preto.

Pensado como ferramenta complementar ao conteúdo do livro, traz conceitos básicos sobre o tema; metodologias; dicas; e atividades direcionadas para cada ciclo de ensino.

A Educação Patrimonial é um conteúdo transdisciplinar. Pode e deve ser trabalhado pelas diversas disciplinas do currículo escolar. É um percurso que deve trazer variados desdobramentos, levando a vivências transformadoras dentro e fora de sala de aula.

Metodologia

A base referencial desta proposta está apoiada na Educação Patrimonial, mais especificamente nos materiais disponibilizados pelo Iphan, embasada em legislações, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Além de outras contribuições conceituais, como a Tecnologia Social - Seis Passos para a Cidade Humana, do IPCCIC, apresentada em 2019. Metodologias Ativas; Histórias de Vida; e Gamificação; são recursos importantes para o desenvolvimento de atividades geradoras.

A Educação Patrimonial é um conteúdo que contribui para o desenvolvimento da cidadania e do sentimento de pertencimento do indivíduo e da comunidade.



Projeto

O IPCCIC divulgou, em 2013, o resultado de quatro anos de pesquisa sobre as Referências Culturais de Ribeirão Preto, cidade do Estado de São Paulo. O material foi organizado em três formatos: livro; documentário; e um mapa com roteiro turístico. O projeto tornou-se um importante registro sobre os bens edificados que integram os conjuntos arquitetônicos, característicos da Paisagem Cultural do Café, entre 1870 e 1936.

No livro são abordadas discussões importantes sobre preservação e políticas públicas de patrimônio cultural. Depois de dez anos da primeira publicação, é possível observar que a paisagem urbana do município sofreu mudanças. Alguns bens foram descaracterizados, outros restaurados e alguns deixaram de existir. A proposta deste projeto educativo é revisitar esses imóveis e observar a ação do tempo na conservação e preservação dos bens e promover a expansão do olhar para novos lugares e bens culturais, muitos deles despercebidos da comunidade ribeirão-pretana.

As cópias do livro e desse material podem ser acessadas em formato digital pelo endereço: <https://www.portalc.com.br/educativo>. O download do livro em PDF é gratuito!

Dica: O documentário Paisagem Cultural do Café, 2013, está disponível no QR Code abaixo e pode ser usado para introduzir o projeto, ou apresentado por assunto.



Vamos Começar?

Ao iniciar nosso trajeto, é importante ressaltar que o material é um apanhado de sugestões que podem ser trabalhadas em sala de aula, mas sabemos que cada lugar tem a sua realidade e contexto de aplicação; por isso, é muito importante respeitar essas características e tornar o processo o mais orgânico e fluído possível, de acordo com as referências culturais e capacidades locais. Quando falamos de Educação Patrimonial é fundamental pensar que só será eficaz se fizer sentido para o grupo e para o território no qual a proposta está sendo aplicada.



Mas, o que é Educação Patrimonial?

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional, centrado no Patrimônio Cultural, como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Isso significa tomar os objetos e as expressões do Patrimônio Cultural como ponto de partida para a atividade pedagógica, observando-os, questionando-os e explorando todos os seus aspectos, que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial deve levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. O que é educação patrimonial. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/pgm1.htm>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Para dar início à nossa jornada, propomos uma metodologia de trabalho desenvolvida pela Cocreare e pelo IPCCIC, destinada a criar uma base formativa para que alunos e alunas possam percorrê-la até chegar à cidade. A Trilha das Minhas Referências Culturais proporciona um caminho ao autoconhecimento e possibilita entender melhor qual é o nosso lugar e como se dá a construção da nossa noção de patrimônio e identidade.

Trilha das Minhas Referências Culturais

Falar de patrimônio cultural não é tão simples assim. É preciso ter significado. Mas como dar sentido e alcançar a todas e todos em comunidades tão diversas e plurais? É preciso considerar o indivíduo como ponto central desse processo, no caso, o/a educando/a. É preciso partir da sua identidade, expandindo para a comunidade, para depois considerar o seu território e só então chegar à cidade. O pertencimento vai se dando de forma progressiva e orgânica, em experimentações e vivências, que vão significando e validando a iniciativa.

Pensando nesse processo, foi criada uma trilha como base para ser desenvolvida e percorrida conforme a realidade e o tempo de cada localidade ou território.





EU: História do nome, meu corpo, meus primeiros documentos, minha caixa de memórias.

MINHA FAMÍLIA MEU LAR: História da família, as tradições, a genealogia, ancestralidade, identidade; Meu primeiro patrimônio edificado, meu lugar.

MINHA RUA E MEU BAIRRO: Minha comunidade; meus lugares afetivos.

MINHA ESCOLA: Meu território de aprendizagem e trocas.

MINHA CIDADE: Referências culturais; a paisagem.

Eu e Minha Família

A partir da nossa história, é possível conhecer nossa família, a genealogia e ancestralidade. Para isso, sugere-se a elaboração de pesquisas e questionários, com o objetivo de levantar informações sobre a história do nome, seu significado; linhagem do sobrenome – entender os nomes dos pais, avós –. Os dados podem ser sistematizados em gráficos familiares e árvores genealógicas. Partilhar essas informações em rodas de conversa é bem eficiente e pode trazer momentos de troca entre os participantes da turma.

ATENÇÃO!

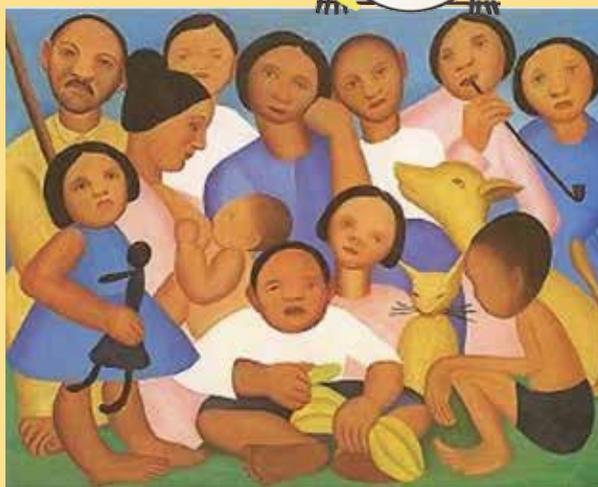
É bom conhecer a realidade familiar de cada criança. Diversos tipos de dinâmicas familiares devem ser considerados, na preparação dessa atividade. Esse cuidado pode evitar a exposição do educando.

Uma dica para trabalhar com esse tema é O Livro da Família, de Todd Parr. A narrativa é simples e traz os vários tipos de família e sua formação. É um ótimo condutor do tema.

O poema "O nome da gente", de Pedro Bandeira, e a música "Eu", do grupo Palavra Cantada, são meios interessantes para trabalhar os assuntos desse tema. Para os alunos maiores, a música Família, do grupo Titãs, pode ser utilizada nas aulas de Língua Portuguesa. Já nas aulas de artes, obras como "Os Retirantes", de Cândido Portinari, e "A Família", de Tarsila do Amaral, podem ilustrar bem o tema.



Reprodução de Os Retirantes, de Cândido Portinari.
Disponível em: www.todamateria.com.br/retirantes-candido-portinari



Reprodução de "A Família", de Tarsila Amaral. Disponível em www.encyclopedia.itaucultural.org.br/obra,32/a-familia



Espelho

Outra atividade interessante para desenvolver esse tema é o espelho, uma proposta simples, que pode apresentar muitos elementos de discussão.

Em sala de aula, exponha um espelho e peça para que os alunos se olhem, observem suas características físicas identitárias. Assim, será possível destacar traços de ancestralidade e comuns entre os familiares.

Para estudantes menores, entregar uma caneta de escrita permanente e pedir que desenhem no espelho o próprio reflexo, a partir do que veem. É uma atividade bem divertida e pode render bons desdobramentos.



Foto: Acervo pessoal Mônica Oliveira, 2023.

DICA: Ao trabalhar as características físicas e identitárias, algumas questões podem ser levantadas, como tons de pele, textura dos cabelos, etc. É bom preparar-se para esse momento. A oportunidade é ótima para falar sobre diversidade étnico-racial, colorismo, cultura, entre outros assuntos, que podem levar à compreensão e ao respeito à diversidade. Oito dicas de livros infantis sobre a temática constam no artigo disponível em:

<https://bebe.abril.com.br/familia>

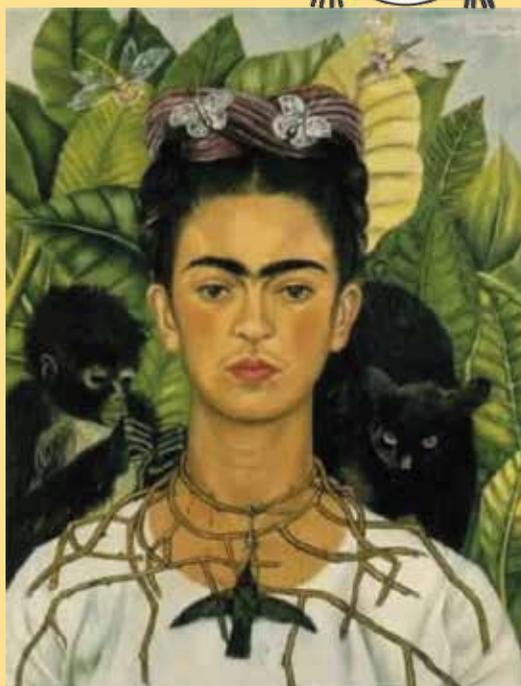


Atividade "Autorretrato"

Para os educandos mais velhos, é possível trabalhar o conceito de autorretrato, com obras de grandes artistas, como norteadoras. Aproveitar a oportunidade para abordar a biografia dos artistas e os contextos históricos em que foram produzidas.



Van Gogh



Frida Kahlo



Caixa de Memórias

Museu de Mim

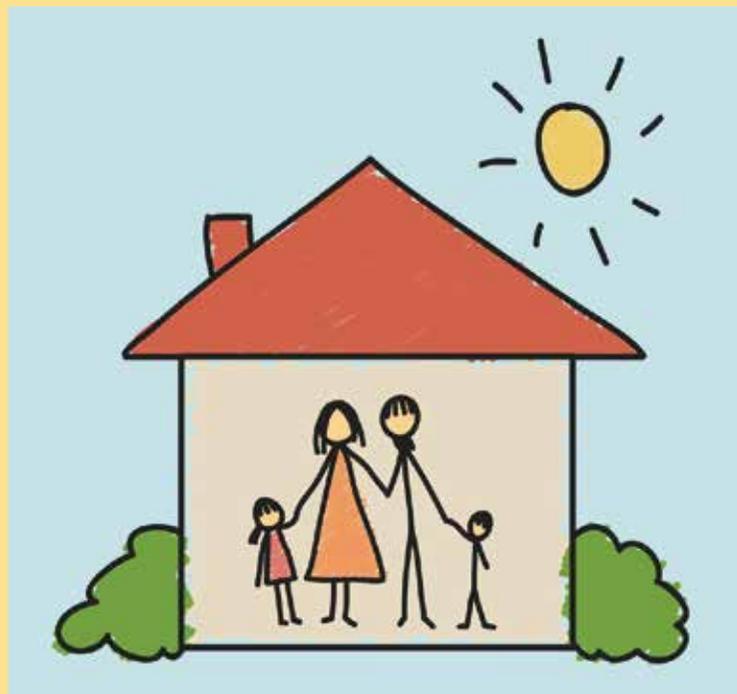
A atividade pode ser a primeira etapa do projeto voltado a ensinar o conceito de patrimônio e museu, de forma mais concreta. Pedir aos alunos que tragam uma caixa para a escola e reservar uma aula para que as crianças possam personalizá-las com materiais diversos. À medida que se avança no projeto, pode-se sugerir que sejam acrescentados, à caixa, materiais diversos, como fotos, documentos, lembranças, brinquedos, etc., e reservado um tempo para que a criança relate a história e o significado afetivo das coisas. Elementos da casa; rua; do bairro; da escola; e cidade, também podem ser acrescentados à caixa. No final do projeto, cada um terá um pequeno museu de si mesmo.



Foto: Acervo pessoal Mônica Oliveira, 2022.

Minha Casa / Rua

A primeira referência de edificação é nossa casa. Ela acolhe as nossas vivências e experiências, e é o nosso primeiro lugar afetivo. Boa parte das crianças entende a rua como uma extensão da sua casa, já que, muitas vezes, é o seu lugar de brincar e lazer. Compreender como esses espaços significam para os estudantes e como se dá a sua organização e ocupação, é muito importante. Rodas de conversa e questionários podem ser interessantes, nesse primeiro momento. Atividades com produção de plantas baixas e desenho da casa, indicando a ocupação, também podem ser ótimos exercícios de percepção para as crianças.



DICA: Para trabalhar o projeto, as músicas “Ora Bolas”, do Grupo Palavra Cantada; “A Casa”, de Vinícius de Moraes; e “A Casa é Sua”, de Arnaldo Antunes, são boas condutoras para a apresentação do tema. O livro “A Rua do Marcelo”, da Coleção Marcelo Martelo, de Ruth Rocha, também pode ser usado como guia.



Meu Bairro

MAPAS AFETIVOS

O bairro é nosso espaço afetivo ampliado; é onde consta uma noção aprimorada de comunidade, trajetos e ocupações. Para trabalhar o nosso bairro, sugerimos a atividade Mapas Afetivos.

Essa metodologia leva em conta a subjetividade do olhar e o sentir de indivíduos e grupos que expressam seus valores, suas atitudes e preferências. A construção do mapa é um espaço para participação, compartilhamento e diálogo, mas, acima de tudo, de sentir, entender e identificar as referências culturais dos territórios, partindo do indivíduo e da sua percepção da localidade e de como ele se relaciona com o espaço de formas individual e coletiva.

Você pode usar muitas técnicas diferentes, para fazer o mapa, desde a mais simples, como desenho sobre um papel e branco, ou utilizar colagens, reprodução em papelão e outros materiais alternativos.

Esse mapa pode ser enviado para casa, para que os membros da família e da comunidade possam contribuir com a sua construção. A atividade é um ótimo instrumento para perceber a comunidade e o território sob a ótica de seus componentes, e pode servir como prática de escuta.



DICA: O livro O Bairro do Marcelo, da Coleção Marcelo Martelo, de Ruth Rocha, também pode ser usado como guia do tema.



ESCOLA

Minha Escola

A escola é um dos espaços mais importantes para a criança, pois ela está inserida em seu cotidiano e, algumas vezes, é o único lugar de referência para a comunidade, portanto, um espaço focal dentro do território. É preciso ver a escola em toda a sua potencialidade.



Maquete

Para esse tema, é interessante trabalhar a construção de maquetes focadas na edificação da escola, como também de suas imediações. Para o desenvolvimento da maquete e a definição do seu território, é oportuno já iniciar com pequenos inventários e levantamentos, que identificam, no entorno da escola, pontos de referência da comunidade que devem servir como base para a construção das maquetes.

DICA: O livro *A Escola de Marcelo*, da Coleção Marcelo Martelo, de Ruth Rocha, e *O Monstro das Cores Vai à Escola*, de Anna Llenas, também podem ser usados como guias do tema.



Minha Cidade

Nessa etapa, é interessante aplicar a Metodologia Inventários Participativos, do Iphan [4], que vai trazer ferramentas, como fichas e questionários, para um levantamento que considera a realidade local; a diversidade cultural; bem como suas referências identitárias.



Mapas de percepção

A metodologia trabalha com a percepção do ambiente, considerando as referências ambientais da localidade e do município.

Use um mapa básico do município/território. Solicite aos estudantes que indiquem, nesse mapa, os bens culturais e ambientais do município, seguindo como referência os bens já classificados como oficiais, populares, ou mesmo indicados pelos educandos.

Agora que já percorreu a Trilha das Minhas Referências Culturais, chegou a hora de conhecer as propostas de atividades sugeridas para este livro. Esperamos que tenha ótimas vivências relacionadas ao nosso patrimônio.



Sobre o Livro

No livro, inicia-se abordando a economia do café, como essa esculpiu a paisagem urbana do município de Ribeirão Preto e como a sua influência está traduzida nos estilos arquitetônicos dos edifícios retratados. Usar esse material como introdução para falar um pouco sobre a história da cidade e sua formação.

Um conteúdo interessante, que pode ser usado como fonte complementar, é o documentário Filhos do Café.

Para os educandos mais velhos (8º e 9º anos), vale a leitura do livro que leva o mesmo nome, disponível no site da Cocreate: www.cocreateconsultoria.com.br

Para os mais novos, o livro Ribeirão Preto das Crianças, lançado pela Revide, em 2019, e o Uma tarde com Sabor de História, de Tatiana Adas, podem ser utilizados para os anos iniciais do Ensino Fundamental e da Educação Infantil. Os três livros são opções ótimas para trabalhar o tema com as turmas.



O Café

O café é uma bebida quente, estimulante, e muito consumida no Brasil. As frutas cafeeiras são extraídas dos pés, secas, transformadas em grãos e depois torradas. Os grãos escuros são triturados para transformar-se em pó. É quando já está pronto para ser consumido como bebida! A borra de café, que é a sobra do pó úmido, depois de coado, pode ser uma ótima alternativa como recurso de pintura, já que possui um potencial bem interessante de tingimento. Vamos para a sugestão de atividade?

Escolher um tema para a ilustração, que pode ser algo livre ou relacionado com o percurso formativo e separar o seguinte material:

folha de papel grossa
café bem concentrado
água para diluição do café
pincel com cerdas macias
potes ou tampas
tintas e canetas (opcional)

Como preparar

Fazer a seguinte receita de café coado: 25 gramas de café moído para 150 mililitros de água. Separar esse café em potes, ou tampas, e utilizar água para diluir e criar diferentes tonalidades. Escolher sua arte e soltar sua criatividade para obter o efeito de aquarela; começar a pintura utilizando os tons mais claros, e depois use os mais escuros.

Após a secagem do desenho, fique à vontade para utilizar canetas ou outras tintas para finalizar sua arte. Obs.: Espere a secagem da tinta para passar uma nova camada.

Outra opção de atividade é usar a água do café para envelhecer a folha e dar um aspecto de papel antigo. Depois, podem ser propostas atividades de produção de textos, ou cartas encaminhadas a personalidades da história do nosso município.

Outras partes do pé de café, como flores, folhas e frutos, são ótimos elementos investigativos para as crianças pequenas. Quando trituradas, apresentam mais propostas de cores para o projeto.

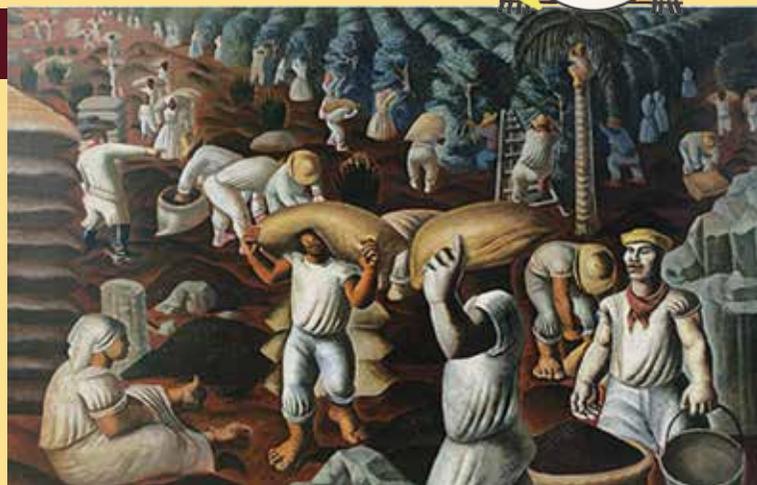


Foto: Acervo pessoal, Mônica Oliveira, 2023.



Café e Arte

O café influenciou a cultura e as artes. Uma das principais obras do artista plástico Cândido Portinari é O Café. O pintor nasceu na região de Ribeirão Preto, na cidade de Brodowski, e lá teve contato com a paisagem rural cafeeira e a retratou em suas obras. Mas o café estava em segundo plano, pois o trabalhador era o ponto central de sua arte. Que tal fazer uma releitura da tela, trazendo elementos da natureza, como folhas, galhos, borra de café, entre outros materiais? Use a sua criatividade!



Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1951/cafe>. Acesso em: 25 de junho de 2023.

Muitos poetas inspiraram-se nos verdes cafezais do nosso município para compor belos versos. Um poeta, em especial, escreveu poemas sobre a cidade, e um deles foi musicado por Diva Tarlá e se tornou o nosso Hino, você sabia disso? Sabe quem era esse poeta? Saulo Ramos, amigo e conterrâneo de Portinari. Com linguagens diferentes, eles retratam a mesma coisa: o café! Agora, leia o hino a Ribeirão Preto:



Retrato de Saulo Ramos, por Cândido Portinari. Disponível em: <https://artsandculture.google>

Que tal ilustrar o hino? Utilizar a técnica de fanzine (imagens, colagens e textos) para ilustrar cada estrofe do poema/hino. Pesquisar sobre a história de Saulo Ramos e da musicista Diva Tarlá, pessoas importantes que fazem parte da nossa cultura!

A minha terra é um coração
Aberto ao sol pelas enxadas
Sangrando amor e tradição
No despertar das madrugadas.

Estrilho

História exemplo, amor e fé
Assim traçamos teu perfil
Ribeirão Preto, terra do café
Orgulho de São Paulo e do Brasil.
Nascestes do destino nacional
Das caminhadas rumo ao Oeste
E ainda guardas o belo ideal
Dessa epopeia em que nascestes.
Ribeirão Preto esse destino
Que consagrou a tua gente
É do trabalho o grande hino
Que há de viver eternamente.

Estrilho

És linda joia no veludo
Dos nossos verdes infinitos cafezais
E se em ti amada terra temos tudo
Ainda procuramos dar-te mais.

Estrilho



Paisagem

A cidade vai alterando as suas características, ao longo do tempo, de acordo com as transformações econômicas, culturais, sociais e estéticas. Essas mudanças são perceptíveis, na paisagem urbana, principalmente quando usamos, como base para essa comparação, o registro. Existem várias formas de marcar uma época, com plantas urbanísticas da cidade; uma pintura; fotografia; filmagem; uma reportagem impressa em jornal; entre outras. Um exemplo dessa transformação urbana é o centro de Ribeirão Preto. Na primeira imagem, é possível ver a Praça XV, nos anos de 1940.



Imagem 1 - Vista aérea da Praça XV de Novembro - Acervo Nicola Tornatore. Disponível em: <https://www.tribunaribeirao.com.br>



A segunda imagem, mais recente, é do ano de 2009. Agora, ao olhar para as duas, sugere-se comparar as figuras. Para ajudar na reflexão, responda às questões norteadoras:



Perguntas geradoras:

Quais são as semelhanças entre as imagens? O que não sofreu alterações, ao longo dos anos?

Quais são as principais mudanças? Você acha que essas alterações são prejudiciais para a cidade?

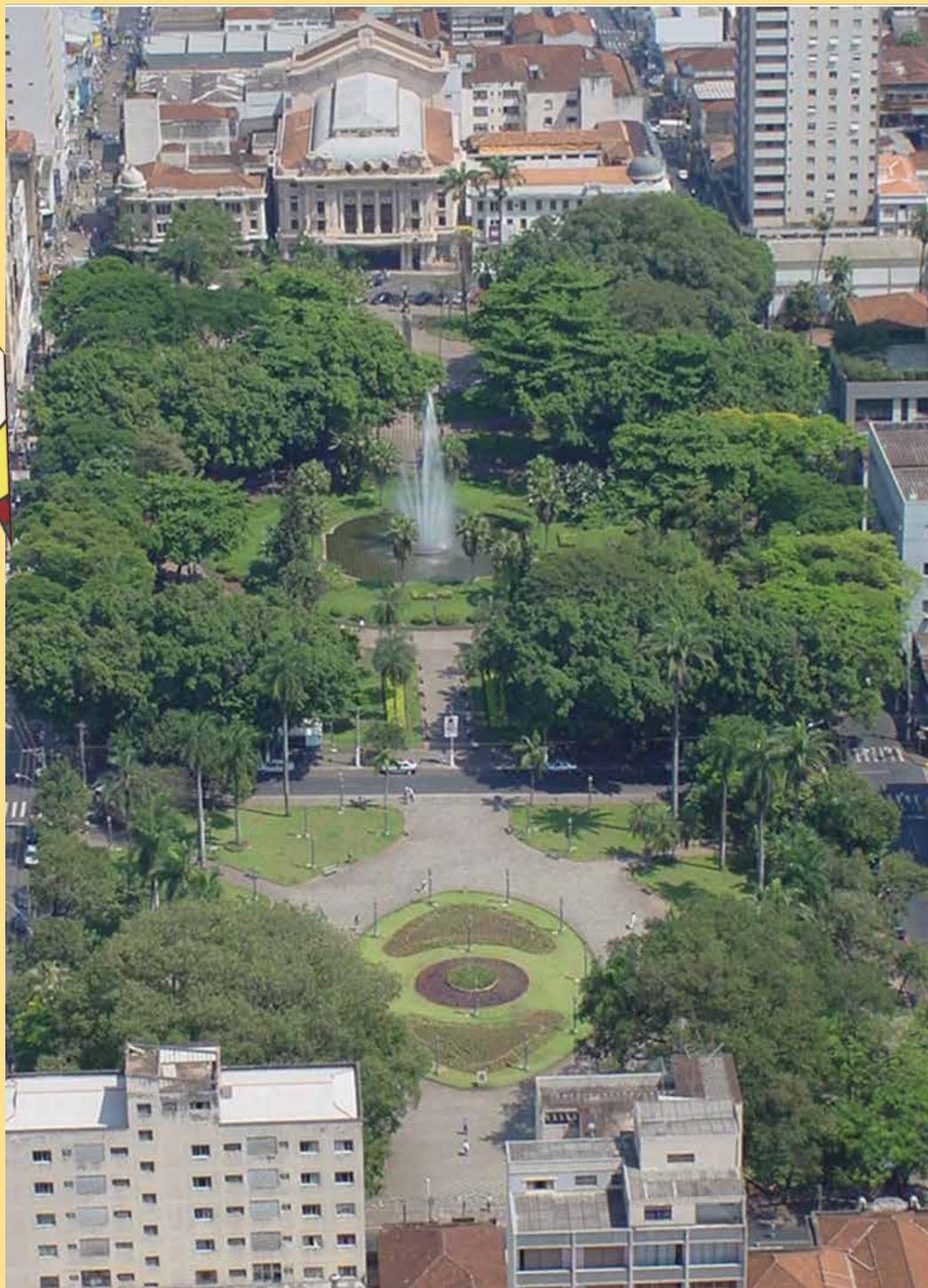


Imagem 2 - Vista aérea da Praça XV de Novembro. Disponível em: <https://guiacidades.wordpress.com/aerea-praca-xv-tiagomorgan/>



Sobreposição de imagens

Para trabalhar com os educandos mais velhos, já imaginou devolver os edifícios demolidos à sua localização anterior? Essa é a proposta da sobreposição de imagens.

Imprimir uma foto da internet ou tirar uma fotografia na sua localidade onde antes havia uma edificação histórica (um exemplo, é o Teatro Carlos Gomes) retratada no livro. Tomar uma imagem do imóvel, recortá-la e remontá-la em seu local original. Outra opção é pintar, bordar, e fazer novas intervenções, nas fotos antigas, trazendo elementos atuais e que façam sentido para você e para o seu grupo. Essa atividade pode ser feita tanto em formato digital quanto em papel. Usar a sua criatividade!



Imagem - Compilado de fotografias com intervenção em bordado e colagem. Disponível em: <https://www.elcolombiano.com/cultura/laura-limon-fotografa>

Morar, habitar, viver!

Na arquitetura mais antiga de Ribeirão Preto, é possível ver vários exemplares de moradias do final do século XIX e início do século XX. Muitos denominados palacetes e casarões foram habitados por famílias ricas e que tinham destaque na sociedade em que viviam. Esse poder refletia-se na forma, no material e no acabamento em que essas casas eram construídas. Embora sejam importantes símbolos da nossa história, não se pode deixar de refletir sobre as questões econômicas dessas construções; sua localização na cidade; e como esses elementos se perpetuam até os dias de hoje e representam a exclusão de ampla parcela da sociedade.

Alguns temas interessantes sugerem essa reflexão, por isso trazemos, aqui, algumas perguntas geradoras, que podem levar o grupo ao debate sobre a ocupação da área; o êxodo rural; a gentrificação; e outros aspectos ligados à cidade:





O que é êxodo? Nome dado para a saída de um grupo de pessoas ou toda uma nação de uma região para outra. No caso proposto aqui, a reflexão deve ser sobre o êxodo da zona rural para a zona urbana.

O que é gentrificação? É um processo de transformação de centros urbanos através da mudança dos grupos sociais ali instalados, onde sai a comunidade de baixa renda e entram moradores das camadas mais ricas. Isso aconteceu, em Ribeirão Preto, no centro da cidade, no início do século XX. O curioso, ao observar a mesma região, é que uma nova gentrificação ocorreu no mesmo lugar, cem anos depois. Os mais ricos, do centro da cidade, foram para a zona sul.

Quais são os aspectos arquitetônicos dos casarões tombados (tamanho, tipo de ornamentação, jardins, materiais, coberturas, etc.)?

Você acredita que moravam muitas pessoas ali dentro?

Todo mundo tinha acesso a uma casa grande igual?

A sua localização na cidade era privilegiada?

Quantos desses casarões possuem nomes de homens? O que isso diz sobre a nossa sociedade?

Hoje ainda existem diferenças na forma de morar e ocupar a cidade?

Todos têm acesso às mesmas coisas, na cidade? (serviço de saúde, alimentação, lazer, educação, etc.)



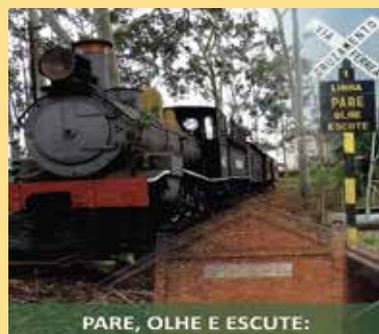
No circuito B deste livro é possível conhecer alguns desses imóveis, através das suas páginas, ou do documentário. Alguns imóveis estão abertos para visita, como são os casos do Palacete Camilo de Matos e da Casa da Memória Italiana. Pesquise sobre o assunto e proponha uma visita técnica ao centro da cidade.

Para as crianças pequenas, o episódio Casarões, do Projeto Nossa Cidade, é um bom instrumento para trabalhar o tema em sala de aula, já que apresenta as edificações de forma lúdica.

Disponível em: <https://www.youtube.com/@nossacidade5529>

Pelos trilhos do trem

O trem foi um dos meios de transporte mais importante para os desenvolvimentos econômico, urbano e cultural do Brasil. Em Ribeirão Preto, foi importante contribuição para a exportação de café, já que ligava a cidade ao porto de Santos. Nas páginas 50 a 57, é possível ver as principais estações de trem do município; sua localização; e o estado de conservação. (se quiser conhecer um pouco mais sobre o assunto, pode acessar o livro Pare, Olhe e Escute, disponível no QR Code ao lado.



A primeira Estação, construída na cidade de forma provisória, estava onde hoje se encontra a Avenida Caramuru, que ficava em frente a um prédio muito significativo para a nossa memória arquitetônica, o Solar Villa Lobos, ou Casa da Caramuru (ver página 68).

O primeiro proprietário do Solar foi André Maria Ferreira Villa Lobos. Esse sobrenome lhe parece familiar? É familiar, né? Nos faz lembrar do músico brasileiro, Heitor Villa Lobos. Sabe o que mais essa história tem a ver com trem? Heitor Villa Lobos compôs uma música chamada Trenzinho Caipira, uma importante composição da nossa cultura musical, que pode ser acessada e apresentada aos educandos pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=1F59ZyO3rLs>.

A história do compositor pode ser assistida pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=Dpx76WJM0t8>

Em 1885, foi inaugurada a Estação Ribeirão Preto - Velha, onde hoje está localizada a rodoviária. O local onde ficava a Rotunda (espaço em que os trens faziam manobras), está o Parque Maurílio Biagi. Em 2023, foi instalada ali, totalmente restaurada, a Maria Fumaça Borsig, que antes ficava na Praça Schmidt (ver página 80), marcando de forma simbólica a história do trem, em Ribeirão Preto.

Que tal programar uma visita ao Parque Maurílio Biagi? Lá, os educandos terão a oportunidade de conhecer as obras do artista Bassano Vaccarini; caminhar pelo parque; e refletir sobre a importância do patrimônio ambiental para o nosso bem-estar, além de contemplar a nossa querida Maria Fumaça!



Bens Imateriais

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito às práticas e aos domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural, ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial.

Nesses artigos da Constituição, é reconhecida a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado, em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos, em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história; gerando um sentimento de identidade e continuidade; contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e criatividade humana.

A Unesco define como patrimônio imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Essa definição está de acordo com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006.

Texto extraído do site do Iphan. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>
Acesso em 7 de julho de 2023.

Você sabia que patrimônio imaterial não se tomba? Mas registra-se!

Sim, é feito um registro da manifestação cultural em sua totalidade e, depois de um tempo, normalmente 10 anos, volta-se para fazer um novo registro e saber se a manifestação se alterou ou não, ao longo do tempo. Isso acontece porque pode sofrer alterações com o passar dos anos. Sugere-se fazer uma dinâmica para entender melhor sobre isso.



Vamos brincar de telefone sem fio com mímica?

Colocar os alunos enfileirados em linha reta, de forma que um fique de costas para o outro, e não consiga ver o que o colega de trás está fazendo. A brincadeira começa quando o mediador sussurra uma palavra para a última pessoa da fileira. Essa pessoa coloca a mão no ombro da pessoa da frente, que se vira, então, ela passa a informação sem dizer uma palavra, só com a mímica. A passagem segue até chegar na primeira pessoa da fileira. Depois, o primeiro aluno, ao receber a palavra, demonstra a mímica original e o último também. Preparem-se para dar muitas risadas!

Essa atividade é interessante para mostrar como a falta de um registro e o tempo pode fazer com que a memória se perca. E como o patrimônio imaterial pode ser alterado com o tempo, já que a preservação depende diretamente do envolvimento da comunidade para o seu desenvolvimento.



Uma Festa Centenária, uma Venda e uma Igrejinha

Você já ouviu falar da Festa da Cruz do Pedro? Uma manifestação que, em 2023, completou 134 anos, e acontece na zona rural de Ribeirão Preto, mais especificamente entre a Fazenda Boa Vista do Quinzinho e a Fazenda Sant'Ana. Vá até a página 130 e conheça a história do menino Pedro e de como a sua trágica morte se tornou uma das celebrações do nosso patrimônio imaterial da cidade mais antigo.

Se quiser conhecer mais sobre a Festa, baixe o livro *O Menino que Virou Festa: a Cruz do Pedro em Ribeirão Preto*, disponível do QR Code ao lado.



O menino que virou festa:
a Cruz do Pedro em Ribeirão Preto



x

Sobre a história, é possível trabalhar vários temas, incluindo:

- A história da escravização no Brasil e em Ribeirão Preto. O menino Pedro era filho de escravizados, nascido por ocasião da Lei do Ventre Livre;
- O trabalho nas lavouras de café;
- A composição da arquitetura rural das Fazendas de Café (complexos e equipamentos e suas tecnologias utilizadas nas construções);
- A imigração de diversos povos na região e as relações de trabalho;
- A importância da religiosidade para a manutenção de algumas manifestações culturais.

Vem aí: Em novembro de 2023, o IPCCIC lançará o Livro e documentário Memórias da Fé.

O livro poderá ser baixado no site: <https://www.portalc.com.br/memóriasfé>
O download do livro em PDF é gratuito.

Importante! Tome cuidado, ao abordar o tema do Menino Pedro em sala de aula; a história tem assuntos sérios, como assassinato; encenação de suicídio; além de tratar de temas relacionados à religiosidade e escravidão.



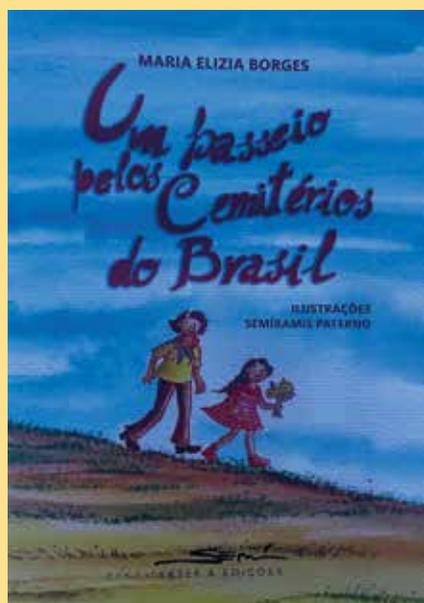
Um Museu a Céu Aberto

O Cemitério da Saudade é um complexo cultural, um museu a céu aberto, que tem em seu interior belíssimas obras esculpidas em mármore, ou em pedra; vários cultos e manifestações religiosas de diversas denominações; celebrações religiosas e civis; além de crenças populares.

Manifestações também ligadas ao patrimônio imaterial, são os ofícios de marmoristas, em sua maioria italianos, e o ofício de cuidadores de túmulos, que tem a missão de manter a última morada dos que já se foram. Na página 101, é possível conhecer um pouco mais sobre esse lugar tão simbólico e cheio de referências culturais.

O cemitério é um lugar de passagem, no bairro Campos Elíseos, um dos bairros mais tradicionais de Ribeirão Preto. Que tal organizar uma visita até o local?

É possível conhecer vários exemplares belíssimos, principalmente na alameda principal, além dos túmulos mais visitados, como o do Menino Zezinho, das Almas e o Cruzeiro. Antes de voltar para a escola, vale uma parada na sorveteria do Geraldo, na Avenida da Saudade!



Para os pequenos, vale a leitura do livro infantil, de Maria Elizia Borges, *Um Passeio pelos Cemitérios do Brasil*, com ilustrações da ribeirão-pretana Semíramis Paterno. É uma delicada história de uma neta e sua avó, que viajam pelas histórias dos cemitérios no Brasil e no mundo.

Proposta de atividade:

Que tal fazer a sua própria escultura?

Quando visitar o cemitério, tirar muitas fotos, escolher um túmulo com escultura, e tentar recriá-la em materiais como argila ou massa de modelar. Fazer uma maquete com a turma e colocar sua escultura e as dos demais colegas e montar a sua própria galeria a céu aberto!



Lembre-se, todas as atividades sugeridas são propostas educativas que podem ser implementadas na íntegra ou adaptadas de acordo com o conhecimento que você tem do perfil da turma. O importante é não perder essa oportunidade. E, se quiser, quem sabe um dia podemos nos encontrar para falar mais sobre patrimônio cultural? Nos siga nas redes sociais, ou escreva para ipccic@ipccic.com.

Bom trabalho.

Índice fotográfico

Capa - da esquerda para a direita, antiga Cervejaria Paulista, atual Estúdio Kaiser de Cinema, antigo Grande Hotel, hoje Centro Cultural Palace, torre da Catedral Metropolitana. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 8 e 9 - uma fiel rezando durante festa religiosa na Cruz do Pedro. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 10 e 11 - detalhe: escultura de mármore do Cemitério da Saudade. Da esquerda para a direita, Avenida Jerônimo Gonçalves, Biblioteca Altino Arantes, Barracão do Ipiranga e Museu de Arte de Ribeirão Preto. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 14 e 15 - detalhe: torre na Igreja Santo Antonio. Das esquerda para a direita, Edifício Meira Júnior, banco da Praça XV de Novembro e fonte da mesma praça. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 17 - vista da cidade de Ribeirão Preto. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 18 e 19 - detalhe, escultura de imigrantes exposta no Museu do Café. Foto Elza Rossato, 2011. Da esquerda para a direita, varanda do Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos do Santos, fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Escola Estadual Othoniel Mota, capela de fazenda localizada em Bonfim Paulista, fotos Elza Rossato, 2011.

Páginas 20 e 21 – foto histórica, legenda na página.

Páginas 22 e 23 – fotos históricas, legendas nas páginas.

Páginas 24 e 25 – foto histórica, legenda na página.

Páginas 26 e 27 – foto histórica, legenda na página.

Páginas 28 e 29 – fotos históricas, legendas nas páginas.

Página 33 – foto histórica, legenda na página.

Páginas 34 e 35 – detalhe, janela do Theatro Pedro II. Da esquerda para a direita, solar Murdocco, Palacete Jorge Lobato. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 36 – foto histórica legenda na página.

Página 37 – imóvel localizado no centro da cidade. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 38 - imóvel localizado no centro da cidade. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 39 – de cima para baixo, detalhe das escadas da parte interior do prédio da SUV – Sociedade União dos Viajantes. Foto Luis Moretti, 2012. Fachada de imóvel localizado no centro da cidade. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 40 - imóvel localizado no centro da cidade. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 41 - imóveis localizados no centro da cidade. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 42 - imóveis localizados na rua José Bonifácio. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 43 – imóvel localizado no centro da cidade. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 44 e 45 – detalhe, torre da Catedral Metropolitana. Da esquerda para a direita, Igreja de Santo Antonio e Igreja São Benedito. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 46 – fotos históricas, legendas na página.

Páginas 48 e 49 –Indicação de 10 igrejas conforme identificação no próprio Mapa. Fonte: Rede de Cooperação Identidades Culturais, 2012.

Páginas 50 e 51 – detalhe, Barracão do Ipiranga. Da esquerda para a direita, Estação Silveira do Val, foto Elza Rossato, 2011. Estação do Alto, foto Guilherme ABC Ischie, 2013, e outras duas fotos da Estação do Val, Elza Rosato, 2011.

Páginas 54 e 55 – janela, chaminé e vista geral, da Estação São Paulo e Minas. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013. Estação da Usina e Estação Figueira, fotos (SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, 2012).

Página 56 – detalhe, Barracão do Ipiranga, foto Guilherme ABC Ischie, 2013. Fotos antigas: Estação Iracema, APHRP, 1910. Estação de Vila Bonfim, acervo de Valter Neves. Estação Francisco Maximiano (SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, 2012).

Página 57 – Estação Joaquim Firmino, Estação Evangelina, fotos (SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, 2012). Estação Santa Tereza, Estação do Alto, Estação Ribeirão Preto, fotos Guilherme ABC Ischie, 2013. Estação do Val, foto Elza Rossato, 2011.

Páginas 58 e 59 – detalhe, Igreja Bom Jesus de Bonfim. Da esquerda para a direita, prédio do Museu Leopoldo Lima, e, na sequência, fachadas de casa no distrito de Bonfim Paulista. Fotos Guilherme ABS Ischie, 2013.

Página 61 – Casas do distrito de Bonfim Paulista. Foto Guilherme ABS Ischie, 2013.

Página 62 e 63 – Casas e seus detalhes de Bonfim Paulista. Fotos Guilherme ABS Ischie, 2013.

Páginas 64 e 65 – detalhe, Prédio Diederichsen. Da esquerda para a direita, Centro Cultural Palace, Palacete Joaquim Firmínio, Palácio Rio Branco. Fotos Guilherme ABS Ischie, 2013. Casa da Saudade 222, foto Ela Rossato, 2011.

Página 68 – foto histórica, legenda na página.

Página 69 – detalhes da casa da Caramuru. Fotos Rita Maria Martin, 2010.

Páginas 70 e 71 – Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos do Santos. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 72 e 73 – Foto da porta do porão do Museu Histórico, foto externa do Museu do Café (escadaria) e fotos internas do Museu do Café. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 74 – Barracão do Ipiranga e detalhes da porta, do trilho e do nome. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 75 – Acima, foto histórica, legenda na página. Abaixo, foto da Avenida Jerônimo Gonçalves. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 76 – Obra de Bassano Vacarini, localizada no Parque Maurílio Biagi. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 77 – da esquerda para a direita, parcial do prédio da Cervejaria Antarctica. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013. Foto histórica, legenda na página.

Páginas 78 e 79 – Torre e chaminé da antiga Cervejaria Paulista. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 80 – Busto de Francisco Schmidt na praça de mesmo nome, na Avenida Jerônimo Gonçalves. Maria Fumaça, localizada na mesma praça, porém, do lado posterior à rua, próxima à Unidade Básica de Saúde. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 81 – Hotel Brasil. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 82 e 83 – Imóveis localizados na rua José Bonifácio. O imóvel da UGT, foto Guilherme ABC Ischie, 2013, as demais, fotos de Elza Rossato, 2012.

Páginas 84 e 85 – Foto histórica, legenda na página. Detalhe da obra de Bassano Vacarini, foto do Guia de Monumentos do APHRP. Fachado do Mercado Central. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 86 e 87 – da esquerda para a direita, Edifício Meira Júnior, prédio onde está instado a Choperia Pinguim, Theatro Pedro II, Centro Cultural Palace. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 88 – à esquerda, abaixo, detalhe externo do Theatro Pedro II, à direita, acima, lampadário e abaixo, detalhe do palco. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 89 – Foto histórica, legenda na página.

Página 90 – Prédio Diederichsen. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 91 – Acima foto histórica, legenda na página. Abaixo, detalhe do banco, foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 92 e 93 – Praça XV de Novembro. Palacete Camilo de Matos. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 94 – Praça Carlos Gomes. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 95 – Fachada e detalhe lateral do Museu de Arte de Ribeirão Preto. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 96 – Acima, detalhe da janela do Palácio Barão do Rio Branco, foto Guilherme ABC Ischie, 2013. Abaixo, foto histórica, legenda na página.

Página 97 – Acima foto histórica, legenda na página. Abaixo, duas obras de Benedito Calixto, localizadas no interior da Catedral Metropolitana. Fotos de Elza Rossato, 2011.

Páginas 98 e 99 – Catedral Metropolitana. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 100 – Obelisco localizado no cruzamento das Avenidas Nove de Julho e Independência. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 101 – Escultura de mármore do Cemitério da Saudade. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 102 e 103 – Esculturas de mármore do Cemitério da Saudade. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 104 e 105 – Igreja Santo Antonio e detalhe. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013. A direita e abaixo, foto histórica com legenda na página.

Página 106 – Foto histórica, legenda na página.

Página 107 – Fonte do amor, na rua Liberdade, na entrada do Bosque e Zoológico Fábio Barreto. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 108 – Esculturas localizadas no Morro de São Bento, em frente ao prédio da Casa da Cultura. Fotos Adriana Silva, 2012.

Página 109 – À esquerda, de cima para baixo, Casa da Cultura, Teatro de Arena, Teatro Municipal. À direita, de cima para baixo, poste dos anos de 1930, detalhe do Teatro de Arena e detalhe do Teatro Municipal. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 110 e 111 – Abaixo, fachadas das sete capelas, acima, fachada do Mosteiro. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 114 – Biblioteca Altino Arantes. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 115 – Palacete Camilo de Matos. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 116 – Palacete Albino de Camargo. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 117 – Solar Francisco Murdocco. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 118 – Palacete Joaquim Firmínio. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 119 – Palacete Jorge Lobato. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 123 – Escultura de Mármore do Ceminétio de Bonfim Paulista. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 124 – Detalhe do paralelepípedo da rua Professor Felizberto Almada de Bonfim Paulista. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 125 – Paróquia Senhor Bom Jesus do Bonfim. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 126 – Antigo prédio da CPFL. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 128 e 129 – Menina olhando a fogueira da Festa da Cruz do Pedro. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 130 e 131 – Cruz do Pedro. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 132 e 133 – Venda do Zé Goleiro. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2012.

Páginas 134 e 135 – Casas da Fazenda Boa Vista do Quinzinho. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2012.

Páginas 136 e 137 – À esquerda, detalhe da Fazenda Boa Vista do Quinzinho. À direita, estrada para a fazenda. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2012.

Páginas 138 a 139 – Poste da década de 1930. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 140 e 141 – À esquerda, detalhes de patrimônio de Ribeirão Preto. Fotos Guilherme ABC Ischie, 2013. À direita, pintura da casa da Caramuru, do artista Beto Cândia, 2012.

Páginas 148 e 149 – Detalhe da obra de Bassano Vacarini, localizada no Parque Maurílio Biagi. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Páginas 150 e 151 – Janela da casa da Caramuru. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 152 – Portão do Palacete Joaquim Firmínio. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 153 – Detalhe da varanda térrea do Museu Histórico. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 154 – Detalhe do portão e da porta da sede da UGT – União Geral dos Trabalhadores. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 155 – Igreja de São Benedito. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 156 – Detalhe da plateia do Theatro Pedro II. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 157 – Porta de imóvel de Bonfim Paulista. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 158 – Porta do Centro Cultural Palace. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 159 – Detalhe do Palácio Rio Branco. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 160 – Detalhe da porta e coluna do Theatro Pedro II. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 161 – Interior da Capela Marista. Foto Elza Rossato, 2011.

Página 162 – Detalhe do portão da Vila Emília, localizado na Avenida Saudade, 222. Foto Elza Rossato, 2011.

Página 163 – Detalhe da obra artística no muro do Clube Sociedade Recreativa, localizado na Avenida Nove de Julho. Foto Elza Rossato, 2011.

Página 164 – Detalhe da fachada do Solar Murdocco. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 165 – Detalhe do paredão de fundo do palco do Teatro de Arena. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Página 166 – Porta da Estação Barracão do Ipiranga. Foto Guilherme ABC Ischie, 2013.

Todas as fotos de 2023 são de autoria do fotógrafo Ibraim Leão.

Referências

- APHRP – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Proc. Adm. n.42/1921.
- Jornal Diário da Manhã, 30 mai. 1948, p. 8; 18 abr. 1952, p. 1; 28 mar. 1952; 08 abr. 1958, p. 1; 26 ago. 1961, p. 5 Edição Especial de Aniversário de Ribeirão Preto; 14 jun. 1979; Edições Douradas, p. 15.
- Levantamento preliminar do histórico da Avenida Nove de Julho. Laudo técnico e histórico de pedido de tombamento. CTA – Corpo Técnico de Apoio do CONPPAC/RP. Ribeirão Preto, 02 mar. 2004.
- Mercado Municipal. Laudo técnico e histórico de pedido de tombamento. CTA – Corpo Técnico de Apoio do CONPPAC/RP. Ribeirão Preto, 2009.
- Matriz Santo Antônio de Pádua. Laudo técnico e histórico de pedido de tombamento. CTA – Corpo Técnico de Apoio do CONPPAC/RP. Ribeirão Preto, 2010.
- Desenvolvimento de Obras Públicas. Dossiê Urbano e Rural (1948-1953). Caixa 15, documentos originais.
- JORNAL A TARDE. 8 de novembro de 1945, pag. 3. (Sociais: anunciando aniversário de Albino Camargo Neto, com foto).
- JORNAL DIARIO DA MANHÃ. 26 de agosto de 1961, pag. 5 (Necrologia: falecimento da esposa de Camargo Neto em 25/11/1961).
- Relatório da Intendência de 1896, p. 9.
- Caixa nº 70, registro nº 615.
- A CIDADE. Jornal do Centro. Biblioteca Cultural Altino Arantes conserva época de ouro da cidade. Ribeirão Preto, fevereiro, 2004. Ano 1. n. 01. p.10.
- BARROS, Artur C. F. de e RESENDE, Carmen Luiza Resende. Companhias de reis em Ribeirão Preto: relatos de devoção e fé. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.
- BORGES, M. E. Arte Funerária no Brasil (1890-1930). Ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002, p. 272 a 273.
- Arte tumular: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira República. 1991. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 1991, Vol. I E II
- A Pintura na Capital do Café: sua história e evolução no período da Primeira República. Dissertação (Mestrado em Ciências). Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Instituição Complementar da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983. 210 p.
- CALIL Júnior, Ozório. O centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e setorização. 2003. 209f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos-SP, 2003.

CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. Memória – As Legislaturas Municipais de 1874 a 2004. Ribeirão Preto: Villimpres, 2004. 2.ed. Pag. 35 e 38.

CAMARGO, Ana Carolina de F.X. Cinco Casarões do Patrimônio Arquitetônico de Ribeirão Preto: Diretrizes para novos usos e conservação. [s.n.], Ribeirão Preto, 2002.

CAMARGO, Ana Carolina de Faria Xavier. Cinco casarões do patrimônio arquitetônico de Ribeirão Preto: diretrizes para novos usos e conservação. [s.n.], Ribeirão Preto, 2002.

CICCACIO, Ana Maria. Theatro Pedro II: espaço reconquistado: reforma, restauro, modernização. Ribeirão Preto, SP: São Francisco Gráfica e Editora, 1996.

CIONE, R. História de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: IMAG, 1987, vol. III.

História de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1997, vol. V.

CODERP - Companhia de Desenvolvimento Econômico. Mercado Municipal. Disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/coderp/mercado/i01mercado.php>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

CORREIA, Telma de Barros. O Art Decó na arquitetura brasileira. Revista UFG, julho/2010.

COSTA, Natália Alexandre; BORTOLUCCI, Maria Ângela Pereira de Castro. Cotidiano do imigrante e estruturação espacial das colônias nas fazendas de café de Ribeirão Preto. ESC-USP. Disponível em: <http://www.arquitetura.eesc.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/01510.pdf>. Acesso em: 13/12/2011

CUNHA, Marcos Vinicius da. Educação e Política em Ribeirão Preto – a fundação e os primeiros anos do Ginásio do Estado. Pag. 32 (texto digitado).

DE SICCO, Vanessa. Revitalização Hotel Brasil: Projeto e Iluminação. Ribeirão Preto, 2009. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Centro Universitário Moura Lacerda.

FARIA, Rodrigo Santos de. Ribeirão Preto, a cidade em construção: o discurso da higiene, beleza e disciplina na modernização Entre Rios [1895-1930]. São Paulo: Annablume, 2010.

FERREIRA, Fernando Gobbo. Arte/Arquitetura/Cidade. [s.n.], Ribeirão Preto, 2010.

FIUZA, GUIMARÃES, MORETTI, OLIVEIRA. De Viaduto a Bonfim Paulista: memória, arquitetura e identidade. Instituto do Livro, Ribeirão Preto, 2012.

FLORIDA, Richard. A ascensão da classe criativa. L&pm Editores. 2010.

FREITAS, Nainôra Maria Barbosa. A criação da Diocese de Ribeirão Preto e o governo do primeiro bispo: Dom Alberto José Gonçalves. Tese (Doutorado em História), Unesp : Franca: 2006.

FURTADO, C. Introdução ao desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000

GAETA, Maria Aparecida Junqueira da Veiga Gaeta. A Flor do Café e o Caldo de Cana. Os caminhos

de Sinhá e Quito Junqueira. Ribeirão Preto: Fundação Sinhá Junqueira, 1993, 99 p.

GARREFA, Fernando. O comércio varejista e sua arquitetura. In: Arquitetura do comércio varejista em Ribeirão Preto: a emergência e a expansão dos shoppings centers. 2002. 171.f. p. Dissertação - Faculdade de arquitetura e urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 88-153.

GRUPO AMIGOS DA FOTOGRAFIA. O Passado Manda Lembrança, volume especial III. Ribeirão Preto, SP: Villimpress, 2010.

GUAZZELLI, Aurélio Manoel Corrêa; FERREIRA, Delson; CASTRO, Marcos Câmara de; MOLINA, Sandra Rita. O menino que virou festa: a Cruz do Pedro em Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012, Coleção Identidades Culturais, nº 9.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. O palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira: 1867-1918. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HOWKINS, John. The Cretave Economy, Penik USA, 2001.

KLAMER, Arjo. Value of Culture. Michigan University. 1997.

JURKEVICS, Vera Irene. Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular. 2004 (tese de doutorado) - UFPR: Curitiba.

MATTOS, José Américo Junqueira de. Família Junqueira: sua história e genealogia. Ed. Família Junqueira Ltda., 2004. P. 478-479.

MELO, Luís Correia de. Dicionário de Autores Paulistas. São Paulo, 1954. Pag. 118.

MINISTÉRIO DA CULTURA – Plano da Secretaria da Economia Criativa – Políticas, Diretrizes e Ações – 2011 a 2014. www.minc.gov.br.

MIRANDA, José Pedro. Breve Histórico de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Diretoria dos Museus Municipais de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, s/d. (datilografado).

Informações sobre as Sete Capelas, Antigo hospital de italianos em Ribeirão Preto. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Biblioteca de Apoio, registro n. 281, cx. 25.

NASCIMENTO, Willian Giovani. Intervenção em Patrimônio Histórico de Ribeirão Preto o caso do Edifício Diederichsen. [s.n.], Ribeirão Preto, 2009.

PORTO, M.S. Banco de Dados: Biografia e Genealogia dos Governantes de Ribeirão Preto (Poder Executivo e Legislativo). Ribeirão Preto: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. 2002-2008. (arquivo digital - em desenvolvimento).

PRATES, Prisco da Cruz. Ribeirão Preto de Outrora. 3ª Edição, Ribeirão Preto: Gráfica Bandeirante, 1971.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Guia da Arquitetura Art Decó no Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Urbanismo: Editora Casa da Palavra, 2000.

Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto Secretaria da Administração. CONPPAC. Processo: 02 2006

008166 6 (administrativo) Entrada: 03/02/2006 – Protocolo: PMRP/ Geral. Tombamento Definitivo de edifício MARP, p. 3- 7, 26 – 28.

Processo: 02 2005 031909-0 (Administrativo). Entrada: 19/08/2005. Tombamento definitivo do Palacete Camilo de Mattos, p. 1-5.

Livro Tombo, volume I. Processo nº: 02 2007 001653 0, 2008.

Relatórios de Prefeitos – 1896 – 1987. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo PM. Secretaria da Administração. Processo nº: 02 2009 015342 8, entrada 2 de abril de 2008. Tombamento provisório do Hotel Brasil, folha nº 8.

Processo de Tombamento do Cemitério da Saudade n. 02 2009 052822-7 (Interno). Secretaria Municipal da Cultura de Ribeirão Preto/CONPPAC/RP.

REGISTRO, T. C. O Cemitério da Saudade de Ribeirão Preto. Trabalho de conclusão do curso “A Dimensão Histórica da Morte Burguesa nos Séculos XIX e XX”, ministrado pela Profa. Dra. Maria Elízia Borges, UNESP -Franca, 1994.

Relatório da Presidência da Câmara de 1925, p. 10.

REIS, Ana Carla Fonseca Org. Economia criativa : como estratégia de desenvolvimento : uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo. Itau Cultural, 2008.

REVIDE. Transporte. Ribeirão Preto: São Francisco Gráfica e Editora, s/d. Fasc. 20. Sete Capelas. 2.000.

ROMANO, Costábile. Relatório 1956-1958. APHRP.

ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira; REGISTRO, Tânia Cristina. Ruas e caminhos: um passeio pela história de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Editora e Gráfica Padre Feijó, 2007. 492 p.

SANTA CASA. Plantas e elevações do Edifício Diederichsen. Ribeirão Preto, 2008.

SANTOS, P. T. dos. Ribeirão Preto histórico e para a história. Ribeirão Preto, 1948. (datilografado).

SILVA, A.; ROSA, L.R.O. Filhos do Café – Ribeirão Preto da Terra Roxa – Tradicional em ser moderna. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.

SILVA, A; ROSA, L. R. O. (Org.). Patrimônio cultural do café da terra vermelha. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012.

SILVA, Eder Donizete. A História contada através da Arquitetura de uma Rua. Ribeirão Preto, 2011.

SOBREIRA, Márcia Regina Nava. A religiosidade Popular: a prática do culto aos mortos “milagreiros” em Bauru. UNESP: Assis, 2002

SUNEGA, Renata Alves. Quarteirão Paulista: um conjunto harmônico de edifícios monumentais. Campinas, SP. [s.n.], 2003.

TOGNETTI, D. Miniato M. 60 anos de Apostolado dos Monges Beneditinos da Congregação de

Nossa Senhora de Monte Oliveto em Ribeirão Preto S.P. (1919-1979). 1985. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

VALADÃO, Valéria de Campos Verdes. Memória Arquitetônica de Ribeirão Preto. Planejamento Urbano e Política de Preservação. Dissertação (Mestrado em História). UNESP – Campus de Franca, 1997. 269 p.

VIANA, Roberto dos Santos; ANDRADE, Solange Ramos de. Manifestações populares do catolicismo em Maringá: o culto ao “Santo” lô. In: Revista Brasileira de história das religiões – ANPUH. Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. ISSN 1983-2859. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 10 out. 2011.

VICHNEWSKI, Henrique T. Plano de Diretrizes Urbanas para o Distrito de Bonfim Paulista. Ribeirão Preto: Vão Livre Arquitetura, 2012.

Z Aidan, Rosana. Catedral Metropolitana de São Sebastião. Ribeirão Preto: Ed. Coruja, 2011.

ZALUAR, Alba. Os Homens de Deus, um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ZANFERDINI, F. A. M. Autos nº 01/00. Ribeirão Preto, 19 ou. 2006.

Referência complementar

CARVALHO, R.; MARQUES, T. A evolução do conceito de paisagem cultural. Revista de Geografia e Ordenamento do Território. março 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332099320_A_evolucao_do_conceito_de_paisagem_cultural. Acesso em: 19 jun. 2023.

IPHAN. Paisagem cultural. Disponível em: <https://encurtador.com.br/lyzCZ>. Acesso em: 19 jun. 2023.

JONES, M. The concept of cultural landscape: discourse and narratives. 2003. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-017-0189-1_3. Acesso em: 19 jun. 2023.